

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO DE
AMBIENTE E SAÚDE**

CLEIDE DENISE WASKIEVICZ

MATERNIDADE E TRABALHO: PERCURSOS E DILEMAS

Lages (SC), 2015

CLEIDE DENISE WASKIEVICZ

MATERNIDADE E TRABALHO: PERCURSOS E DILEMAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ambiente e Saúde, da Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC, para obtenção do título de mestre em Ambiente e Saúde.

Área de concentração: Ambiente, Sociedade e Saúde

Professora Orientadora: Dra. Lilia Aparecida Kanan

Professora Co-orientadora: Dra. Everley Rosane Goetz

Lages (SC), 2015

Ficha Catalográfica

W312m

Waskiewicz, Cleide Denise.

Maternidade e trabalho: percursos e dilemas /
Cleide Denise Waskiewicz.-- Lages (SC), 2015.
167p.

Catarinense.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto

Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde da
Universidade do Planalto Catarinense.

Orientadora: Lilia Aparecida Kanan.

Coorientadora: Everley Rosane Goetz.

1. Comportamento materno. 2. Trabalho feminino.
3. Família. I. Kanan, Lilia Aparecida. II. Goetz, Everley
Rosane. III. Título.

CDD 305.42

(Elaborada pelo Bibliotecário José Francisco da Silva - CRB-14/570)

CLEIDE DENISE WASKIEVICZ

MATERNIDADE E TRABALHO: PERCURSOS E DILEMAS

**Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde da
Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC**

Comissão Examinadora

Prof^ª Dr^ª Lilia Aparecida Kanan - orientadora: _____

Prof^ª Dr^ª Everley Rosane Goetz - coorientadora _____

Prof^ª Dr^ª Dorian Mônica Arpini _____

Prof^ª Dr^ª Marilu Diez Lisboa _____

Prof^ª Dr^ª Juliana C. L. Reckziegel - suplente: _____

Lages -SC, Março de 2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Sérgio e Nadir, que desde sempre me incentivaram a estudar e ter uma carreira, mas sem deixar de valorizar a família, o cuidado e o convívio.

À minha família, meu marido Igor e minhas filhas Marina e Gabriela, minhas fontes de preocupação e inspiração permanentes.

À minha orientadora Dr^a Lilia Aparecida Kanan e à minha coorientadora Dr^a Everley Rosane Goetz que mesmo de longe se fez presente em todos os passos desta caminhada.

Às famílias participantes desta pesquisa, pela abertura e confiança em mim depositadas.

Às minhas amigas Gisele Pontin, Mari Lucia Campos, Luciana Cruz Garbelotti, Juliana de Oliveira e Candice Abella, pelas palavras e pela ajuda.

Aos professores e colegas de mestrado pelos momentos vividos juntos, pelos saberes compartilhados e pelas amizades que ficaram.

Muito obrigada!

RESUMO

O objetivo do estudo foi investigar a relação entre maternidade e trabalho através dos fatores que levam as mulheres profissionais a priorizarem a carreira ou a família. Pesquisa de levantamento, qualitativa, realizada com dois grupos de casais, sendo que em um as mulheres interromperam suas carreiras para cuidar dos filhos e noutro as mulheres mantiveram-se atuantes profissionalmente após a licença maternidade. Por meio de um questionário foram levantados dados sociodemográficos, estilo de vida, facilidades e dificuldades encontradas nos modos de vida no que diz respeito à decisão tomada e fatores que determinaram a decisão da mulher interromper suas atividades profissionais em prol dos cuidados com os filhos e com a família, com relação às que mantiveram sua vida profissional. Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo foi conhecer a história da posição social da mulher, considerando a importância de sua atuação nos cuidados com a família e de sua escalada em busca de reconhecimento profissional, para entender as dificuldades encontradas no desempenho da dupla jornada. Para tanto, foi verificada a complexidade da atribuição de papéis no que diz respeito ao ambiente e ao estilo de vida da mulher na contemporaneidade. Como resultados principais, observou-se que são intensas as transformações no universo feminino nas últimas décadas e conciliar o desenvolvimento de uma carreira e a constituição de uma família, é uma tarefa complexa, pois envolve uma série de fatores. As mudanças nos papéis feminino e masculino progridem apesar da mulher manter-se como a responsável pelos cuidados com a casa e com os filhos. Elas estão se tornando também as principais provedoras do lar, em contrapartida os homens participam mais dos cuidados com os filhos. Apesar da mulher estar cada vez mais independente financeira e afetivamente, ainda persiste o sentimento de culpa ao fazer determinadas escolhas, como por exemplo aquelas que envolvem os filhos. Pode-se concluir que a mulher profissionalizou-se e substituiu parcialmente o ideal feminino da maternidade. Ela está ganhando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, mas continua sendo responsável pelo lar, pelos filhos e familiares. Hoje a mulher deseja realizar-se profissional e pessoalmente e sua independência financeira possibilitou maior autonomia, elevando sua sensação de poder e autoestima, o que promoveu até uma melhora na sua saúde mental, em função de estabelecer vínculos afetivos mais saudáveis e positivos, inclusive com seus filhos.

Palavras-chave: Mulher. Carreira. Maternidade. Família

RESUMEN

El objetivo del estudio fue investigar la relación entre maternidad y trabajo a través de los factores que llevan a las mujeres profesionales a priorizar la carrera o la familia. Pesquisa de levantamiento, cuali-cuantitativa, realizada con dos grupos de parejas, siendo que en uno las mujeres interrumpieron sus carreras para cuidar de los hijos y en el otro las mujeres se mantuvieron actuantes profesionalmente después de la licencia maternidad. Por medio de un cuestionario fueron levantados datos sociodemográficos, estilo de vida, facilidades y dificultades encontradas en los modos de vida en lo que se refiere a la decisión tomada y a los factores que determinaron la decisión de la mujer de interrumpir sus actividades profesionales en beneficio de los cuidados con los hijos y con la familia, con relación a las que mantuvieron su vida profesional. Primeramente fue realizada una pesquisa bibliográfica, cuyo objetivo fue conocer la historia de la posición social de la mujer, considerando la importancia de su actuación en los cuidados con la familia y de su escalada en la búsqueda de reconocimiento profesional, para entender las dificultades encontradas en el desempeño de la doble jornada. Para tanto, fue verificada la complejidad de la atribución de papeles en lo que se refiere al ambiente y al estilo de vida de la mujer en la contemporaneidad. Como resultados principales, se observa que son intensas las transformaciones en el universo femenino en las últimas décadas y conciliar el desarrollo de una carrera y la constitución de una familia, es una tarea compleja, pues envuelve una serie de factores. Los cambios en los papeles femenino y masculino avanzan a pesar de la mujer mantenerse como la responsable por los cuidados con la casa y con los hijos. Ellas se están volviendo también las principales proveedoras del hogar, en contrapartida los hombres participan más de los cuidados con los hijos. A pesar de la mujer estas cada vez más independiente financiera y afectivamente, todavía persiste el sentimiento de culpa al hacer determinadas elecciones, como por ejemplo aquellas que envuelven sus hijos. Se puede concluir que la mujer se profesionalizó y substituyó parcialmente el ideal femenino de maternidad. Ella está ganando cada vez más espacio en el mercado de trabajo, pero continúan siendo responsables por el hogar, los hijos y familiares. Hoy la mujer desea realizarse profesional y personalmente y

su independencia financiera posibilitó mayor autonomía, elevando su sensación de poder y autoestima, lo que promovió también una mejora en su salud mental, en función de establecer vínculos afectivos más saludables y positivos, inclusive con sus hijos.

Palabras Claves: Mujer. Carrera. Maternidad. Familia.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the relation between maternity and work through factors which leave women to prioritize their jobs or families. It was performed a qualitative and quantitative approach with two groups of couples: in a group, women have interrupted their working careers for the sake of child bearing; in the other, women have returned work after maternity leave. Through a questionnaire, it was obtained socio-demographic and lifestyle data, facilities and difficulties found on lifestyles concerning decisions taken and factors which have determined women's decision in discontinuing their jobs for taking care children and family, in relation to those women who have maintained their professional careers. First of all, it was performed a bibliographical research to know the history of woman's social status considering her performance on childcare and her fight for professional recognition, in order to understand the matters found in double shift. Thus, it was verified the complexity of women's assignment of roles and environment and life style of the modern woman. As main results, it was observed there was intense transformation in female universe during the last decades, and to balance between job development and family constitution is a complex matter due to the involvement of important factors. Changes in men's and women's roles have been making progress, but women are still the responsible for home and childcare, and many of them are the main home provider and, in contrast, men are playing a more active part on childcare. Although women have been more independent financially and affectively, sense of guilty still persists when taking certain decisions, as those involving children. It is possible to conclude that women have professionalized and partially replaced maternity as a female model. They have been increasingly gaining space on the labor market, but they also are responsible for home, children and relatives. Nowadays, women want professional and personal achievement, and their financial independence ensures autonomy, increasing their power and self-

esteem, so promoting a better mental health due to the establishment of more positive and healthy emotional links, including their children.

Keywords: Women. Career. Motherhood. Family.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. ARTIGO 1	17
MATERNIDADE E TRABALHO: PERCURSOS E DILEMAS	17
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
4. ARTIGO 2	40
MATERNIDADE E TRABALHO: A CARREIRA E A FAMÍLIA EM DISCUSSÃO	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS	78
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
APÊNDICE	90
APÊNDICE A	91
TCLE.....	91
APÊNDICE B	94
QUESTIONÁRIO COM A MULHER GRUPO A	94
APÊNDICE C	95
QUESTIONÁRIO COM O HOMEM GRUPO A	95
APÊNDICE D	96
QUESTIONÁRIO COM A MULHER GRUPO B	96
APÊNDICEE	97
QUESTIONÁRIO COM O HOMEM GRUPO B	97
APÊNDICE F	98
TRANSCRIÇÃO QUESTIONÁRIOS MULHERES GRUPO A	98
APÊNDICE G.....	116
TRANSCRIÇÃO QUESTIONÁRIOS HOMENS GRUPO A	116
APÊNDICE H.....	130
TRANSCRIÇÃO QUESTIONÁRIOS MULHERES GRUPO B.....	130
APÊNDICE I	151
TRANSCRIÇÃO QUESTIONÁRIOS HOMENS GRUPO B.....	151
ANEXOS.....	166
ANEXO A	167

1. INTRODUÇÃO

As mudanças e transformações no mundo são constantes e se auto influenciam conforme as pessoas tomam decisões e alteram comportamentos. No mundo feminino as transformações das últimas décadas, principalmente do final do século passado, promoveram mudanças no ritmo e estilo de vida das famílias e por consequência, de todos os seus integrantes (DESSEN E GUEDÉA, 2005).

Segundo Teruya (2000), Polonia, Dessen e Silva (2005), Diniz Neto e Férez-Carneiro (2005) e Nascimento (2006), a mulher sempre trabalhou, mas sua saída para o mercado de trabalho, repercutiu nas empresas e na organização familiar, promovendo rearranjos e levantando a necessidade constante de conciliar a carreira com a maternidade e os cuidados com a família. Nos últimos anos tem se observado que, para algumas mulheres, a árdua tarefa de conciliar esses papéis dá lugar à opção de cuidar pessoalmente dos filhos, o que representa a interrupção temporária de sua carreira ou a adaptação de sua rotina de trabalho. Percebe-se que a sociedade, de modo geral, considera o fato de a mulher trabalhar fora de casa como decorrência natural e nestes termos, romper com tal ‘previsão’ parece representar uma mudança relevante.

É de conhecimento comum que as famílias investem argumentos, dinheiro e dedicação para que seus filhos estudem e tenham uma vida melhor que a de seus pais. Os valores atribuídos pelas famílias de origem às formas de realização pessoal são, de alguma forma, fios condutores para as expectativas de felicidade. Atualmente ter uma profissão que garanta a independência financeira e constituir uma família são consideradas formas de atingir a satisfação e a realização pessoal (SMEHA E CALVANO, 2009).

Ao constituir uma família, a mulher pós-moderna se depara com demandas decorrentes dessa decisão, nem sempre fáceis de serem administradas, principalmente devido à supervalorização da felicidade pregada nos dias atuais, que exige o melhor desempenho em todas as áreas da vida (FREIRE FILHO, 2010). Somado a isso a mulher cresceu ouvindo um discurso sobre a mãe perfeita que deveria ser e o que ocorre quando o bebê nasce pode ser um pouco diferente disso, fazendo com que sentimentos contraditórios apareçam e povoem a mente inquieta feminina (AZEVEDO e ARRAIS, 2006). No entanto, algumas condições da vida pós-moderna podem contribuir para uma melhor qualidade de vida e bem estar da mulher e consequentemente de suas

famílias.

Dentre estes fatores pode-se destacar a crescente participação do homem nas atividades da casa e no que diz respeito ao cuidado com os filhos (SUTTER e BUCHER-MALUSCHKE, 2008); as novas possibilidades de satisfação e realização pessoal que se revelam às mulheres (SMEHA E CALVANO, 2009); a consciência de que atender a todas as demandas dos filhos não é bom para o desenvolvimento saudável deles (WINNICOTT, 2006); a facilidade de adaptação da mulher às novas formas de carreira que se organizam no mercado de trabalho (HALL, ARTHUR e LAWRENCE, 1989); saber que a qualidade do convívio e dos vínculos é mais importante para o desenvolvimento humano do que a quantidade (Anderson, 1980) e que uma mulher satisfeita interage melhor com seus filhos (HOFFMAN, 1977).

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral investigar as relações entre maternidade e trabalho em mulheres de classe social média ou alta, por meio dos fatores que as levam a escolher dedicar mais tempo à sua carreira ou à sua família. Primeiramente, para conhecer o percurso dos valores sociais e culturais historicamente construídos que motivaram a trajetória profissional e pessoal da mulher, foi realizada uma revisão bibliográfica por meio da busca pelos descritores ‘mulher’, ‘maternidade’, ‘carreira’ e ‘trabalho’ nas bases de dados Scielo e Periódicos Capes, além de busca livre e da leitura de autores clássicos com obras publicadas desde 1884 (Engels, Bronfenbrenner, Ariès, Bruschini, Langer).

Para responder aos objetivos específicos deste trabalho: (a) identificar características e motivação da mulher que interrompe sua carreira profissional após o nascimento dos filhos e da que continua trabalhando; (b) conhecer os aspectos positivos e negativos consequentes das decisões; e (c) comparar as percepções interfamiliares com relação à decisão tomada, foi realizada uma pesquisa com famílias de um município da região serrana do Estado de Santa Catarina.

As hipóteses levantadas são: (a) as mulheres que optam por ficar em casa cuidando dos filhos estão, de modo geral, mais satisfeitas do que aquelas que fizeram a opção de retornar ao trabalho e (b) retomar o trabalho representa fator gerador de satisfação às mulheres que fizeram esta escolha, quando comparadas com aquelas que resolveram interromper suas carreiras.

A literatura que trata sobre a mulher que opta por interromper sua carreira em função dos filhos ainda é incipiente e as questões referentes ao universo feminino merecem ser aprofundadas com vistas a minimizar

os dilemas e dificuldades da conciliação dos complexos papéis e de suas demandas. Portanto, esta pesquisa pretendeu dar maior visibilidade à esta lacuna no conhecimento já produzido, de modo a se conhecer melhor essa condição feminina e os valores que circundam as decisões familiares. A revisão teórica desta pesquisa é apresentada, a seguir, na forma de artigo científico.

2. ARTIGO 1

MATERNIDADE E TRABALHO: PERCURSOS E DILEMAS¹

Cleide Denise Waskievicz²
Líliá Aparecida Kanan³
Everley Rosane Goetz⁴

RESUMO

O objetivo desta pesquisa que assume o caráter bibliográfico é dar visibilidade à história da posição social da mulher, considerando a importância de sua atuação nos cuidados com a família e de sua escalada em busca de reconhecimento profissional, para entender as dificuldades encontradas no desempenho da dupla jornada. Para tanto, foram selecionados livros e artigos que tratam da complexidade da atribuição de papéis e que dizem respeito ao ambiente e ao estilo de vida da mulher na contemporaneidade. Os artigos foram selecionados nas bases de dados Scielo e Periódicos Capes, por meio dos descritores mulher, maternidade, carreira e trabalho, além de busca livre e da leitura de autores clássicos. Os resultados são sugestivos de intensas

¹Artigo produzido em conformidade às normas para publicação da Revista Interthesis: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis>.

²Discente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ambiente e Saúde – PPGAS da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Email: cleidew@hotmail.com

³Orientadora. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ambiente e Saúde – PPGAS da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Email: lilia.kanan@gmail.com

⁴Co-Orientadora. Professora Visitante da Universidade Federal de Santa Maria e Docente Colaboradora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ambiente e Saúde – PPGAS da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Email: eve.goetz35@gmail.com

transformações no universo feminino nas últimas décadas e das dificuldades em conciliar o desenvolvimento de uma carreira e a constituição de uma família, é uma tarefa complexa, pois envolve uma série de fatores. A vivência atual das mulheres é fruto de um percurso histórico, que influenciou e modificou a organização familiar, tanto que, atualmente não existe um padrão de referência na estrutura da família, as formas são variadas, flexíveis e igualitárias. A mulher profissionalizou-se e substituiu parcialmente o ideal feminino da maternidade. Concluiu-se que as mulheres estão ganhando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, mas continuam sendo responsáveis pelo lar, pelos filhos e familiares. Hoje a mulher deseja realizar-se profissional e pessoalmente e sua independência financeira lhe permite mais autonomia, eleva sua sensação de poder e autoestima, o que resulta até uma melhora na sua saúde mental, em função de estabelecer vínculos afetivos mais saudáveis e positivos, inclusive com seus filhos.

Palavras Chave: Mulher. Carreira. Trabalho. Maternidade. Família.

ABSTRACT

The objective of this bibliographical research was to give visibility to the history of woman's social status considering her performance on childcare and her professional life, in order to understand the matters found in double shift. So, it was selected books and articles on the complexity of women's assignment of roles and environment and life style of the modern woman. Articles were selected from Scielo and Capes journals through the descriptors woman, maternity, professional life and work, as well through free search of classical authors. Results were suggestive of intense transformation in female universe during the last decades and difficulties to balance the development of professional and family life, due to its complexity and the involvement of important factors. Women's current experience is the result of a historical path which influenced and modified family organization, so much that nowadays there is no reference pattern in family structure, but it is diverse, flexible and egalitarian. Women have professionalized and partially replaced maternity as a female model. It is concluded women have been increasingly gaining space on the labor market, but they also are responsible for home, children and relatives. Nowadays, women want professional and personal achievement, and their financial independence ensures autonomy, power and self-esteem to them, so resulting in a better mental health due to the establishment of more

positive and healthy family emotional links.

Keywords: Women. Career. Work. Motherhood. Family.

RESUMEN

El objetivo de esta pesquisa que asume el carácter bibliográfico es dar visibilidad a la historia de la posición social de la mujer, considerando la importancia de su actuación en los cuidados con la familia y de su escalada en busca de reconocimiento profesional, para entender las dificultades encontradas en el desempeño de la doble jornada. Para tanto, fueron seleccionados libros y artículos que tratan de la complejidad de la atribución de papeles y que dicen a respecto del ambiente y del estilo de vida de la mujer en la contemporaneidad. Los artículos fueron seleccionados en las bases de datos Scielo y periódicos Capes, por medio de los descriptores mujer, maternidad, carrera y trabajo, además de búsqueda libre y de la lectura de autores clásicos. Los resultados son sugestivos de intensas transformaciones en el universo femenino en las últimas décadas y de las dificultades de conciliar el desarrollo de una carrera y la constitución de una familia, es una tarea compleja, pues envuelve una serie de factores. La vivencia actual de las mujeres es fruto de un recorrido histórico, que influyó y modificó la organización familiar, tanto que, actualmente no existe un padrón de referencia en la estructura de la familia, las formas son variadas, flexibles e igualitarias. La mujer se profesionalizó y substituyó parcialmente el ideal femenino de maternidad. Se concluye que las mujeres están ganando cada vez más espacio en el mercado de trabajo, pero continúan siendo responsables por el hogar, por los hijos y familiares. Hoy la mujer desea realizarse profesional y personalmente y su independencia financiera le permitió mayor autonomía, elevando su sensación de poder y autoestima, lo que promovió también una mejora en su salud mental, en función de establecer vínculos afectivos más saludables y positivos, inclusive con sus hijos.

Palabras Clave: Mujer. Carrera. Trabajo. Maternidad. Familia.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer da história, as mudanças ocorrem de forma gradual e

avançam conforme os novos valores angariam adeptos. A mulher sempre trabalhou e sua entrada no mercado de trabalho não foi repentina. Até hoje traz repercussões nas empresas e na organização familiar, promovendo rearranjos e levantando a necessidade constante de conciliar a carreira com a maternidade e os cuidados com a família. Ao se considerar este panorama, esta revisão bibliográfica sobre os subtemas que envolvem as decisões femininas objetiva conhecer o percurso dos valores sociais e culturais historicamente construídos que motivam a trajetória profissional e pessoal da mulher. Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma busca nas bases de dados Scielo e Periódicos Capes, por meio dos descritores mulher, maternidade, carreira e trabalho e que foram publicados no período de tempo compreendido entre os anos de 2000 e 2014, além de busca livre e da leitura de autores clássicos com obras publicadas entre 1884 e 1997.

2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Para Dessen e Guedéa (2005), o conjunto de eventos que se sucedem ao longo da vida é construído socialmente e provoca demandas nos indivíduos, que precisam adaptar-se e é sobre este processo que se dá o desenvolvimento humano. Conforme as autoras, o desenvolvimento humano deve considerar o ser humano diante das adaptações e mudanças pelas quais passa, através dos aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e históricos.

Os estudos sobre a família no século XX sofreram grande influência da teoria bioecológica ao postular que “qualquer sistema é um todo organizado e seus elementos são interdependentes” (SILVA E DESSEN, 2005, p. 158). Por isso o desenvolvimento do indivíduo não pode ser compreendido sem considerar o contexto no qual vive e se relaciona, do qual sofre e promove influências. As interações dentro do núcleo familiar são muito complexas e afetam o desenvolvimento de todos os seus membros.

Conforme a teoria bioecológica, os demais grupos de convívio (vizinhos, trabalho dos pais, creche, etc.) devem ser considerados num grande contexto, complexo e relacional com efeitos indiretos sobre o desenvolvimento da criança. Segundo Polonia, Dessen e Silva (2005) há uma complementação entre o que a pessoa herda geneticamente (genótipo) e as características desenvolvidas por influência do ambiente em que vive (fenótipo). Resumidamente, o desenvolvimento humano

deve ser considerado a partir da interação da pessoa, seus processos, o contexto no qual vive e o tempo.

Segundo Bronfenbrenner (1996), vários fatores referentes ao relacionamento dos pais interferem no desenvolvimento dos filhos. Os valores que determinam as crenças e as práticas do casal são muito importantes para o desenvolvimento da criança, porque os pais são a fonte mais significativa de influência, principalmente por ser a primeira e de maior regularidade. São eles que farão a transmissão da cultura na qual estão inseridos, através de seus comportamentos (resultados de suas crenças e valores), sua escolaridade e classe social.

Em seu estudo com adolescentes, Peixoto (2004) diz que a qualidade do relacionamento com a família é que determina a formação da autoestima, e segundo Viana e Almeida (1998) também são afetadas as questões de saúde da criança ou do indivíduo em desenvolvimento, pois o comportamento se manifesta em ações que influenciam o funcionamento biológico. Os filhos cujos pais mantêm relações prazerosas tendem a se comportar de maneira mais adequada, ao contrário de crianças oriundas de lares com conflitos, que por receberem orientações e comandos vagos, acabam apresentando comportamentos contrários às regras e orientações dos pais. A falta de acordo entre os pais quanto à forma de cuidar e educar os filhos pode gerar problemas mais sérios de comportamento na criança (DESSEN E BRAZ, 2005).

As relações interpessoais ocorrem no compartilhamento de atividades entre os indivíduos que convivem e as interações vão ficando cada vez mais complexas, pois os grupos dos quais faz parte (família, trabalho, escola) se influenciam mutuamente. Assim por diante, cada sistema vai se complexificando, pois recebe e troca informações e relações com sistemas cada vez mais abrangentes, como a cultura, valores e crenças, além de questões cronológicas, como a época em que vivem e os eventos pelos quais passam (POLONIA, DESSEN E SILVA, 2005).

Mas segundo Cerveny (2000a) e Bronfenbrenner (1996), mais que qualquer outro grupo é a família que vai promover as mudanças mais significativas na vida da criança, pois ensina muito mais através do seu contexto e da comunicação não-verbal do que pela educação formal. Portanto, é importante levantar algumas considerações sobre a estruturação e a história da família, a fim de compreender as questões atuais envolvidas nesse processo.

2.1. A FAMÍLIA

Conforme Teruya (2000), a organização interna das famílias está submetida às condições econômicas, aos valores sociais e culturais da época em que vivem, mas por outro lado, também promovem influência sobre a sociedade, produzindo um ciclo de trocas constantes.

O homem sempre atribuiu importância ao seu ofício e não havia limites entre a vida social e o trabalho conforme afirma Ariès (1981a). O autor concorda com Engels (1884), que houve um tempo em que os criados eram considerados membros da família, e conforme Teruya (2000), no Brasil Colonial predominava o sistema patriarcal que funcionava através de um extenso grupo, composto pelo casal, seus filhos, parentes, afilhados, escravos, agregados e até concubinas e filhos bastardos, submetidos à autoridade do patriarca.

Somente no século XVIII, é que a família começa a se distanciar da sociedade, delimitando seu espaço físico o que modificou até a arquitetura das casas. Dessa forma, passou-se a separar a vida profissional da vida privada e da social, retirando do convívio íntimo os clientes, os criados e os amigos, reservando espaço para pais e filhos (ARIÈS, 1981, p. 268 b).

Esta aproximação das relações fez com que os cuidados com a saúde e higiene melhorassem, pois os laços afetivos promoviam atitudes para distanciar as crianças da morte. Começam assim, a surgir as principais preocupações das famílias modernas, educação, saúde, igualdade entre os filhos, futuro e a criança passa a ocupar um lugar de destaque. A intimidade, promovida pela família, e a escola atribuíram um lugar especial às crianças, retirando-a do convívio direto dos adultos e estabelecendo regras específicas para elas (ARIÈS, 1981b).

A entrada maciça da mulher no mercado de trabalho acelerada pela industrialização provocou mudanças na organização do sistema familiar, promovendo trocas nas atribuições aos papéis do homem e mulher (DINIZ NETO E FÉREZ-CARNEIRO, 2005). Essas mudanças nos tradicionais papéis parentais e na organização familiar constituem o tema a seguir.

2.2. FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DA FAMÍLIA

Neste trabalho, optou-se pelo conceito de família proposto por Cervený (2000). A autora afirma que uma série de fatores podem ser considerados para definir o conceito de família dos dias de hoje: “os laços sanguíneos, relações não formalizadas de parentesco, família

conjugal e extensa, núcleo doméstico e família não legitimada juridicamente, entre outras” (CERVENY, 2000a, p. 20).

Atualmente se passou a dar maior importância na qualidade das relações no conceito de família, pois somente habitar o mesmo espaço já não é suficiente. Cerveny (2000a) conceitua “família de origem” àquela cujos laços de parentesco são consanguíneos ou afetivos, estabelecidos entre o indivíduo e seus pais, avós e demais ascendentes e descendentes. A “família extensa” é o grupo que vai além dos laços sanguíneos, possui vínculos estabelecidos por afinidades e a “família nuclear” é composta por pais e filhos, em função do relacionamento biológico que possuem. Para a “família substituta”, a autora diz que se trata da família nuclear que assume a criação de pessoas com as quais não possui laços de parentesco.

O modelo nuclear ainda ocupa a maioria dos lares brasileiros, mas são crescentes as novas formas de arranjos, basicamente definidos em função das relações afetivas e não mais biológicas como na época colonial (Nascimento, 2006).

Bertalanffy (1975) e Cerveny (2000a) definem a família como um sistema complexo de elementos em interação e enfatizam que analisá-la é diferente de somar as análises dos integrantes desta, mas considerar que um membro está em relação com outro. Por isso deve ser observado como um sistema de relações, principalmente devido à intensidade com a qual as relações são vivenciadas nesse grupo.

O complexo sistema de relações vai reorganizando os arranjos familiares e já é possível observar que alguns dos papéis atribuídos tradicionalmente aos homens e às mulheres, estão alterados, pois é crescente o número de famílias de arranjo monoparental, chefiadas por mulheres que assumem o cuidado e sustento da família e de homens que cooperam de forma semelhante à mãe no cuidado dos filhos. Para contemplar esse assunto, foi desenvolvido o capítulo sobre alguns aspectos da constituição e dos arranjos da família no atual contexto.

2.3. A FAMÍLIA NA ATUALIDADE

Conforme Teruya (2000), Cerveny (2000a) e Nascimento (2006) as organizações sociais influenciam sensivelmente o desenho das famílias, pois no período colonial brasileiro, a condição rural destas requiritava um número maior de pessoas em seu núcleo, com o poder exercido pela figura paterna e um laço fortalecido pelos graus de parentesco visando à manutenção e permanência dos bens na família. Já,

com a industrialização e a crescente urbanização ocorrida no século XX, as organizações familiares passaram a sofrer influência e aos poucos foram se adaptando a essa nova realidade.

A vinda da Corte Portuguesa, em 1808, trouxe novos valores que passaram a ser introduzidos na cultura e na sociedade brasileira conforme Samara (1997), Araújo (2011) e Teruya (2000). As famílias brasileiras ainda eram basicamente latifundiárias e escravagistas e o modelo de família moderna, composta somente pelo casal e seus filhos, com papéis sexuais claramente definidos e que separavam o setor público do íntimo, passou a se instalar. Instituíram-se novos valores e atitudes que preservavam a intimidade, a vida privada, o relacionamento familiar e a educação dos filhos.

Conforme Araújo (2011), a tradicional família patriarcal foi absorvendo os novos valores, mas ainda mantinha sua constituição hierárquica e autoritária. Somente a partir da segunda metade do século XX, quando o pensamento liberal é alavancado pela modernização capitalista, combatendo o autoritarismo, incentivando a participação das mulheres na vida social e criticando a rigidez das escolas católicas, é que a família começa a assumir uma postura mais crítica com relação a seus padrões que vão se modificando até os dias atuais.

A chegada da industrialização e a entrada da mulher no mercado de trabalho promoveram mudanças na organização do sistema familiar. Uma delas foi o aumento do número de divórcios, que fez com que surgissem mais famílias organizadas no modo monoparental, isto é, famílias chefiadas por somente um dos cônjuges; a redução do número de filhos e a organização da família em arranjos variados. Por outro lado, essas novas organizações buscam relacionamentos amorosos que "propiciem condições melhores para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros" (DINIZ NETO E FÉRES-CARNEIRO, 2005, p. 134).

Nas últimas décadas, a família tem sofrido modificações significativas com relação a seu aspecto comportamental, no que se refere à mudança de hábitos e valores, influenciada principalmente pelas questões culturais, sociais e econômicas que vivemos. Atualmente no Brasil, observa-se uma diversidade de grupos familiares, que se organizam das mais diversas formas: mães solteiras com filhos, casais com filhos adotivos, novos casamentos com filhos "meio irmãos" e até casais que consideram seu animal de estimação como parte da família. Novos arranjos promovem novos papéis aos cônjuges, sendo que o tradicionalmente atribuído aos homens agora pode passar a ser desempenhado pela mulher e vice-versa. (CERVENY, 2000a;

NASCIMENTO 2006; ARAÚJO, 2011).

Especificamente com relação à formação da família, Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005) dizem que ocorre uma diminuição do número de casamentos e que quando ocorrem, são tardios com relação à família tradicional, homens e mulheres estão optando por não se casar e casais optam por não ter filhos. Ocorrem, ainda, outras possibilidades como a união homossexual e casamentos entre mais de duas pessoas, sendo que não existe mais um modelo predominante.

As autoras percebem as novas formas de relacionamento pós-modernos como um "movimento libertário" feminino. Nos casamentos da modernidade os papéis feminino e masculino eram claramente definidos, os aspectos afetivos e sexuais eram pouco considerados e o casamento deveria ser mantido a qualquer custo, principalmente à custa das mulheres. A mulher que era a "rainha do lar", deixou a maternidade em segundo plano e passou a conquistar uma vida profissional. Quanto ao homem, este perdeu o lugar de força e poder e passou a dividir as responsabilidades com a esposa. Por isso também alterou sua identidade e assim como a mulher, precisa desempenhar vários papéis ao mesmo tempo (DINIZ NETO E FÉRES-CARNEIRO, 2005). Algumas dessas questões históricas, sobre o percurso feminino são contempladas a seguir.

3. A MULHER

Langer (1981), autora clássica do desenvolvimento humano feminino, considera que inicialmente a mulher, esposa de trabalhador rural ou artesão, estava inserida nas atividades produtivas da família ao mesmo tempo em que cuidava da família e da criação dos filhos. No entanto, com a Revolução Industrial, as descobertas científicas e a transformação das relações de trabalho, o homem urbano foi trabalhar na indústria. Narvaz e Koller (2006) pontuam que, na 2ª Grande Guerra, os homens foram para a batalha e a necessidade de as mulheres assumirem o sustento da casa fez ressurgir o discurso feminista, pois como a mulher era vista como coadjuvante no sustento do lar, seu salário e suas garantias não eram as mesmas oferecidas aos homens. As conquistas foram lentas e gradativas. Com o Código Civil Brasileiro de 1962, a mulher casada passou a ter a liberdade de buscar o mercado de trabalho formal sem a autorização do marido. Com a Constituição de 1988 e o novo Código Civil instituiu-se o princípio da igualdade entre homem e mulher, em 1934 a mulher passou a ter direito ao voto e em

1941 é que o trabalho feminino foi regulamentado pela Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT (NARVAZ E KOLLER, 2006).

A disputa profissional da mulher com o homem provocou dificuldades econômicas e sociais, além de uma crise de conceitos familiares, pois até então, os papéis de ambos os sexos estavam definidos e estáveis. No início do século XX, observa-se na mulher, o despertar de uma rebeldia com relação aos seus pais e companheiro e, como vivia numa sociedade que valorizava o masculino, suas ambições foram orientadas conforme os valores vigentes, o que a fez lutar por igualdade. Aos poucos, a rebeldia foi dando lugar à profissionalização e as mulheres passaram a estudar e entraram formalmente no mercado de trabalho (LANGER, 1981).

Já nos anos 1980, Langer (1981) percebia que casar e ter filhos não era mais o ideal desejado de muitas mulheres, pois estavam substituindo estes projetos por várias outras possibilidades em substituição à maternidade. Mesmo assim, considera que algumas mulheres ainda podem desejar serem donas-de-casa.

A mulher que opta por ser dona-de-casa enfrenta diversos outros problemas baseados em críticas sociais de desvalorização de seu trabalho, pois a valorização do consumo passou a dominar a vida pessoal e familiar. A família moderna foi associada pela mídia à família consumidora e por isso passou realmente a adquirir muitos bens e se utilizar de serviços divulgados como simplificadores do trabalho doméstico. Assim, as pessoas passaram a ter maiores necessidades financeiras a fim de manter o padrão de consumo, o que impulsionou a mulher a buscar o mercado de trabalho (ARAÚJO, 2011).

3.1. O TRABALHO DA MULHER

A participação da mulher no mercado de trabalho formal cresce consideravelmente desde os anos de 1970 e paralelamente a esse fato várias condições se organizam positivamente para que a mulher vá ganhando cada vez mais espaço. O controle da natalidade, o direito ao voto, o divórcio, a qualificação formal, foram alguns dos fatores que contribuíram para que a mulher fosse se firmando e saindo da condição de não ter escolha de ser mãe/dona de casa/esposa, mudando padrões de comportamento e valorizando o papel feminino (BRUSCHINI, 1994; NASCIMENTO, 2006; KANAN, 2010).

Para Montali (2006), a entrada da mulher no mercado de trabalho foi uma forma de as famílias se organizarem diante da situação econômica do país dos anos 1980, que gerava desemprego, em geral, do

único provedor. Além disso, houve uma mudança nos arranjos familiares, pois cresceram o número de famílias que tinham como chefe uma mulher e de mulheres sem cônjuge.

Além da necessidade econômica das classes menos favorecidas, o aumento da variedade de produtos e a criação de necessidade feita pela mídia capitalista, fez com que mulheres de classes mais privilegiadas também buscassem o mercado de trabalho formal e por isso o crescimento da participação da mulher se manteve nos anos 1990 (BRUSCHINI, 1994; HOFFMANN E LEONE, 2004).

Nas últimas décadas observa-se que as mulheres escolarizadas estão seguindo carreiras mais promissoras, atuando em profissões de prestígio e cargos gerenciais enquanto as de baixa escolaridade mantêm-se em atividades informais e trabalhos precários (BRUSCHINI, 2006).

Todavia, o nível de escolaridade não faz diferença quando a mulher está em casa, pois elas são ainda as principais responsáveis pelas atividades domésticas e os cuidados com os filhos e familiares, caracterizando a famosa “dupla jornada”. Em função disso a atuação profissional das mulheres não pode ser vista e analisada sem considerar a esfera residencial, o que Bruschini (2006) chama de “espaço produtivo e espaço reprodutivo”.

Essas categorias definidas como espaço produtivo e espaço reprodutivo são entendidas por Nogueira (2010) e Bilac (2014) como formas de categorizar o trabalho segundo um valor de troca, definido em função da expansão do capitalismo. Segundo o sistema de produção, só é considerado ativo quem produz valores de troca, e, portanto os valores de uso (trabalho doméstico), produzidos pelas “donas de casa”, não podem ser considerados atividade produtiva. Para Bilac (2014), o trabalho doméstico é importante para a organização familiar, no sentido de sustento emocional e físico de seus membros. Conforme a autora, o trabalho doméstico ainda é desqualificado diante de quem é empregado e normalmente a mulher acumula ambas as jornadas, ou delega a outra mulher o cuidado com sua casa e com seus filhos (mãe, sogra, professora, empregada doméstica, etc.).

Bruschini (2006) destaca que nas pesquisas de censo realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o trabalho doméstico é considerado inatividade econômica. A autora defende que devido ao número de horas utilizadas pela mulher nos afazeres domésticos, esse trabalho deveria ser considerado como trabalho não remunerado e portanto, participantes da população economicamente ativa.

O censo de 2000 substituiu as categorias “chefe do domicílio” e “chefe da família” por “pessoa responsável pelo domicílio” e “pessoa responsável pela família” e devido a essa modificação foi possível identificar que as mulheres eram responsáveis por 26,5% dos lares, sendo ainda um pouco maior nas regiões Sudeste e Nordeste (NASCIMENTO, 2006). Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD referentes ao censo de 2010 informam que esse percentual já passou para 37,3%, confirmando a crescente participação da mulher no mercado de trabalho e na composição da renda familiar (IBGE, Censo Demográfico 2010).

Conforme Nascimento (2006), as mudanças ocorridas na família nas últimas décadas, também aconteceram em todos os segmentos sociais. Considerando que os grupos se influenciam mutuamente, há que se acreditar que a família também tenha influenciado a sociedade em que vive e que ambas sejam hoje, resultado das conquistas femininas, determinantes nas mudanças ocorridas nas últimas décadas.

Como toda mudança gera consequências positivas e negativas, a conquista do mercado de trabalho resultou em novos valores sociais e culturais e também promoveu o surgimento de uma nova condição dentro do lar: o dilema na hora de escolher dedicar-se aos filhos ou à carreira. Tema a seguir apresentado.

3.2. O DILEMA FEMININO

Diversos fatores podem ser apontados como relevantes para compreender o dilema que se produz na mulher quando opta por constituir uma família, pois as consequentes demandas advindas dessa decisão podem lhe custar muito empenho e energia. Segundo Azevedo e Arrais (2006), as mulheres ouvem desde sua infância que uma boa mãe deve ser amável, tranquila, carinhosa, presente, cuidadora, formando uma imagem de perfeição materna e que não admite espaço para sentimentos ambivalentes. Mas o que ocorre quando nasce um bebê nem sempre é isso, pois muitas mulheres apresentam sentimentos contraditórios, divergentes dessa imagem ideal e passam a ter esse “fantasma” lhe acompanhando ao longo da vida.

Em outra esfera, Hall, Arthur e Lawrence (1989) afirmam que o conceito de sucesso diz respeito à realização psicológica compreendendo a realização pessoal, a familiar e o sentimento de orgulho pelo que faz, reforçando assim o ideal de perfeição e felicidade valorizado nos dias atuais. Não se pretende neste trabalho discutir ou apresentar os fatores psicológicos desencadeados pelo nascimento dos

filhos, mas somente destacar sua importância e determinação na vida e nas decisões das pessoas. Alguns valores e fatores culturais pós-modernos podem ser considerados como facilitadores, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e bem estar das famílias.

Atualmente se observa uma redução da cobrança social pela maternidade, a qualificação feminina está cada vez maior, é crescente o número de mulheres independentes financeiramente e o desejo por liberdade já invadiu o espaço feminino. Estes fatores dão abertura a outras possibilidades de realização pessoal, além do casamento e da maternidade, antigamente dispostos como destino inquestionável às mulheres (SMEHA E CALVANO, 2009).

E se a mulher permitir, o pai pode contribuir de forma significativa no cuidado com os filhos, pois é crescente o envolvimento emocional dos homens com a paternidade. Eles não deixam de ocupar seu lugar de principal provedor e protetor da família e as mães continuam sendo as figuras centrais para os filhos. A paternidade participativa ocorre quando os homens assumem o cuidado diário na rotina dos filhos, envolvendo-se diretamente na educação, lazer, higiene e alimentação (SUTTER e BUCHER-MALUSCHKE, 2008). O pai da atualidade está participando cada vez mais da vida e dos cuidados dos filhos e isso, conforme Marshall, English e Stewart (2001), contribui para um desenvolvimento emocional e cognitivo muito mais saudável.

Sobre as mães que se preocupam com os prós e contras gerados ao desenvolvimento dos filhos por sua saída para o trabalho, pode-se considerar as conclusões clássicas de Hoffman (1977), que em seus estudos investigou e concluiu que as mães que trabalhavam para sua autorrealização apresentaram melhor interação com os filhos e as mães que trabalhavam somente por necessidade financeira a interação era menor. Anderson (1980) diz que a qualidade do relacionamento é mais importante que a quantidade de tempo que se passa junto e a qualidade das relações interfere mais no desenvolvimento humano do que as separações diárias. Portanto, a qualidade dos vínculos afetivos, o bem estar e a qualidade de vida é que são importantes para o desenvolvimento positivo de todos os integrantes da família.

E com relação ao mercado de trabalho, segundo Chanlatt (1995), a crescente participação da mulher, a melhora nos níveis de escolaridade, a globalização da economia, as novas tecnologias e as possibilidades de flexibilizações do mercado marcaram o início de um novo tempo na administração das carreiras, já no final do século passado. Na pós-modernidade os profissionais se permitem estudar

permanentemente, pois não se sentem totalmente formados, se permitem interromper suas carreiras para estudar fora do país ou para cuidar dos filhos, pois buscam outros valores além do financeiro, se permitem abandonar sua formação inicial e seguir outra carreira, em busca de maior satisfação e realização pessoal. Nessa nova forma de carreira, que rompe com o modelo tradicional, as mulheres levam vantagem, pois nessa nova divisão do trabalho elas estão mais aptas a se adaptar (HALL, ARTHUR e LAWRENCE, 1989).

É preciso aqui lembrar que, clássicos autores como Donald W. Winnicott (2006) estudioso do desenvolvimento infantil, tratam da importância de o bebê sentir-se seguro com relação a seu/sua cuidador/cuidadora, mas também da necessidade de não ser atendido em todas as suas demandas e de a mãe ser “suficientemente boa”, promovendo aos filhos espaço para que outras possibilidades de satisfação se instalem. Associado a isso é possível supor que na pós-modernidade a mulher dispõe de muitas das condições necessárias para desempenhar seu papel materno de forma ideal, sem precisar ser perfeita. Ela pode assumir que tem outros interesses além do filho, que eventualmente possui sentimentos negativos com relação à criança e que isso não é prejudicial, nem para a mãe e nem para a criança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se observa, a vivência atual da mulher é fruto de um percurso histórico da luta feminina pelo direito das mulheres enquanto ser humano, pela situação vivida por ela enquanto gênero, mas também determinada pela história pessoal de cada uma. Com o decorrer dos anos a família tem sofrido modificações significativas influenciadas pelo seu ambiente, pois com a valorização da individualidade, a família e seus integrantes passam a ter um valor afetivo maior, a maternidade é valorizada e as crianças são dignas de preocupação e ocupação.

Nesse contexto, a mulher desempenha seu papel, desde sempre inserida na vida produtiva, ao mesmo tempo em que ainda é a principal responsável pelo cuidado com a família e com os filhos, mesmo sendo desvalorizada enquanto “dona de casa” por não produzir valores de troca, tão necessários para garantir o consumo, incentivado fortemente pela cultura atual.

Então uma parte das mulheres passou a estudar, profissionalizando-se e substituindo parcialmente o ideal feminino da maternidade por outras possibilidades, enquanto as mulheres de baixa escolaridade se mantêm em atividades informais e precárias.

Atualmente, as mulheres que estudam estão ganhando cada vez mais espaço, seguem carreiras promissoras, atuam em profissões de prestígio, tem melhores rendimentos e a própria possibilidade de escolha tem gerado uma melhora em sua saúde mental. Essa condição possibilitou maior autonomia promove uma melhora na sua saúde mental, em função de estabelecer vínculos afetivos mais saudáveis e positivos. Mas a culpa por ter alternativa e poder decidir sobre cuidar pessoalmente dos filhos, ou não, ainda persiste e segundo Weber *et al* (2006) esse sentimento aparece menos nas mães que precisam trabalhar por necessidade financeira.

Segundo o IBGE, mais que um terço das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres, que assumem sozinhas a responsabilidade pelos cuidados com a casa, com os filhos e com os familiares. Nas famílias em que há o arranjo biparental, grande parte dessas responsabilidades são ainda das mulheres, no entanto, observa-se um movimento no sentido de que os homens estão se inserindo lentamente no papel de colaboradores, apesar de que, preferam atividades que envolvam o cuidado aos filhos e as atividades externas à casa. Mas há uma nítida alteração nos papéis feminino e masculino, nos quais os homens dividem tarefas domésticas e o cuidado dos filhos com suas parceiras, e que outrora não se caracterizava dessa forma. No entanto, talvez ainda não se possa pensar que essa é a realidade em todas as famílias de arranjo biparental.

Da mesma forma que o significado da maternidade para a mulher depende de como sua família valorizou essa questão, o incentivo ao estudo e desenvolvimento de uma vida profissional e financeira independentes também sofrem influência do sistema familiar e por isso várias possibilidades se apresentam como forma de realização pessoal.

Assim, cabe considerar que a escolha da mulher de seguir a carreira com todas as demandas que esta requer – formação, cursos, viagens, carga horária, etc. – e constituir família, responsabilizando-se por muitas das demandas de cuidado dos filhos e de interação com o parceiro, ainda que este a ajude, não é uma tarefa simples, nem fácil. A complexidade da atribuição de papéis, a satisfação pessoal e profissional, a relação conjugal, o cuidado dos filhos, a participação do pai, o retorno financeiro, a responsabilidade pelo sustento da família, dentre outros aspectos que dizem respeito ao ambiente e ao estilo de vida da mulher na contemporaneidade, ainda são questões a serem estudados com maior profundidade tendo em vista as intensas transformações que ocasionaram no universo feminino, assim como os dilemas e as dificuldades em conciliar tantas demandas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, C.W. Attachment in daily separations: Reconceptualizing day care and maternal employment issues. **Child Development**, 51, p. 242-245, 1980. Disponível em: < <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1129613?uid=70&uid=2&uid=3&uid=2134&uid=2490110203&uid=60&uid=2490110193&purchase-type=article&accessType=none&sid=21105897466303&showMyJstorPss=false&seq=1&showAccess=false> >. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

ARAÚJO, M. F. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 180 – 198, jan/jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewArticle/2175180303012011180>>. Acesso em: 22 de agosto 2013.

ARIÈS, P. As imagens da família. In: ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, p. 195 – 224 (a).

ARIÈS, P. Da família medieval à família moderna. In: ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, p. 225 – 271 (b).

AZEVEDO, K.R., e ARRAIS, A.R. O Mito da Mãe Exclusiva e seu Impacto na Depressão Pós-Parto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 19 (2), 269-276. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a13v19n2>>. Acesso em: 17 março 2015.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1975, 351.

BILAC, E. D. Trabalho e família: Articulações possíveis. **Tempo Social**, Brasil, v. 26, n. 1, p. 129-145, jun. 2014. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84984>>. Acesso em: 07 Janeiro 2015.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, 267 p.

BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Brasil, 2º semestre 1994, Número especial Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16102/14646>>. Acesso em: 24fevereiro 2014.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?. **Rev. Bras. Estud. Popul.**, São Paulo, v.23, n.2, Dez 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Janeiro 2015.

CERVENY, C. M. O. Família e Sistema. In: Cerveny, C. M. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2000, p. 19 – 34 (a).

CERVENY, C. M. O. A repetição. In: CERVENY, C. M. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2000, p. 35 – 84 (b).

CHANLAT, J-F.; Quais carreiras e para qual sociedade? (I). **RAE - Revista de Adm. Empresas**. São Paulo, v.35, n.6, p. 67-75, nov-dez 1995. Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/viewFile/38319/37035>>. Acesso em: 19 fevereiro 2015.

DESSEN, M. A. E BRAZ, M. P.A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L. & cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 113 - 132. (a)

DESSEN, M. A. E BRAZ, M. P. As relações maritais e sua influência nas relações parentais, implicações para o desenvolvimento da criança. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L. & cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 132- 152. (b)

DESSEN, M. A. E GUEDEA, M. T. D. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, abril 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/scielo.ph>

p?script=sci_arttext&pid=s0103-863x2005000100004&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 26 novembro 2013.

DINIZ NETO, O. E FERES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estud. Psicol.** Campinas, v.22, n. 2, junho 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000200003&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 18 de julho 2013.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**, Ed. Lafonte, 1884.

HALL, D. T., ARTHUR, M. B., LAURENCE, B.S. (Eds.) **Handbook of career theory**. New York: Cambridge University, 1989. Disponível em: <http://ebooks.cambridge.org/pdf_viewer.jsf?cid=CBO9780511625459A006&ref=false&pubCode=CUP&urlPrefix=cambridge&productCode=cbo>. Acesso em: 19 fevereiro 2015.

HOFFMANN, R. E LEONE, E. T. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. **Revista Nova Economia** Belo Horizonte 14 (2)_35-58_maio-agosto de 2004. Disponível em: <http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v14n2/140202.pdf?origin=publication_detail>. Acesso em: 06 janeiro 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-2,-3,128&ind=4721>>. Acesso em: 18 março 2015.

KANAN, L. A. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 17, n. 53, Junho 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302010000200001&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 03 Janeiro 2015.

LANGER, M. **Maternidade e Sexo**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

MARSHALL, D. B., ENGLISH, D. J., & STEWART, A. J. The effect of fathers or father figures on child behavioral problems in families referred to child protective services. **Child Maltreatment**, 2001, 6, 290-

299. Disponível em < file:///D:/Bakup/Downloads/28_50_11cmt01.pdf%23page=14.pdf>. Acesso em: 16 fevereiro 2015.

MONTALI, L. Provedoras e co-provedoras: mulheres-cônjuge e mulheres-chefe de família sob a precarização do trabalho e o desemprego. **Rev. Bras. Estud. Popul.**, São Paulo , v. 23, n. 2, dez. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 março 2015.

NARVAZ, M E KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-823120040010100021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 de agosto 2013.

NASCIMENTO, A. M. População e família brasileira: ontem e hoje. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú – MG – Brasil. 2006. **Anais Eletrônicos...** Disponível em <http://143.107.236.240/disciplinas/SAP5846/populacao_familia_nascimento_abep06.pdf>. Acesso em: 06 janeiro 2015.

NOGUEIRA, C. M. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Revista Aurora**. Vol.3 n. 2 2010. Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/viewArticle/1231>>. Acesso em: 15 fevereiro 2015.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. e SILVA, N. L. P.O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L.& cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 71 - 89.

PEIXOTO, F. Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento acadêmico. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 22, n. 1, março 2004. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312004000100021&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 21 agosto 2013.

SAMARA, E. A Família no Brasil: História e Historiografia. **História**

Revista, 2(2): 07-21. Jul./dez. 1997. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10680>>. Acesso em: 07 de janeiro 2015.

SILVA, N. L. P. E DESSEN, M. A. Intervenção precoce e família: contribuições do modelo bioecológico de Bronfenbrenner. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L.& cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 152- 167.

SMEHA, L. N. E CALVANO, L. O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não maternidade e vida profissional. **Psicologia Argumento**. Porto Alegre v. 27 n. 58 Jun/Set 2009. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=3248&dd99=view>>. Acesso em: 13 fevereiro 2015.

SUTTER, C. E BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **Psico**. Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 74-82, jan./mar. 2008. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1488/2799>>. Acesso em: 11 fevereiro 2015.

TERUYA, M. T. A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 12. Caxambú, 23-27 out. 2000. **Anais...** s.l.: s.n. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira.pdf>>. Acesso em: 23 de março 2014.

VIANA, V. E ALMEIDA, J. P. Psicologia pediátrica: Do comportamento à saúde infantil. **Análise Psicológica**, 1 (XVI): 29-40,1998. Disponível em <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v16n1/v16n1a04.pdf>>. Acesso em: 21 de agosto 2013.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**, 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O conceito de pesquisa ecológica diz respeito à investigação do indivíduo, seu ambiente e a todas as relações possíveis envolvidas no processo de desenvolvimento desse sistema, que deve ser investigado considerando todas as interdependências entre seus processos, o que se configura em uma leitura interdisciplinar (BRONFENBRENNER, 2011).

Com base nessa perspectiva, no presente trabalho foram investigados dois grupos específicos de mulheres, sendo o primeiro (grupo A) constituído por 16 famílias de mulheres profissionais com formação de nível superior que interromperam ou adaptaram suas carreiras para cuidarem dos filhos após a licença maternidade. E, o segundo grupo (grupo B), composto por 20 famílias de mulheres, de igual escolaridade, que retomaram suas atividades profissionais após a licença maternidade. Ambos os grupos fazem parte de classe social média ou alta, conforme classificação do órgão responsável brasileiro (IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A faixa etária das mulheres não foi pré-estabelecida, mas em função da escolaridade estimou-se que tivessem no mínimo 22 anos, pois mais relevante para a pesquisa era a questão da maternidade. Com relação ao estado civil das mulheres, definiu-se que estas poderiam estar casadas ou ter união estável com o pai da criança no momento da pesquisa. Assim, foi dada preferência para casais, pais, que moravam juntos, na ocasião da pesquisa, para possibilitar a comparação entre os grupos familiares mais homogêneos. Optou-se pela inclusão do homem, tendo em vista as diretrizes propostas por Dessen e Braz (2005 a), que contemplam a inclusão de díades e tríades para investigações de natureza interdisciplinar.

Após uma revisão teórica e epistemológica do objeto de estudo, foi elaborado pela pesquisadora em conjunto com sua orientadora e co-orientadora, um questionário desenvolvido exclusivamente para este estudo e baseado nos objetivos específicos. Neste foram solicitados aspectos sociodemográficos, percepções das mães, expectativas, nível de realização, aspectos relacionais (mãe-pai-criança), estilo de vida, dentre outros.

O questionário elaborado para ambos os grupos familiares é composto por questões abertas e fechadas e basicamente o mesmo, porém algumas questões foram adaptadas a cada um dos quatro subgrupos. O primeiro instrumento (apêndice B) foi dirigido à mulher

que interrompeu ou adaptou sua carreira após o nascimento do filho e o segundo instrumento (Apêndice C) dirigido ao seu marido. O terceiro (apêndice D) e o quarto (apêndice E) instrumentos são voltados à mulher que se manteve atuante profissionalmente após o nascimento do filho e seu marido, respectivamente.

Conforme a orientação de Gil (2002), logo que a ferramenta fique pronta, devem-se realizar pré-testes para fins de validação do instrumento, pois, esse procedimento visa verificar a aplicabilidade e a confiança da construção. Essa orientação foi seguida e a cada pré-teste era verificado com o respondente, se alguma pergunta provocou constrangimento, se houve dificuldade no entendimento ou de termos utilizados e as devidas modificações foram efetuadas até resultar no questionário final.

O método escolhido para identificar os participantes que se enquadravam no perfil determinado foi o *snowball* ("bola de neve"). Nesse método, forma-se uma cadeia, ou rede, de pessoas, onde os participantes iniciais indicam as pessoas que conhecem no mesmo perfil e assim seguidamente, até que se chegue ao ponto de saturação, que é quando os novos entrevistados passam a dar respostas similares ao que já apareceu nas entrevistas anteriores. Os participantes iniciais foram definidos a partir das relações sociais da pesquisadora e através da indicação dos participantes do pré-teste. Conforme Albuquerque (2009) este é um método útil quando se quer conhecer uma população oculta, pois, trata-se de uma situação social-ocupacional muito específica para a inclusão dos participantes, que exigiu acesso a rede relacional dos sujeitos.

Como critério de inclusão, definiu-se a escolaridade superior completo por atribuir-se a este aspecto a possibilidade de escolha da mulher, pois, depreende-se que por ser profissional graduada, disponha de condições financeiras para custear cuidados particulares com suas crianças. Foram aceitas indicações de famílias compostas por mulheres adultas, acima de 22 anos, residentes no município de Lages, com formação de nível superior completo, para ambos os grupos. Especificamente para o grupo A, que tivessem parado de atuar profissionalmente ou adaptado sua carreira após a licença maternidade e para o grupo B que tivessem retornado ao trabalho após a licença maternidade.

Esta pesquisa somente foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade do Planalto Catarinense, sob o protocolo (084/2013, conforme anexo A). Quando se realizam trabalhos de pesquisa com pessoas é importante cuidar dos dados de forma ética,

por isso, todas as informações sobre a pesquisa foram explicadas pela pesquisadora, individual e pessoalmente a cada participante. Além disso, com o objetivo de formalização da comunicação destas informações foi apresentado aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, regulamentado pelo Conselho Nacional de Saúde na resolução 196/96 e 466/12. Este termo foi assinado pelas pessoas que aceitaram participar da pesquisa após explicação da mesma.

Para que a aplicação do questionário acontecesse com eficácia, alguns cuidados foram tomados e por isso utilizou-se um protocolo padrão de aplicação. A pesquisadora fez contato prévio com cada um dos participantes, por telefone, cujo número foi fornecido pela pessoa que o indicou, para marcar a data, hora e local, sendo que os encontros foram realizados, preferencialmente, na residência dos participantes, após um encontro inicial para vínculo e apresentação da proposta. Num primeiro momento, foram explicados os objetivos da pesquisa e esclarecidos os procedimentos, o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), sendo colhidas as assinaturas referentes. A aplicação do questionário aconteceu nas residências e eventualmente nos locais de trabalho dos participantes, localizados no município de Lages (SC). Primeiramente coletaram-se os dados com a mulher e posteriormente com o marido.

Após a aplicação dos questionários estes foram transcritos na íntegra para análise estatística descritiva das questões fechadas, e de conteúdo para as abertas. Todos os resultados obtidos pelas questões abertas são apresentados nos anexos F, G, H e I.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa e quantitativa, tendo em vista que foram levantados dados condizentes com ambas as formas de análise. Qualitativa porque os dados analisados foram obtidos através de um questionário que possibilita que sejam reduzidos, categorizados e interpretados. E quantitativa porque a partir das questões fechadas, poderiam ser quantificadas e utilizadas na análise e conclusão geral. Para essa etapa, utilizou-se do *software SPSS (Statistical Package for the Social Science, versão 20.0)*. Esse pacote estatístico permite a análise descritiva e relacional das variáveis. Para este estudo, foi utilizada a estatística descritiva no qual foram realizados cálculos de frequência, média, moda, mediana e desvio padrão que serviram para caracterização da amostra e comparação entre os distintos grupos.

Estimou-se a participação de aproximadamente 20 famílias de cada grupo. A definição deste número de sujeitos esteve baseada no

argumento de Campos (2008) que diz que, em função das limitações apresentadas nesse tipo de pesquisa com pessoas, e por tratar-se de um tema não comum, uma pesquisa com número de participantes entre 06 e 109, apresenta um erro-padrão de 5%, que é considerado aceitável.

Espera-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir de forma positiva para a compreensão desse novo fenômeno que está ocorrendo com algumas famílias, na atualidade, de forma a colaborar com avanços no sentido social e científico ou mesmo diretrizes para o subsídio de outros estudos. Assim, apresenta-se por meio do artigo intitulado “Maternidade e trabalho: a carreira e a família em discussão”, os resultados obtidos pelo presente estudo cujo objetivo foi investigar a relação estabelecida entre maternidade e trabalho, delineado através dos fatores que levam as mulheres profissionais a priorizarem a carreira ou a família.

4. ARTIGO 2

MATERNIDADE E TRABALHO: A CARREIRA E A FAMÍLIA EM DISCUSSÃO⁵

Cleide Denise Waskievicz⁶
Lilia Aparecida Kanan⁷
Everley Rosane Goetz⁸

RESUMO

O objetivo do estudo foi investigar a relação entre maternidade e

⁵ Este artigo foi elaborado conforme as diretrizes para elaboração da Revista Cadernos de Pesquisa, para a qual será submetido: www.fcc.org.br/institucional/2010/11/22/cadernos-de-pesquisa-2/

⁶ Discente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ambiente e Saúde – PPGAS da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Email: cleidew@hotmail.com

⁷ Orientadora. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ambiente e Saúde – PPGAS da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Email: lilia.kanan@gmail.com

⁸ Co-Orientadora. Professora Visitante da Universidade Federal de Santa Maria e Docente Colaboradora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ambiente e Saúde – PPGAS da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Email: eve.goetz35@gmail.com

trabalho por meio dos fatores que levam as mulheres profissionais a priorizarem a carreira ou a família. Consiste de um levantamento, qualitativo, realizado com dois grupos de casais, sendo que em um as mulheres interromperam suas carreiras para cuidarem dos filhos e noutra as mulheres mantiveram-se atuantes profissionalmente após a licença maternidade. Utilizou-se um questionário pelo qual foram levantados dados sociodemográficos, estilo de vida, facilidades e dificuldades encontradas nos modos de vida no que diz respeito à decisão tomada e fatores que determinaram a decisão da mulher estagnar sua profissão em prol dos cuidados com os filhos e com a família, com relação às que mantiveram sua vida profissional. Os principais resultados revelam que, em ambos os grupos, ocorre uma insatisfação com sua condição de alguma forma, seja pelo cansaço, pela falta de tempo ou pela falta de convívio social. No entanto com relação ao foco de sua decisão, cuidado com os filhos ou carreira, as mulheres estão muito satisfeitas. Como conclusão geral, percebe-se que mediar a carga horária de trabalho e de atendimento à casa e à família seria um alternativa saudável para a mulher e de melhor qualidade de vida para a família.

Palavras Chave: Mulher. Maternidade. Carreira. Família.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the relation between maternity and work through factors which leave women to prioritize their careers or families. It was performed a qualitative and quantitative approach with two groups of couples: in a group, women have interrupted their working careers for the sake of child bearing; in the other, women have returned work after maternity leave. Through a questionnaire, it was obtained socio-demographic and lifestyle data, as well facilities and difficulties found on lifestyles concerning decisions taken and factors which have determined women's decision in discontinuing their jobs for taking care children and family, in relation to those women who have maintained their professional careers. In both groups, the main results showed dissatisfaction due to their personal conditions as tiredness, lack of time or lack of social interaction. However, in relation to their decision focus, that is, childcare or professional life, women have been very satisfied. In conclusion, it was

noticed that mediating workload and family caregiving could be a healthy alternative for women and a better life quality for families.

Keywords: Women. Motherhood. Career. Family.

RESUMEN

El objetivo del estudio fue investigar la relación entre maternidad y trabajo a través de los factores que llevan a las mujeres profesionales a priorizar o la carrera o la familia. Consiste en un levantamiento cuali-cuantitativa, realizada con dos grupos de parejas, siendo que en uno las mujeres interrumpieron sus carreras para cuidar de los hijos y en el otro las mujeres se mantuvieron actuantes profesionalmente después de la licencia maternidad. Se utilizó un cuestionario por medio del cual fueron levantados datos sociodemográficos, estilo de vida, facilidades y dificultades encontradas en los modos de vida en lo que se refiere a la decisión tomada y a los factores que determinaron la decisión de la mujer de interrumpir sus actividades profesionales en beneficio de los cuidados con los hijos y con la familia, con relación a las que mantuvieron su vida profesional. Los principales resultados revelan que, en ambos grupos, ocurre una insatisfacción con su condición de alguna forma, ya sea por el cansancio, por la falta de tiempo o por la falta de convivencia social. Entre tanto con relación al foco de su decisión, cuidado con los hijos o carrera, las mujeres están muy satisfechas. Como conclusión general, se percibe que mediar la carga horaria de trabajo y de atención a la casa y a la familia sería una alternativa saludable para la mujer y de mejor cualidad de vida para la familia.

Palabras Clave: Mujer. Maternidad. Trabajo.Família.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história as mudanças são gradativas e avançam conforme as pessoas vão aceitando os novos valores. Historicamente a mulher ocupava a função de cuidar da família e sua entrada no mercado de trabalho até hoje traz repercussões nas empresas e na organização familiar. Em função da necessidade permanente de conciliar a carreira com a maternidade e os cuidados com a família as necessidades de rearranjos estão sempre presentes, pois segundo Dessen e Guedéa (2005), os eventos presentes no decorrer da vida sofrem e promovem

influências do ambiente no qual o indivíduo está inserido. A reação das pessoas a essas constantes adaptações promove o desenvolvimento humano.

Em síntese, segundo Teruya (2000), Polonia, Dessen e Silva (2005), o desenvolvimento humano precisa ser considerado a partir da interação da pessoa, seus processos, o contexto no qual vive e o tempo, pois as influências se dão mutuamente, produzindo um ciclo de trocas constantes. Assim, conforme Cerveny (2000a) é a família o principal grupo que promoverá o desenvolvimento da criança.

A entrada maciça da mulher no mercado de trabalho acelerada pela industrialização, na década de 1970, promoveu significativas mudanças na família e rearranjou os papéis do homem e da mulher (DINIZ NETO E FÉREZ-CARNEIRO, 2005). O modelo nuclear ainda ocupar a maioria dos lares brasileiros e são crescentes as novas formas de arranjos, definidos em função das relações afetivas e não mais apenas biológicas (NASCIMENTO, 2006).

A tradicional família patriarcal foi absorvendo novos valores, provavelmente oriundos da Europa e conhecidos no Brasil através da vinda da corte portuguesa em meados de 1800. Mas, família começa a ter uma postura mais crítica com relação a seus padrões somente a partir da segunda metade do século XX (ARAUJO, 2011).

Nessa época, a saída dos homens, principais provedores, para a guerra, aliada ao advento da industrialização e a conseqüente entrada e permanência da mulher no mercado de trabalho iniciaram a promoção de mudanças nos arranjos familiares. As constantes modificações na família, ao longo das décadas seguintes, foram se concretizando a partir de mudanças culturais e inovações científicas, observando-se a redução do número de filhos devido à ampliação do uso de anticoncepcionais e o aumento do número de divórcios com o conseqüente surgimento de mais famílias monoparentais, chefiadas por apenas um dos cônjuges. Por outro lado, observou-se também que as pessoas passaram a buscar relacionamentos amorosos que "propiciem condições melhores para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros" (DINIZ NETO E FÉRES-CARNEIRO, 2005, p. 134).

As mudanças continuam e a família tem sofrido modificações comportamentais significativas no que se refere à mudança de hábitos e valores, influenciada principalmente pelas questões culturais, sociais e econômicas atuais. Observa-se no Brasil de hoje uma diversidade de grupos familiares, que se organizam das mais diversas formas e

promovem novos papéis aos cônjuges, sendo que o tradicionalmente atribuído aos homens agora pode passar a ser desempenhado pela mulher e vice-versa (CERVENY, 2000a; NASCIMENTO, 2006 e ARAÚJO, 2011).

Conforme Sutter e Bucher-Maluschke (2008) e Goetz e Vieira (2009), com a mudança dos papéis foi facilitado ao homem maior participação no cuidado dos filhos, pois nos dias de hoje os homens participam ativamente da educação, lazer, higiene e alimentação. E segundo Marshall, English e Stewart (2001), essa participação contribui para um desenvolvimento emocional e cognitivo mais saudável da criança.

As mudanças nos arranjos familiares e as novas formas de relacionamento no entendimento de Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), representam uma conquista feminina, pois a mulher pôde deixar a maternidade em segundo plano e passar a investir numa vida profissional e na independência financeira. Aos poucos, a profissionalização e a melhoria da escolarização das mulheres consolidaram sua permanência no mercado de trabalho. Conseqüentemente, ao homem também se atribuíram novas responsabilidades anteriormente dirigidas exclusivamente à esposa e assim, alteraram-se os papéis que desempenhavam na família tradicional.

A independência financeira, o desejo de liberdade, o significado pouco importante de maternidade transmitido pela geração anterior e a diminuição da cobrança social por essa, segundo Smeha e Calvano (2009), fez com que a mulher se permitisse escolher outras formas de realização. De qualquer forma, a maternidade ainda é desejada pela maioria das mulheres.

Por outro lado, Bruschini (1994), Hoffmann e Leone (2004) e Araújo (2011) afirmam que a mulher que opta por cuidar somente da família e da casa enfrenta problemas baseados na desvalorização de seu trabalho. As autoras entendem que essa desvalorização foi fruto de uma construção da mídia, em torno do ideal de família moderna, atribuindo a ela o papel do consumo. A “família consumidora”, mesmo de classes mais privilegiadas, passou a adquirir bens que se tornaram fundamentais para sua satisfação passando a dominar a vida pessoal e familiar, com crescente necessidade de recursos financeiros para manter o poder de compra.

Esse estilo de vida impulsionou a mulher a buscar o mercado de trabalho e desde os anos de 1970, sua participação formal cresce consideravelmente. O direito ao voto, o divórcio, a qualificação

profissional, a escolaridade foram fatores que contribuíram para que a mulher fosse se firmando e saindo da tradicional condição sem escolha (BRUSCHINI, 1994; NASCIMENTO, 2006; KANAN, 2010). Mas o controle da natalidade, através do desenvolvimento de métodos contraceptivos foi fundamental para que houvesse possibilidades de escolha, pois liberou a mulher de uma condição biológica determinante.

Ocorre que tendo mais possibilidades, a mulher precisa fazer escolhas, estabelecendo-se um dilema quando se trata de investir na maternidade ou na carreira. Nos dias atuais observa-se que as mulheres passaram a desejar ter filhos, incluindo-os em seus projetos de vida. Assim as preocupações e ocupações com estes passam a fazer parte do planejamento pessoal, dignos de exigir êxito. A mesma questão se coloca tanto para mulheres quanto para homens, pois é preciso ser competente em todos os papéis da vida: profissão, casamento, educação dos filhos, para ambos os cônjuges.

No que se refere ao trabalho, quando se trata de mulheres com melhor escolaridade há possibilidades de seguir carreira mais promissora e atuar em profissões de maior prestígio, enquanto que as de baixa escolaridade mantêm-se em atividades informais e trabalhos precários. Por outro lado, quando as mulheres estão em casa, são delas as principais responsabilidades pela rotina e cuidados com filhos e familiares, a famosa “dupla jornada”. Em contrapartida, essa capacidade da mulher de desempenhar os seus mais variados, flexíveis e múltiplos papéis, proporciona-lhe uma capacidade de adaptação diferenciada e propícia ao novo estilo de administração de carreira praticado pelas empresas (HALL, ARTHUR E LAWRENCE, 1989; CHANLATT, 1995).

Mesmo diante de um aumento constante da atuação das mulheres no mercado de trabalho, sendo que muitas destas estão optando por não ter filhos, dentre as que optam tê-los, observa-se que algumas estão escolhendo cuidar da família em detrimento da sua carreira assim que ocorre a chegada dos filhos. Numa época em que trabalhar fora de casa é considerado pela sociedade como a “melhor” opção, esse fato parece representar mais uma mudança de relevância da sociedade. Em função disso, pretendeu-se investigar o modo de vida e valores sociais e culturais dessas famílias, comparando as famílias cujas mulheres mantiveram-se atuantes profissionalmente após o nascimento dos filhos àquelas que abandonaram suas carreiras em função da maternidade. Este estudo pretende auxiliar no sentido de facilitar as decisões familiares e para que as empresas compreendam e se adaptem às necessidades das

mulheres profissionais mães.

com vistas a minimizar os dilemas e dificuldades de conciliar os complexos papéis e suas demandas.

2. MÉTODO

Este trabalho investigou dois grupos de casais com filhos, sendo o primeiro (grupo A) constituído por mulheres profissionais que interromperam suas carreiras para cuidar dos filhos, e por seus maridos; e o segundo grupo (grupo B), composto por mulheres que retomaram suas atividades profissionais após a licença maternidade, e por seus maridos.

Neste estudo foi investigada a relação estabelecida entre maternidade e trabalho, delineada através dos fatores que levam as mulheres profissionais a priorizarem a carreira ou a família. Foram levantados dados sociodemográficos, estilo de vida, fatores que determinaram a decisão de a mulher estagnar sua profissão em prol dos cuidados com os filhos e com a família, com relação às que mantiveram sua vida profissional.

Foi utilizado o método de pesquisa de levantamento e o método escolhido para identificar os participantes foi o *snowball* ("bola de neve"). Um questionário misto, contendo perguntas abertas e fechadas, foi elaborado exclusivamente para este estudo. O instrumento foi coletado nas residências das famílias pela própria pesquisadora. O tratamento dos dados foi realizada de forma qualitativa por meio de análise de conteúdo (Categorial de Bardin) e quantitativa, sendo que para esta última utilizou-se do *software SPSS (Statistical Package for the Social Science, versão 20.0)*, pela estatística descritiva. Previamente, o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação ética e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o protocolo nº 084/2013. Somente participaram deste estudo, sujeitos que leram e autorizaram a sua participação no estudo, pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A escolaridade mínima das mulheres participantes deveria ser de nível superior, atribuindo-se a essa condição, a possibilidade de rendas maiores do que os gastos com uma babá, pois, em classes de menor poder aquisitivo, o pagamento de uma pessoa para cuidar dos filhos, ou de uma escola particular, poderia ser tão oneroso que não restaria outra opção à mulher. O que se pretendeu enfatizar com este requisito foi a possibilidade de escolha da mulher.

Sendo assim, ambos os grupos de participantes contemplam

pessoas de classe média ou alta, com condições financeiras favoráveis à possibilidade de escolha e que não seria possível caso se tratassem de famílias de classe baixa, pois suas rendas não permitiriam a escolha entre manter-se atuante profissionalmente ou se cuidar pessoalmente dos filhos.

O primeiro grupo foi composto por 16 casais, cujas mulheres interromperam suas carreiras para cuidar dos filhos e o segundo composto por 20 famílias, cujas mulheres optaram por se manterem inseridas no mercado de trabalho, residentes de um município de médio porte do Planalto Serrano Catarinense.

Foi dada preferência para casais que fossem casados ou morassem juntos na ocasião da pesquisa, para possibilitar a comparação entre os grupos familiares mais homogêneos. Espera-se que os resultados possam contribuir de forma positiva para a compreensão deste novo fenômeno que está ocorrendo com algumas famílias, na atualidade, de forma a colaborar com avanços no sentido social e científico, ou mesmo diretrizes para o subsídio de outros estudos. Assim, apresentam-se a seguir, os resultados obtidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dessa pesquisa foram analisados de forma quantitativa e qualitativa, conforme segue, inicialmente pelos dados quantitativos.

Caracterização da Amostra – Grupo A

Na Tabela 1, são apresentadas as medidas de tendência central obtidas a partir das informações fornecidas pelo grupo das mulheres que interromperam suas carreiras profissionais, seus maridos e filhos.

Tabela 1. Distribuição das medidas de tendência central relativas às mulheres que pararam de trabalhar após a licença maternidade e de suas famílias

	Idade das mulheres que pararam de trabalhar	Renda das mulheres que pararam de trabalhar	Idade dos maridos cujas mulheres pararam de trabalhar	Renda dos maridos cujas mulheres pararam de trabalhar	Idade do filho mais novo de mulheres que pararam de trabalhar	Idade do filho mais velho de mulheres que pararam de trabalhar
N Válidos	16	6	17	13	16	7
Não válidos	4	14	3	7	4	13
Média	33,05	2316,66	37,02	1.2316,57	2,03	6,07
Mediana	33,06	2250,00	38,00	1.0000,00	2,05	6,05
Moda	29,01(a)	800,00	33,09(a)	1.000,00(a)	2,03(a)	2,03(a)
Desvio Padrão	3,04	1397,73	4,03	9.120,37	1,03	3,01
Mínimo	28,11	800,00	27,08	1.000,00	0,03	2,03
Máximo	40,02	4000,00	44,03	30.000,00	4,10	12,00

N: 16

a* Existem várias modas, o valor maior foi representado.

Fonte: Dados primários de pesquisa.

A média de idade das mulheres do grupo A foi de 33 anos e cinco meses (DP=3,04), sendo a idade mínima de 28 anos e 11 meses e a máxima, de 40 anos e dois meses. A média salarial deste grupo foi de R\$ 2.316,66 (DP= 1.397,73), sendo a renda mínima de R\$ 800,00 e a máxima de R\$ 4.000,00. Essa renda refere-se ao período “inativo” da mulher, não sendo considerada sua renda anterior ao nascimento dos filhos. Do total de 16 mulheres participantes, seis possuíam renda durante o período que cuidavam dos filhos, as demais não possuíam nenhuma renda.

A média de idade dos homens do grupo A foi de 37 anos e dois meses (DP=4,03), sendo que a idade mínima é de 27 anos e oito meses e a máxima de 44 anos e três meses. Sobre a renda desses homens, a

média foi de R\$ 12.316,57 (N=12; DP= 9.120,37) com uma variação entre R\$ 1.000,00 e R\$ 30.000,00 entre a renda mínima e a renda máxima. Quatro participantes optaram por não responder essa questão.

Com relação à idade dos filhos, a média de idade do filho mais velho foi de seis anos e sete meses (DP=3,01), sendo a idade mínima de dois anos e três meses e a máxima de doze anos. A média de idade do filho mais novo foi de dois anos e três meses (DP=1,03), sendo que a idade mínima é de três meses e a máxima de quatro anos e dez meses.

Quanto à escolaridade das mulheres que pararam de trabalhar após o nascimento dos filhos, obteve-se que: oito possuíam ensino superior completo, sete eram especialistas e uma tinha doutorado. As áreas de formação destas mulheres concentram-se na área da Saúde, Administração e Negócios, Artes e Design, Exatas e Informática, sendo que 50% do grupo que interrompeu sua carreira mantém-se com o curso superior, e 50% possui especialização ou maior graduação.

Quanto à escolaridade dos homens do grupo A, obteve-se que dois possuem ensino médio, 10 possuem curso superior, três especialização e um doutorado, os demais não responderam. Eles atuam em Ciências Humanas, Saúde, Administração, Negócios, Engenharias e Informática, sendo que 50% possui o curso superior completo e os demais se distribuem no ensino médio, especialização e doutorado.

Caracterização da Amostra – Grupo B

Na Tabela 2, são apresentadas as medidas de tendência central, obtidas a partir dos dados fornecidos pelas mulheres que se mantiveram atuantes após a licença maternidade, seus maridos e filhos.

Tabela 2. Distribuição das medidas de tendência central relativas às mulheres que se mantiveram atuantes após o nascimento de seus filhos

	Idade das mulheres que mantiveram am o trabalho	Renda das mulheres que mantiveram am o trabalho	Idade dos homens cujas mulheres mantiveram am o trabalho	Renda dos homens cujas mulheres mantiveram am o trabalho	Idade do filho mais velho de mulheres que mantiveram am o trabalho	Idade do filho mais novo de mulheres que mantiveram am o trabalho
Válidos	19	19	17	15	14	18
Não válidos	1	1	3	5	6	2
Média	35,05	8515,88	37,09	5.080,00	5,09	2,02
Mediana	38,04	8000,00	39,10	3.500,00	4,07	1,07
Moda	21,02(a)	4000,00(a)	25,03(a)	2.000,00(a)	2,07(a)	1,00(a)
Desvio Padrão	6,02	4637,00	7,06	3.572,75	4,02	1,07
Mínimo	21,02	2500,00	25,03	1.000,00	2,07	0,03
Máximo	42,02	20000,00	49,09	12.000,00	16,11	5,11

N: 20

a* Existem várias modas, o valor maior foi representado.

Fonte: Dados primários de pesquisa.

A média de idade das mulheres obtida no grupo B foi de 35 anos e cinco meses (DP=6,02), sendo a idade mínima de 21 anos e dois meses e a máxima, de 42 anos e dois meses. A média salarial deste grupo foi de R\$ 8.515,88 (DP= 4.637,00), sendo a renda mínima de R\$ 2.500,00 e a máxima de R\$ 20.000,00.

A idade média dos homens do grupo B foi de 37 anos e nove meses (DP=7,06), sendo que a idade mínima é de 25 anos e três meses e a máxima de 49 anos e nove meses. A renda média é de R\$ 5.080,00 (N=15; DP= 3.572,75) com uma variação entre R\$ 1.000,00 e R\$ 12.000,00 entre a mínima e a máxima. Cinco participantes não responderam sobre a renda.

Com relação à idade dos filhos, a média de idade do mais velho

foi de cinco anos e nove meses ($DP=4,2$), sendo a idade mínima de dois anos e sete meses e a máxima de 16 anos e onze meses. A média de idade do filho mais novo foi de dois anos e dois meses ($DP=1,07$), sendo que a idade mínima é de três meses e a máxima de cinco anos e onze meses.

Pelas análises dos dados sociodemográficos que serviram para caracterização da amostra, mais os resultados obtidos por meio da análise de conteúdo das respostas dadas às questões abertas, definiram-se as 9 categorias. Inicialmente foram identificadas as Unidades de Registro (palavras, expressões), que foram organizadas segundo Unidades de Contexto (frases e orações) por semelhança de assuntos, depois arranjadas em temáticas para contemplar assuntos que se relacionavam e assim, foram sintetizadas em categorias, que serão apresentadas a seguir.

Mulheres como Chefes de Família

Uma tendência acentuada no Brasil é o crescimento de arranjos familiares cujas chefes são mulheres, mas por outro lado cresce também o número de mulheres que participam cada vez mais com o sustento da família, chegando a contribuir com valores maiores que de seu cônjuge. Dados da PNAD indicam que no ano 2000, 22,20% dos lares tinham a mulher como principal provedora e que esse percentual saltou para 37,30% no ano de 2010 (site do IBGE). Este estudo confirma a relevância do trabalho da mulher no sustento de suas famílias, cujas médias salariais eram superiores às dos seus maridos.

No que se refere à escolaridade das mulheres que se mantiveram atuantes profissionalmente após a licença maternidade, obteve-se que oito possuíam ensino superior, quatro tinham especialização, duas haviam cursado mestrado, e seis o doutorado. As profissionais atuam na área de Meio Ambiente, Saúde e Humanas. Nesse grupo 40% se mantém somente com curso superior, enquanto que 60% possui especialização, mestrado ou doutorado (trinta por cento do grupo possui doutorado).

Dados demográficos sobre a população informam que as mulheres brasileiras apresentam escolaridade superior à dos homens. Até o primeiro grau, homens e mulheres apresentam os índices de escolaridade muito próximos, 14,90% e 14,40%, respectivamente. Mas, segundo dados do PNAD 2010, a partir do ensino médio as mulheres começam a predominar com 25,00% contra 24,10% e se distancia ainda

mais no curso superior, com 12,50% para as mulheres e 9,95% para os homens. As mulheres progredem com relação à escolaridade e conquistam diferencial competitivo para manterem-se no mercado em ocupações que requerem qualificação, pois quanto mais tempo de instrução, mais elevada também é a taxa de atividade. Além de predominar nas tradicionais profissões femininas, as mulheres estão adentrando áreas caracterizadas como masculinas. Esses dois aspectos são confirmados neste estudo, pelo maior tempo de escolarização das mulheres e pelas profissões, aparecem médicas, advogadas e arquitetas, que segundo Lombardi (2006), outrora eram predominantemente masculinas.

Em relação à escolaridade dos homens cujas mulheres mantiveram-se atuantes profissionalmente após a licença maternidade, obteve-se que um possui ensino médio; três têm ensino superior incompleto; seis concluíram o ensino superior; cinco têm especialização; um possui mestrado e quatro têm doutorado. Referente aos dados de escolaridade verificou-se que 50% dos homens possuem até curso superior completo e os demais 50% possuem pós-graduação, com variações entre especialistas, mestres e doutores. Ciências Humanas, Administração e Negócios, Saúde e Meio Ambiente compreendem suas áreas de atuação.

Vínculos Afetivos entre Pais, Mães e Filhos

No questionário, foi solicitado aos participantes que contassem brevemente suas histórias como filhos e observou-se nos quatro subgrupos que parte significativa das pessoas não foi criada pela família de origem completa. Em todos os grupos aparece a ausência de um dos pais, seja por separação/divórcio, adoção, criação por parentes, falecimento ou devido à profissão.

Com relação à história pessoal, a análise revela que em todos os subgrupos as categorias tratam dos vínculos positivos estabelecidos e mantidos com a família, qualificados por amor, união, afeto, etc., e o incentivo ao estudo. Exclusivamente o grupo das mulheres que pararam de trabalhar (grupo A) se refere à presença da mãe no cuidado dos filhos. Destacou-se nas respostas, a relação tranquila com a família e com os pais, enfatizando vínculos positivos e afetuosos, além da disciplina e do incentivo ao aprendizado. Destaque para um dos homens que aprendeu com a mãe a realizar tarefas domésticas e outro que ficava mais tempo com a mãe, mas que seu aprendizado aconteceu com o pai. Abaixo seguem exemplos das respostas:

Sempre fui uma filha muito independente. Sou filha mais nova, morava em Anita Garibaldi e vim embora com nove anos. Minha mãe veio com nós (minhas outras duas irmãs) para estudarmos em colégios melhores. Meu pai ficou no município devido a ser funcionário da prefeitura. Ele foi um pai muito ausente. Com 18 anos fui morar fora para fazer faculdade. Me formei e voltei para casa morar com a mãe. Sempre fui ligada a minha mãe e irmãs. (Mãe 7A)

Somos três irmãos, um homem, uma mulher e eu, a mais nova. Minha mãe era professora e trabalhava de manhã e à tarde e à noite. Meu pai é veterinário, os dois trabalhavam fora e quando em casa estávamos com uma empregada. (Mãe 8B)

Conforme a Teoria Ecológica é importante para o desenvolvimento dos filhos que tenham contato com os processos psicológicos de seus pais, pois este contato estimula tanto o desenvolvimento dos filhos quanto dos próprios pais (POLONIA, DESSEN E SILVA, 2005). Com o passar do tempo, as gerações posteriores entram na vida adulta através da formação de seu núcleo familiar próprio e o complexo processo do convívio familiar faz com que passem a valorizar as condutas e compreender as atitudes dos seus pais. (BIASOLI-ALVES, 1997). Segundo Polonia, Dessen e Silva (2005), as gerações mais jovens continuam tendo uma boa relação com as gerações mais velhas, mesmo divergindo nas ideias, interesses e práticas, como se observa nas respostas dos participantes.

As mulheres concordam que atualmente as manifestações de carinho são mais presentes devido a maior proximidade afetiva e de diálogo entre mães e filhos, pois foi surgindo a preocupação com a felicidade destes. Também concordam sobre a importância do desenvolvimento pessoal da mulher e investimento em sua carreira.

Participação do Pai nos Cuidados Diários com os Filhos

O grupo das mulheres que parou de trabalhar destacou a importância do equilíbrio entre os papéis familiar e profissional, a redução gradativa do número de filhos e a ampliação da inclusão do pai no cuidado com estes. As mulheres que se mantiveram atuantes

levantaram a questão da carga de trabalho atribuída às mulheres e as novas possibilidades em substituição à maternidade. Exemplos destas respostas seguem nos recortes textuais:

Ah, mudou bastante coisa. Como por exemplo, a participação do papai nos cuidados diários com as crianças e com os afazeres de casa também. Compartilhamos todas as obrigações possíveis sejam elas pessoais ou financeiras. (Mãe 8A)

Mudou os locais de trabalho, mas não o volume de trabalho. Nível de autoridade da mãe em relação aos filhos, as mães e avós tinham mais autoridade. (Mãe 16B)

Ambos os grupos de homens destacaram significativamente a maior proximidade afetiva e física entre o pai e os filhos. Os maridos das mulheres que interromperam suas carreiras ainda destacaram o aumento da contribuição do pai nos cuidados com a criança, tanto rotineiros quanto educacionais e no grupo dos maridos das mulheres que não pararam de trabalhar, alguns homens disseram que nada ou pouca coisa mudou. Os demais afirmaram que as mudanças ocorridas na forma de viver das famílias é resultado das mudanças ocorridas no mundo (tecnologia e possibilidades de escolha). Respostas abaixo são ilustrativas:

A principal mudança em minha opinião foi o envolvimento maior e de maior qualidade entre pai e filho. Outra diferença foi referente a tarefas que antes eram apenas da mãe e hoje são divididas, na criação do filho. (Pai 5A)

A mudança mais significativa foi no método de educação. O mundo sofreu alterações que exigem mais atenção e diálogo entre pais e filho. Meu avô provavelmente nunca deu banho no meu pai, o meu pai deve ter dado banho em mim algumas vezes, eu dou banho em meus filhos diariamente. Acredito que o pai assumiu seu papel tarde demais. (Pai 9B)

Conforme Vaitsman (1997), Teruya (2000), Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), Nascimento (2006), Goetz e Vieira (2009) e

Araújo (2011), as famílias sofrem influência da época em que vivem. A família moderna, caracterizada pelo individualismo, conheceu a afetividade e a privacidade e funcionava de forma mais igualitária. Após o século XX, começam a surgir as primeiras famílias na modelagem pós-moderna que se apresentam em formas variadas de estruturação, muito mais flexíveis e igualitárias, e segundo Nascimento (2006) isso ocorreu porque a função reprodutiva da família deixou de ser o seu único objetivo. Atualmente as mulheres têm outras possibilidades de realização além da maternidade (SMEHA E CALVANO, 2009), o que não as livra da dupla jornada, ainda entendida como sua obrigação (BRUSCHINI, 2007).

Ponto de destaque nas famílias cujas mulheres permaneceram trabalhando foi que quatro homens, dos 20 participantes, reduziram suas cargas de trabalho para ficar em casa com seus filhos no turno inverso ao turno escolar. As demais crianças ficam na escola integral, com a babá, empregada que também cuida da casa ou a avó.

Não, porque temos uma estrutura de apoio (marido que fica em casa), babá 44 horas e os filhos frequentam escolinha no período da tarde. (Mãe 19B)

Para Sutter e Bucher-Maluschke (2008), a “paternidade participativa” é o envolvimento emocional e abertura dos homens nos cuidados com os filhos, promovido pelas mudanças nos papéis masculino e feminino. Os pais assumem o cuidado diário, envolvem-se com educação, lazer, higiene e alimentação sem perder o lugar de protetor da família e permitindo à mãe manter-se como a figura central.

Enquanto que nas famílias biparentais os pais estão participando cada vez mais dos cuidados com os filhos, por outro lado, no Brasil, o constante aumento do número de divórcios faz com que os pais se afastem dos próprios filhos, pois a maioria permanece com as mães. Segundo estudos de Lewis e Dessen (1999) para a metade dos pais divorciados, o contato com os filhos se perde totalmente, seja por já não terem um vínculo positivo e intenso, ou pelo contrário, por terem uma relação tão positiva e forte que a distância física impede de manter.

Conforme dados do PNAD de 2012, a participação do homem na vida doméstica é crescente no Brasil (BILAC, 2014), mas as mulheres continuam como as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, a chamada “dupla-jornada”, o que representa uma sobrecarga para aquelas que trabalham

fora (BRUSCHINI 2007). No entanto, conforme Bruschini (1994), confirmado pelos participantes deste estudo, os homens estão se permitindo participar da vida doméstica no que diz respeito ao cuidado dos filhos e as atividades de manutenção e consertos, não necessariamente nas atividades rotineiras. Eles preferem atividades interativas, que envolvam outras pessoas (levar filhos ao médico, ajudar nas tarefas escolares, fazer compras) ou quando o trabalho é mais valorizado, como a culinária. A resposta a seguir ilustra bem esse posicionamento tradicional.

Sim. Continuar nas suas funções, continuar a estudar, mesmo realizando suas funções de dona de casa e mãe. (Pai 17B)

Mas a possibilidade de formação de vínculos e cuidados do pai com seu filho precisa ser autorizada pela mãe, que por vezes pode inibir o envolvimento desses. O *gatekeeping* é descrito como o comportamento da mãe que sutilmente inibe as atitudes e iniciativas do pai em cuidar do filho ou da casa, por entender que tradicionalmente são suas essas atribuições (BOSSARDI, 2015; GOETZ E VIEIRA, 2009; MOTEIRO ET AL 2010).

Segundo estudos realizados nos Estados Unidos, sobre os efeitos da presença ou ausência do pai ou figura paterna, Marshall, English e Stewart (2001) concluíram que quando as crianças não conviviam com os pais ou não tinham uma figura paterna presente, apresentavam mais problemas de comportamento (violência) e mesmo com seis anos de idade já tinham sintomas de depressão. Estudos de Siqueira de Andrade (2012), no Brasil, verificaram que a ausência da figura paterna também interfere na aprendizagem das crianças. Portanto, pode-se entender que a presença maior e mais positiva do pai nos cuidados com os filhos, contribui para um desenvolvimento emocional e cognitivo mais sadio.

Maternidade e Trabalho: Sentimentos e Realizações

Apesar de a mulher poder substituir a maternidade, este ainda é desejo comum para muitas. Destaca-se que todas as mulheres tiveram uma vivência positiva com relação à maternidade e descreveram momentos de muita alegria. No grupo que interrompeu suas carreiras, observou-se que todas desejaram e planejaram a gestação. Já no grupo que se manteve trabalhando, observou-se que quase 50% não planejaram sua gravidez. Os homens de ambos os grupos confirmaram as respostas

das mulheres e a seguir, traz-se uma resposta ilustrativa.

A minha gestação foi excelente, não tive nenhum tipo de problema, não precisei tomar nenhum remédio durante a gestação toda. Foi um período muito feliz, o mais feliz da minha vida, estava me sentindo linda, completa, realizada. O parto foi um momento mágico, estava muito tranquila e feliz. Meu marido esteve comigo o tempo todo me apoiando. Sem dúvida alguma, foi o momento mais bonito e feliz da minha vida. (Mãe 6A)

Marie Langer (1981), Soifer (1992) e Maldonado (2002), autoras clássicas, dizem que a gravidez, normalmente, é acompanhada de um sentimento de felicidade descrito pela mulher como o maior sentimento de felicidade já experimentado. Para as autoras a presença de desconfortos durante a gestação está relacionada à forma como a gestante lida e percebe o feto e que os transtornos digestivos são frequentes, assim como aparecem na maioria das mulheres participantes desta pesquisa. Os homens confirmam as respostas e reforçam que foi um período de muita expectativa, tranquilidade e alegria, mas citam algumas alterações de humor, riscos físicos e períodos de agitação. Segue exemplo das respostas.

Em termos gerais foi ótima, principalmente nos cuidados com a gestação. Porém, foi uma dificuldade tremenda quanto à organização familiar. A gente se mudou para longe, não conhecíamos quase ninguém, tínhamos que permanecer sozinhos aqui depois do nascimento. Não tínhamos planejado nada disso. (Pai 1B)

Com relação à amamentação, de 36 mulheres, somente uma delas não amamentou no peito e as mulheres que se mantiveram atuantes amamentaram seus bebês no peito por um período maior que as do outro grupo, pois chegaram a amamentar até os dois anos.

Conforme Almeida e Novak (2004), inicialmente, a defesa da amamentação serviu para regular a vida da mulher em casa, contendo seu desejo de independência e somente a partir da década de 1980 é que as vantagens do aleitamento materno foram ampliadas para a mãe, para a família, para a sociedade e para o Estado, considerando mais que os aspectos nutricionais, vinculares e imunológicos para a criança. Isso fez

com que o desmame precoce generalizado, incentivado pela indústria de leite entre os anos de 1940 e 1970, diminuísse, e atualmente as mulheres se esforçam para conseguir amamentar, assim como fizeram as mulheres participantes deste estudo. Vale destacar o argumento de Langer (1981) sobre que uma mamadeira dada com carinho e pelo tempo de demanda do bebê é mais interessante do que um seio dado de forma fria e apressada, destacando a importância do contato físico do bebê com a mãe, que não fica impedido nos casos em que a mãe não consegue amamentar naturalmente.

O Dilema: Cuidar dos Filhos ou Cuidar de Si?

Sobre as razões conscientes que levaram as mulheres a tomar uma ou outra decisão verificou-se que, para as mulheres que pararam de trabalhar predominam as questões voltadas ao cuidado integral da criança, seguido da insatisfação com o trabalho e o desejo de desfrutar a vida com o filho. Nas respostas das mulheres que se mantiveram atuantes, destacaram-se a necessidade financeira, o apreço pelo seu trabalho fora de casa e o planejamento de vida (concursadas). Quatro mulheres nunca cogitaram a possibilidade de ficar em casa com os filhos. Os excertos textuais de duas participantes são ilustrativos dessas categorias.

Um dos motivos foi a amamentação (não tinha muita regra quanto a horário). Também optei em parar para cuidar dela e curtir esta fase que passa rápido. Foi uma opção de ambas as partes tanto minha quanto do meu marido. Dificuldade com a sócia no trabalho. (Mãe 7A)

Retornei porque gosto de trabalhar, por necessidade financeira e pelo planejamento de vida, pois a ruptura profissional significaria um recomeço por completo (concurso público). (Mãe 3B)

Segundo estudo de Smeha e Calvano (2009) realizado com mulheres que optaram pela não maternidade, a redução da cobrança social, a independência financeira, o desejo de liberdade e o significado pouco importante de maternidade transmitido pela geração anterior, são os fatores que em seu complexo, fizeram essas mulheres optarem por não terem filhos. Para Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), no momento

em que a mulher passou a se inserir no mercado de trabalho, outras possibilidades foram se apresentando em substituição à maternidade e isto poderia justificar a importância da carreira demonstrada pelas mulheres do grupo que se manteve atuante.

[...] afirmar que o trabalho substitui a maternidade seria uma forma ingênua e simplista de compreender essa relação. Os dois caminhos se constituem investimentos e satisfação que estão em prol da ilusão de completude de uma mulher e assim, se a impossibilidade se inscreve por uma via, hoje, ao lado se encontra a outra, oferecendo diferentes vivências com semelhantes gratificações (SMEHA E CARVALHO, 2009, p. 216).

As mulheres do grupo A, destacam como positivo na sua decisão o fortalecimento do vínculo positivo com os filhos, pois acham importante acompanhar o desenvolvimento e o aprendizado da criança, cuidar das necessidades fisiológicas e psicológicas, respeitar as necessidades de cada uma, cuidar da alimentação, promover a aquisição de valores morais, educar e transmitir segurança. Todas as vantagens levantadas se referem às crianças.

Sim, muitos. Ao escolhermos ser mãe, ser pai, assumimos um compromisso e uma responsabilidade nossa, a qual nunca devemos repassá-la a terceiros, somente nossa presença pode ensinar a eles os principais princípios da vida, amor, respeito... (Mãe 11A)

Segundo Andrade *et al.* (2005) o maior envolvimento emocional e verbal entre mãe e filho, com vínculos positivos, favorecem o equilíbrio emocional futuro da criança, visto que a mãe passará uma ideia mais clara sobre o mundo e suas relações. Os autores afirmam que o nível de escolaridade materno influencia para um melhor desenvolvimento infantil e organização temporal/física, pois proporciona um ambiente de estimulação rico e positivo e oferece maior diversidade de jogos, atividades e materiais à criança.

Diferente do primeiro grupo, para as mulheres que se mantiveram atuantes no trabalho, os pontos positivos de ter retornado ao trabalho estão relacionados, em sua maioria, ao campo profissional e pessoal da

mulher. Trata-se da realização pessoal, seguida pela independência e necessidade financeira, sendo que duas mulheres conquistaram nível hierárquico maior após a maternidade. Ao nível pessoal elas destacam o seu amadurecimento promovido pela distância dos filhos, além da melhora da autoestima. As respostas a seguir ilustram essas categorias.

Sim. Em relação à maternidade, meu amadurecimento como mãe e até um desligamento saudável em relação à prole. Com relação profissional, acredito que me tornei uma profissional melhor que, inclusive, rendeu uma ascensão profissional. Com relação a vida pessoal, apesar de ter engordado me sinto mais bonita. (Mãe 3B)

Os maridos das mulheres que interromperam suas carreiras referem que a mulher cuidar pessoalmente dos filhos traz vantagens a todos os membros da família. Para a criança a importância do contato entre mãe e filho com vistas a educação, reforço dos vínculos e qualidade de vida da criança; para a mulher não se sentir culpada por deixar seu filho com quem não conhece e estar menos cansada por outros problemas e para o homem que se sente mais seguro para sair de casa e retornar com tranquilidade para curtir a família.

O fato de ela mesma educar o filho, não ficar emocionalmente culpada por deixá-lo para trabalhar, ela o envolve em atividades, diminuindo o tempo dele na TV. (Pai 2A)

Por outro lado, para o grupo dos homens cujas mulheres se mantiveram atuantes destaca-se como aspectos positivos: a questão financeira (independência e auxílio/sustento da casa), as questões emocionais (mau humor e irritabilidade da mulher quando cuida da casa, melhora da autoestima por sair) e as possibilidades de desenvolvimento da criança (socialização e independência). Percebe-se que os homens manifestam que a mulher deve adequar suas atividades profissionais com as domiciliares, como demonstrado na resposta a seguir:

Sim. Em primeiro lugar porque minha renda não é suficiente para prover as necessidades da minha família. Segundo porque todas as pessoas devem exercer uma profissão com remuneração para

terem sua independência financeira. (Pai 8B)

As mulheres do grupo A demonstram preocupações sentimentais (vínculo, segurança, alívio da culpa, tranquilidade) enquanto que para as mulheres do grupo B as preocupações são mais de ordem material. No grupo B, a renda das mulheres é maior que dos maridos em onze das 20 famílias, excetuando-se os cinco casais cujo marido não informou sua renda.

Segundo Marri e Wajnman (2007), a esposa com rendimento maior que do marido é mais frequente nas famílias de baixa renda, mas, assim como já acontece em nível mundial, no Brasil esse fenômeno aparece em famílias de classe mais privilegiada. O investimento na escolaridade e o avanço da idade a faz ocupar cargos de melhor qualidade e isso aumenta a probabilidade de vir a ganhar mais que o marido ao longo da vida. Mas esse fato não fez com que o marido se responsabilizasse pelos afazeres domésticos, que ainda compete, em maioria, à esposa. Em suas horas livres, os homens participantes da pesquisa não citaram em nenhum momento que cuidam das rotinas domésticas, quando o fazem são atividades de manutenção ou externas à casa, cuidando dos filhos ou fazendo compras.

Foi verificado por Weber *et al.* (2006) que o sentimento de culpa aparece mais nas mães que têm o poder de tomar a decisão do que para as mães que precisam trabalhar por necessidade financeira. Sobre essa questão Hoffman (1977) investigou e concluiu que as mães que trabalhavam para sua autorrealização apresentaram melhor interação com os filhos e as mães que trabalhavam somente por necessidade financeira apresentaram menor interação com os seus filhos. Anderson (1980) diz que a qualidade do relacionamento é mais importante que a quantidade de tempo que se passa junto, pois a qualidade das relações interfere mais no desenvolvimento humano do que as separações diárias.

O trabalho da mãe afeta a socialização de seus filhos, contudo vários aspectos devem ser considerados para avaliar se os efeitos serão positivos ou negativos. O significado do trabalho para a mãe, a forma como a criança é cuidada durante sua ausência, a história e personalidade da criança são significativos para esta avaliação (PAZ E ALENCAR, 1987).

Em qualquer uma das experiências, cuidando pessoalmente do seu filho ou o deixando com um cuidador, mudanças se promoverão com o adulto também, pois segundo Dessen e Guedéa (2005, p. 12): “o desenvolvimento humano se dá do nascimento até a morte, através das

relações estabelecidas com os outros seres, adultos ou crianças”.

Os aspectos negativos de ficar em casa para as mulheres do grupo A, estão relacionadas às relações sociais da mulher, pois sentem que ficar em casa restringe o convívio, além do cansaço pelo repetitivo trabalho doméstico, algumas vezes, atrelado ao trabalho profissional realizado no mesmo ambiente.

Autonomia Feminina nas Decisões da Carreira

A pouca participação dos homens na decisão das mulheres em interromper suas carreiras (menos de um terço do total) demonstra a autonomia das mulheres participantes, mesmo que tenha interferido em questões financeiras da família. Para os homens que participaram da decisão, os argumentos destacam a importância da presença da mãe nos primeiros anos de vida da criança para ensinar os valores da família, além da insegurança trazida por deixar a criança sob os cuidados de quem não conhece e que a renda da mulher não era significativa a ponto de fazer diferença no orçamento doméstico.

No grupo B, quase 50% dos homens não se manifestou sobre suas esposas retornarem ou não ao trabalho. Para os que argumentaram, a necessidade financeira para o sustento da família e o desejo dos homens de participar da criação e dos cuidados com os filhos foram os argumentos. As respostas a seguir ilustram essas categorias.

Sim. Alterei meu horário de trabalho, passei a trabalhar apenas no período da tarde, podendo ficar com os guris no período da manhã, desde os quatro meses de idade fico com eles neste período. (Pai 11A)

Sim, todo ser humano se sente valorizado quando produz, quando é útil, melhor a autoestima e também induz ao reconhecimento do trabalho de todos os que a rodeiam. Ademais, as despesas de um lar dificilmente são capazes de ser suportado por um dos cônjuges devido ao alto custo para manutenção de um lar atualmente. E ainda pelo fato de que ambos querem passar tempo com seus filhos, e se um só tiver que prover o sustento financeiro, demandara muito tempo fora de casa, atrapalhando o convívio familiar. (Pai 15B)

Sobre o desejo de abandonar a carreira, apenas cinco, das 20 mulheres do Grupo B, pensaram em reduzir a carga horária de trabalho para dedicarem-se mais tempo ao cuidado com os filhos, as demais responderam que não pensaram nessa possibilidade.

Como a quantidade de homens do grupo B que não interferiu na decisão da mulher é maior que do grupo A, supõe-se que há maior independência de decisões entre o casal. Em contrapartida as decisões referentes às questões financeiras são tomadas em conjunto por mais da metade dos casais do grupo B e para quase metade do grupo A, no qual somente o marido possui renda. Em alguns casais cuja renda provém do salário do marido, ele é quem administra, demonstrando alguns resquícios do modelo patriarcal.

Os filhos e a Presença Materna

Com relação aos dados de idade com a qual os filhos iniciaram suas atividades escolares, foi observado que mesmo quando a mulher interrompeu sua carreira, uma família optou por colocar seus filhos na escola antes de um ano de idade, as demais famílias inseriram as crianças em tempos diversos, com um, dois e três anos. Mas a maioria ainda tenta manter seus filhos pequenos em casa. Já os filhos das mulheres que se mantiveram atuantes começam a ir pra escola bem mais cedo, a partir dos quatro meses de vida (quatro crianças) e as outras 16 crianças foram pra escola antes de completar um ano de vida.

Observa-se que as crianças, mesmo com as mães estando em casa, tem ido pra escola antes dos quatro anos, idade preconizada pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) para o início obrigatório das atividades escolares. Para reflexão a respeito desse ponto, Biasoli-Alves (1997) levanta as incoerências que aparecem nas práticas educativas atuais, pois em função de preparar seu filho para o futuro, os pais acabam fazendo a vida dos filhos como a vida adulta, preenchendo seus dias com atividades, preocupados com a socialização, promovendo a competição e permitindo a participação da criança em assuntos que ela ainda não está preparada para entender.

Segundo Bronfenbrenner (1996), é preciso considerar as decisões familiares em seu contexto, complexo e relacional, pois as famílias sofrem influência da sociedade em que vivem. Os demais grupos de convívio da família (trabalho dos pais, escola, amigos) e a mídia promovem efeitos diretos e indiretos sobre as decisões desta e consequentemente sobre o desenvolvimento da criança.

Um terço dos homens do grupo A, não veem nada de negativo da mulher interromper sua carreira desde que seja nos primeiros anos de vida da criança. Os que percebem pontos negativos destacam a pouca exigência mental do trabalho doméstico e a falta de interação social. Para a maioria dos homens do grupo B, não há nada de negativo em a mulher manter-se atuante. Os que veem pontos negativos destacam o cansaço pela dupla jornada, a falta de tempo para os filhos e a insegurança por entregar a educação deles nas mãos de terceiros. Apresentam-se algumas respostas ilustrativas dessas categorias.

Às vezes, ela fica saturada com as atividades repetitivas demais, por ficar sozinha, pode ser cansativo emocionalmente se não for associado com outras atividades. (Pai 2A)

Apesar de ser uma vantagem o retorno, o estresse inerente da atividade profissional é um grande ponto negativo. Outro ponto é o fato de se afastar do “L” por 8 horas. Isso é bastante negativo. Por fim, entregar parte da educação para terceiros é muito complicado. (Pai 1B)

Sim. Muitas vezes me sinto sozinha e cansada (trabalho doméstico parece que não aparece, logo tem que refazer tudo). Sinto falta de ter outra ocupação/outros compromissos além de mãe/esposa/dona de casa. (Mãe 12A)

Pouco tempo para tudo: para mim, para minha filha, para meu marido, para minha casa, para o próprio trabalho. Gostaria de dedicar mais tempo para minha família e isso não é possível. (Mãe 6B)

O questionamento sobre a influência exercida nas crianças pela presença, ou ausência, da mulher em casa revelaram categorias diferentes para cada grupo. Para as mulheres que interromperam suas carreiras as categorias se referem ao desenvolvimento das crianças. Elas referem que seus filhos são calmos e seguros e que elas ensinam o que é certo e errado, além do fortalecimento do vínculo e o estímulo à aprendizagem. Foi citado também que é possível exercer influência positiva mesmo trabalhando fora, que o que importa é a forma com a qual os pais lidam com as situações. O exemplo a seguir ilustra essa

questão:

Com toda certeza, estando em casa, consigo cuidar pessoalmente da educação da minha filha. Percebo que ela tendo comigo uma rotina, desde que nasceu, estando sempre ao meu lado, torna-se uma criança mais calma e tranquila. (Mãe 6A)

Como ponto positivo da ausência em casa, as mulheres do grupo B atribuíram a independência e responsabilidade da criança ser bem desenvolvida, mas em contrapartida, aparecem em alguns depoimentos os sentimentos negativos provocados pela ausência: saudades, revolta, agitação, irritação, insegurança e carência.

Acho que minha ausência promova uma independência em relação as suas escolhas e decisões de forma geral. Talvez promova a responsabilidade de cumprir com os compromissos - trabalho. Acho que provoca um pouco de frustração, insatisfação e saudade durante o dia, por não estar por perto. (Mãe 9B)

Na opinião dos homens do grupo A, destacou-se o relacionamento mais saudável entre mãe e filhos, com um vínculo positivo e forte, favorecendo a semelhança de atitudes e a facilitação no processo de educação.

Sim, ela passa muito tempo com ele, e acompanha melhor seu desenvolvimento. Ela não sente culpa por deixá-lo para trabalhar, por isso acho que a relação entre os dois fica mais saudável. (Pai 2A)

No grupo B, a maioria dos homens acredita que os filhos não sofrem influência da ausência das mães e os que percebem aspectos negativos, destacam a importância de reservar um tempo para estar com os filhos e administrar a rotina. Segue exemplo dessa resposta.

Não. O trabalho não a afasta de suas obrigações, tampouco interfere no relacionamento. Nossos filhos têm pais presentes, mesmo com a carga de trabalho pesada e em turnos variados. (Pai 9B)

Apesar das críticas à Teoria do Apego, Bowlby (1995) estudou os vínculos entre mãe e filho e chama de privação materna quando a criança não estabelece vínculo positivo e amoroso com a mãe substituta. O autor acredita que a criança precisa sentir-se amada e protegida, preferencialmente por alguém conhecido e essa relação precisa ter continuidade pelos primeiros meses de vida, a fim de que a separação da mãe seja suavizada. As privações da presença da mãe podem gerar na criança, angústia, necessidade exagerada de amor e presença, sentimentos de vingança e dependendo do grau de privação, culpa, depressão, distúrbios nervosos e personalidade instável. Segundo estudos do autor, conforme a criança vai crescendo, ela já consegue tolerar tranquilamente pequenas ausências da mãe.

Conforme a Teoria do Apego, as crianças que viveram privações nos primeiros meses de vida, podem apresentar comportamentos impulsivos, dificuldades para estabelecer objetivos a longo prazo, demoram mais para desenvolver a maturidade esperada para a idade, apresentam relações calorosas mas superficiais com as pessoas, solicitam excessivamente seus cuidadores, são mais possessivos com seus objetos, insistentes para que tudo ocorra a sua maneira, apresentam ciúmes e acessos de raiva, ainda pode apresentar hostilidade para com a mãe natural quando a encontra (FERREIRA, 1998).

A Dupla Jornada

Os espaços produtivo e reprodutivo são entendidos por Nogueira (2010) e Bilac (2014) como formas de categorizar o trabalho segundo um valor de troca, definido em função da expansão do capitalismo. Segundo o sistema de produção, só é considerado ativo quem produz valores de troca, e, portanto os valores de uso (trabalho doméstico), produzidos pelas “donas de casa”, não podem ser considerados atividade produtiva. Para Bilac (2014), os estudiosos da área não consideram a importância do trabalho doméstico para a organização familiar, no sentido de sustento emocional e físico de seus membros.

Langer (1981) destaca em sua obra que as funções maternas eram consideradas muito importantes e o centro da vida das mulheres. No último século, a mulher conquistou sua liberdade sexual e social e já nos anos 1980, percebia-se que a maternidade não era mais desejada unanimemente, pois estava sendo substituída por várias outras possibilidades. Mesmo assim, a autora considera que algumas mulheres podem desejar serem donas-de-casa.

Os pontos negativos da dupla jornada foram abordados pelas

mulheres que trabalham fora e apesar de três mulheres dizerem que não, as dificuldades tratam da falta de tempo para fazer o que gostaria (falta tempo para o filho, pra ela, não consegue o melhor desempenho em casa, nem no trabalho, que gera cansaço) e aspectos referentes à criança, a exposição a doenças, o tempo reduzido de amamentação, tempo para estar junto e a culpa. A seguir segue exemplo dessa categoria.

Não poder cuidar integralmente da educação dos filhos. Carregar a culpa de não fazer tudo que pode: cuidar menos dos filhos que necessário e fazer menos do que pode no trabalho. (Mãe 8B)

Retomar a Carreira?

Somente com o grupo de mulheres que interrompeu suas carreiras, pretendeu-se identificar as possíveis relações negativas com o trabalho e verificar a possibilidade de que sua decisão teria o propósito de romper com o vínculo de trabalho, mais do que pelo cuidado com a criança. A metade das mulheres participantes manifestou-se de forma neutra na descrição do trabalho, retornarão ou já retornaram para a mesma área ou com algumas mudanças (turno ou local de trabalho). Um quarto das participantes se manifestou de forma negativa com relação ao seu trabalho anterior, mas somente duas mulheres pretendem seguir outra carreira. Destaca-se o interesse em sua área de formação, com retorno ao trabalho para a mesma área ou com algumas mudanças adaptativas visando qualidade de vida da família. Segue um excerto ilustrativo.

Sim, voltei quando o mais novo foi pra escola. Para a mesma área, pois é minha profissão, gosto do que faço, porém, trabalho somente meio período (o mesmo que os filhos estão na escola). No turno que eles estão em casa estou também para continuar cuidando e orientando os pequenos. (questão 25 - Mãe 3A)

Segundo Chanlat (1995), considerado referência no estudo de carreiras, o mercado de trabalho se organizava de forma tradicional e os tipos de carreiras existentes estavam de acordo com a rigidez da progressão de cargos e salários. A partir dos anos 1970, com a entrada maciça da mulher no mercado de trabalho, a melhora da escolaridade, a

globalização, as novas tecnologias e as possibilidades de flexibilização do mercado marcam um novo tempo na administração das carreiras. Atualmente os profissionais se permitem continuar estudando, interromper a carreira para viver fora do país ou para cuidar dos filhos, abandonar sua formação inicial e seguir outra carreira. Hall, Arthur e Lawrence (1989) acreditam que as mulheres levam vantagem nessa nova ordem, pois se adaptam mais tranquilamente. Segundo essa nova perspectiva o conceito de sucesso compreende a realização psicológica com respeito à realização pessoal, familiar e sentimento de orgulho pelo que faz.

Somente para os homens cujas esposas interromperam suas carreiras em função dos filhos, foi elaborada uma questão que trata do retorno dela ao trabalho fora de casa, sendo que a maioria reconhece como positivo esse retorno, pois dos dezesseis participantes, apenas dois manifestaram-se contrários a isso. Os fatores que fazem a maioria acreditar que o retorno possa ser positivo falam da satisfação pessoal e profissional, renda própria e independência da criança. A resposta selecionada representa essa categoria.

Sim, quando os filhos possuem certo grau de independência. Todos devemos nos sentir úteis para vivermos uma vida plena, o lado profissional também faz parte e ajuda na satisfação pessoal. (Pai 16A)

Bertolini (2002) observou que as mulheres que ficam somente cuidando da casa e dos filhos, sentem-se menos realizadas que aquelas que trabalhavam, mas constatou também que as mulheres que trabalhavam fora de casa numa carga horária menor sentem-se mais realizadas, pois acredita que esse grupo consiga conciliar melhor os diversos papéis que lhe são atribuídos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as relações entre maternidade e trabalho por meio dos fatores que levam as mulheres profissionais a dedicarem-se mais à sua carreira ou sua família. Baseou-se na teoria bioecológica que entende que a família sofre influência da época em que vive e dos ambientes em que está inserida – pela relação entre sistemas e subsistemas intra e interfamiliares. Através desta pesquisa foi possível conhecer características e motivações de cada um

dos grupos, favorecendo a identificação de fatores facilitadores e dificultadores referentes a cada uma das decisões.

Por meio dos resultados foi possível confirmar aspectos já verificados por outros autores e identificar novas e significativas mudanças de comportamento como, por exemplo, a decisão dos pais de cuidar dos filhos pequenos. Os homens têm participado cada vez mais da educação e do cuidado com os filhos, e neste estudo foram identificados pais que reduziram sua carga horária de trabalho para cuidar deles, demonstrando uma mudança de paradigma e um avanço na alteração dos papéis tradicionalmente atribuídos ao masculino e feminino. Outro fator que enfatiza essa alteração é a presença de mulheres com renda maior que seus maridos, chegando a ser até sete vezes superior a deles. Tanto as mulheres que interromperam suas carreiras, quanto as que se mantiveram trabalhando, possuem em média, escolaridade superior a de seus maridos e isso favorece que atinjam cargos e salários melhores ao longo da vida. São mulheres que tiveram autonomia para a tomada de decisões e que vislumbram outras possibilidades de realização pessoal além da carreira e da maternidade.

Constatou-se que entre 36 participantes do estudo, 35 estão satisfeitas com suas formações acadêmicas e os trabalhos que desempenham a partir delas. Verificou-se que algumas mulheres que interromperam suas carreiras (05), ao retornar, adequaram seus trabalhos, horários e locais para poder se dedicar um pouco mais aos filhos enquanto estes ainda são pequenos. Assim, buscando um equilíbrio maior entre os papéis a elas atribuídos, almejando maior satisfação em suas vidas.

Com relação à demanda relativa aos diversos papéis desempenhados, ao contrário do que se poderia concluir devido ao cansaço promovido, verificou-se que houveram duas promoções profissionais após a maternidade, confirmando que as mulheres estão aptas aos novos desafios e demandas do mercado devido a sua maior flexibilidade de gerenciamento, desenvolvida ao desempenhar os diversos papéis que lhe são atribuídos.

No entanto, o serviço doméstico ainda aparece como responsabilidade predominante da mulher, tanto para aquelas que ficam em casa quanto para as que trabalham fora e ganham mais do que o marido. Esse tema merece atenção e cuidado, pois a mídia promoveu com que se pensasse que o serviço doméstico é depreciativo, enquanto passou a valorizar em seu discurso a importância do consumo de bens materiais. O discurso neoliberal classifica o trabalho em função do valor

de troca a ele atribuído e como o serviço doméstico é um valor de uso, é, portanto, desmerecido. Essa cultura promove uma desvalorização da mulher que é dona de casa e caracteriza a atividade como de menor importância.

Percebe-se essa diferença no discurso dos participantes desta pesquisa quando se verifica que as mulheres que optaram por interromper suas carreiras e viver sem renda própria por um determinado período, decidiram isso por priorizarem questões voltadas à qualidade de vida, vínculos afetivos, tranquilidade e bem-estar das crianças; enquanto que para as famílias das mulheres que permaneceram trabalhando, as questões que foram prioritárias para essa decisão diziam respeito ao aspecto financeiro, ainda que se demonstrem preocupações com o cuidado e o bem-estar dos filhos e de algumas terem adaptado cargas horárias e turnos em função disso.

Com relação ao desenvolvimento das crianças, considerando que a quantidade de tempo que os pais passam com elas é menos importante para a formação de bons vínculos, do que a qualidade dos relacionamentos dentro do lar, vale citar que As mães percebem que sua presença nos cuidados com os filhos, os faz serem mais calmos e tranquilos, enquanto a presença e participação do pai favorece um desenvolvimento ainda mais saudável. Algumas das mães que se mantiveram trabalhando atribuíram alguns comportamentos negativos nas crianças, provavelmente derivados de sua ausência, confirmando o que a teoria do apego já afirmava.

O foco maior desta pesquisa concentrou-se no processo de escolha da mulher em seguir sua carreira ou interromper temporariamente em função das necessidades que envolvem a maternidade. Ambos os projetos de vida exigem demandas específicas e de grande dedicação, pois não são papéis simples, assim como, ambas as decisões determinam perdas significativas. Maternidade e carreira não são, necessariamente, aspectos excludentes, pois é possível a conciliação de tarefas de forma harmônica.

Uma das limitações deste estudo consistiu no número reduzido de participantes, que não permite a generalização dos resultados aqui encontrados a toda a população, ainda que, tenha possibilitado a compreensão de diversos aspectos e especificidades do fenômeno investigado. No entanto, o funcionamento de uma família, os investimentos na carreira, a complexidade dos papéis atribuídos tanto à mulher quanto ao homem, os intercâmbios e ajustes desses papéis, as relações afetivas e conjugais, o cuidado e a educação dos filhos, o sucesso pessoal, profissional de cada membro, a ênfase no consumo e na

renda, constituem alguns dos aspectos da vida contemporânea que merecem ainda ser melhor estudados e em profundidade, tendo em vista a complexidade e diversidade dos sistemas familiares e extrafamiliares com inúmeras variáveis e intensas transformações que o contexto atual apresenta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, E. M. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p. Disponível em <<http://bvssp.icict.fiocruz.br/pdf/Albuquerqueemm.pdf>>. Acesso em: 16 de outubro 2013.

ALMEIDA, J. A. G.; NOVAK, F. R. Amamentação: Um híbrido natureza-cultura. **Jornal de Pediatria**. Porto Alegre, v. 80, n. 5, supl. Novembro 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0021-75572004000700002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 de agosto 2013.

ANDERSON, C.W. Attachment in daily separations: Reconceptualizing day care and maternal employment issues. **Child Development**, 51, 242-245. 1980 Disponível em <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1129613?uid=70&uid=2&uid=3&uid=2134&uid=2490110203&uid=60&uid=2490110193&purchase-type=article&accessType=none&sid=21105897466303&showMyJstorPss=false&seq=1&showAccess=false>>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

ANDRADE, S. A. et al . Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.39, n.4, ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000400014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 fevereiro 2015.

ARAÚJO, M. F. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 180 – 198, jan/jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revista>

s.udesc.br/index.php/tempo/article/viewArticle/2175180303012011180>. Acesso em: 22 de agosto 2013.

BERTOLINI, L. B. A. **Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar**. 1ª edição. 2002. São Paulo: Vetor

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 5, n. 3, dez. 1997 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 fevereiro 2015.

BILAC, E. D. Trabalho e família: Articulações possíveis. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 1, p. 129-145, jun. 2014. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84984>>. Acesso em: 07 Janeiro 2015.

BOSSARDI, C. N. **Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: relações com os sistemas parental e conjugal**. 376 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BOWLBY, J. The nature of the child's tie to his mother. **International Journal of Psycho-analysis**, Londres, 1958, 39, 350-373. Disponível em:<<http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/nature%20of%20the%20child%20ties%20to%20his%20mother%20by%20john%20bowlby.pdf>>. Acesso em: 12 de setembro 2013.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, 267 p.

BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. Revista **Estudos Feministas**. Florianópolis, Brasil, 2º semestre 1994, Número especial Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16102/14646>>. Acesso em: 24 fevereiro 2014.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo , v. 23, n. 2, Dec. 2006 . Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.p>

hp?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Janeiro 2015.

BRUSCHINI, C. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 132, Dec. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Janeiro 2015.

BRUSCHINI, C. LOMBARDI, M. R. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas. **Revista Mulher e Trabalho**, Porto Alegre vol 2 2002. Disponível em <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2681>>. Acesso em: 09 fevereiro 2015.

CERVENY, C. M. O. Família e Sistema. In: Cerveny, C. M. **A família comodelo: desconstruindo a patologia**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2000, p. 19 – 34 (a).

CHANLAT, J-F.; Quais carreiras e para qual sociedade? (I). **RAE Revista de Adm Empresas**. São Paulo, v.35, n.6, p. 67-75, nov-dez 1995. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/viewFile/38319/37035>>. Acesso em: 19 fevereiro 2015.

DESSEN, M. A. E BRAZ, M. P. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: Dessen, M. A.; Costa Jr, A. L. & cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 113 - 132. (a)

DESSEN, M. A. E BRAZ, M. P. As relações maritais e sua influência nas relações parentais, implicações para o desenvolvimento da criança. In: Dessen, M. A.; Costa Jr, A. L. & cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 132- 152. (b)

DESSEN, M. A.; GUEDEA, M. T. D. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, abr. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-863x2005000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 novembro 2013.

DINIZ NETO, O. E FERES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estud. Psicol.** Campinas, SP v.22, n. 2, jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000200003&lng=p&t&nrm=iso>. Acesso em: 18 julho 2013.

FERREIRA, E.A.; VARGAS, I.M.; ROCHA, S.M.M. Um estudo bibliográfico sobre o apego mãe e filho: bases para a assistência de enfermagem pediátrica e neonatal. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 4, p. 111-116, outubro 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n4/13882.pdf>>. Acesso em: 15 fevereiro 2015.

FREITAS, H. OLIVEIRA, M. SACCOL, A. MOSCAROLA, J. O método de pesquisa *survey*. **Revista de Administração**, São Paulo, v.35, n.3, p. 105-112, julho/setembro 2000. Disponível em <http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2000/2000_092_RAUSP.PDF>. Acesso em: 05 setembro 2013.

GOETZ, E. R., E VIEIRA, M. L. (2009) **Pai real, pai ideal: O papel paterno no desenvolvimento infantil**. Curitiba: Juruá.

HALL, D. T.; CHANDLER, D. E. Psychological Success: Whwn the career is a calling. **Journal of Organization al Behavior**. Vol. 26, nº 2, março 2005. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/4093976?uid=2134&uid=2490110203&uid=2&uid=70&uid=3&uid=60&uid=2490110193&sid=21105904764093>>. Acesso em: 19 fevereiro 2015.

HALL, D. T., ARTHUR, M. B., LAURENCE, B.S. (Eds.) **Handbook of career theory**. New York: Cambridge University, 1989 Disponível em: <http://ebooks.cambridge.org/pdf_viewer.jsf?cid=CBO9780511625459A006&ref=false&pubCode=CUP&urlPrefix=cambridge&productCode=cbo>. Acesso em: 19 fevereiro 2015.

HOFFMAN, LW. (1977). Changes in family roles, socialization, and sex differen-ces. **American Psychologist**, 32, 644-657. Disponível em:<http://www.ric-fish.com/strengthenamerica/wp-content/uploads/2014/03/A1_changes-in-family-roles-socialization-and-sex-differences.pdf>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-2,-3,128&ind=4721>>. Acesso em: 18 março 2015.

KANAN, L. A. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 17, n. 53, Junho 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302010000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Janeiro 2015.

LANGER, M. **Maternidade e Sexo**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

LEWIS, C.; DESSEN, M. A. O pai no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 15 (1), 9-16, 1999.

LOMBARDI, M. R. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cad. Pesquisa.**, São Paulo , v. 36, n. 127, Abril 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100008&lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 19 Fevereiro 2015.

LUCCI, T. K. **Desenvolvimento infantil a partir da perspectiva da psicologia do desenvolvimento evolucionista: um estudo de bebês filhos de mães com depressão pós-parto**. 2013. Tese (Mestrado) – USP – Instituto de Psicologia, São Paulo SP.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da Gravidez: Parto e Puerpério**. 16ª edição, São Paulo: Ed. Saraiva, 2002, 229 p.

MARRI, I. G.; WAJNMAN, S. Esposas como principais provedoras de renda familiar. **Rev. Bras. Estud. Popul.** São Paulo, v.24, n.1, Junho 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Fevereiro 2015.

MARSHALL, D. B., ENGLISH, D. J., & STEWART, A. J. The effect of fathers or father figures on child behavioral problems in families referred to child protective services. **Child Maltreatment**, 2001, 6, 290-299. Disponível em <file:///D:/Bakup/Downloads/2

850_11cmt01.pdf%23page=14.pdf>. Acesso em: 16 fevereiro 2015.

MONTEIRO L., FERNANDES, M., VERISSIMO, M., COSTA, I. P., TORRES, N., & VAUGHN, B. E (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 1-11.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 06 de setembro 2013.

NASCIMENTO, A. M. População e família brasileira: ontem e hoje. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, ABEP, Caxambú, **Anais...MG**. Disponível em <http://143.107.236.240/disciplinas/SAP5846/populacao_familia_nascimento_abep06.pdf>. Acesso em: 06 janeiro 2015.

NOGUEIRA, C. M. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Revista Aurora**. Vol.3 n. 2 2010. Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/Article/1231>>. Acesso em: 15 fevereiro 2015.

PAZ, M. G. T. e ALENCAR, M. L. S. Relações familiares e aspectos da socialização infantil em famílias de mães profissionais e não profissionais. **Psic: Teor. e Pesq.** Brasília, V. 4 nº.1, p. 69-811987 Brasília. Disponível em < <https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1289/330>>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. e SILVA, N. L. P.O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: Dessen, M. A.; Costa Jr, A. L.& cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 71 - 89.

SIQUEIRA DE ANDRADE, M. (2012). Ausencia del padre y aprendizaje de los niños: um análisis psicológico. In: IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional em Psicología XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores em Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología. **Anais...** - Universidad

de Buenos Aires, Buenos Aires.

SMEHA, L. N. E CALVANO, L. O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não maternidade e vida profissional. **Psicologia Argumento**. Porto Alegre v. 27 n. 58 Jun/Set 2009. Disponível em <http://www2pucpr.br/reol/index.php/PA?dd_1+3248&dd99=view>. Acesso em: 13 fevereiro 2015.

SOIFER, R. **Psicologia da Gravidez, parto e puerpério**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, 124 p.

SUTTER, C. E BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **PSICO**. Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 1, pp. 74-82, jan./mar. 2008. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/articled/view/1488/2799>> Acesso em: 11 fevereiro 2015.

TERUYA, M. T. A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 12., Caxambú, 23-27 out. 2000. *Anais...* s.l.: s.n. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>>. Acesso em: 23 de março 2014.

VAITSMAN, J. Pluralidade de Mundos entre Mulheres Urbanas de Baixa Renda. **Revista Estudos Feministas**. 1997, v. 5, n. 2. Disponível em<<https://journal.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12139/11413>> Acesso em: 22 de agosto 2013.

WEBER, L. N. D.; SANTOS, C. S. D.; BECKER, C.; SANTOS, T. P. Filhos em creches no século XXI e os sentimentos das mães. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 24, n. 44 p. 45-54, jan./mar. 2006. Disponível em <<http://lidiaweber.com.br/Artigos/2006/2006FilhosemcrechesnoseculoXXIeossentimentosdasmaes.PDF>> Acesso em: 18 fevereiro 2015.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**, 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

No presente trabalho foi realizado um resgate histórico da luta feminina e concluiu-se que a vivência atual da mulher é fruto da sua busca por igualdade de direitos, enquanto ser humano e pela situação vivida enquanto gênero, sem deixar de considerar a história pessoal de cada uma. Com o decorrer dos anos a família tem sofrido modificações significativas influenciadas pelo seu ambiente, no qual, a família e seus integrantes passam a ter um valor afetivo maior, a maternidade é valorizada e as crianças são dignas de preocupação e ocupação.

A mulher sempre esteve envolvida com a vida produtiva, seja em casa, na oficina ou na roça, ao mesmo tempo em que sempre foi a principal responsável pelo lar, pela família e pelos filhos. A questão da desvalorização desse trabalho é fruto do discurso da mídia consumidora, por não produzir valores de troca, necessários para garantir o consumo que é fortemente incentivado na cultura atual.

Então algumas mulheres passaram a estudar, profissionalizando-se e tendo condições de substituir parcialmente o ideal feminino da maternidade e “rainha do lar” por outras possibilidades. O mesmo não ocorre com as mulheres de baixa escolaridade que se mantêm em atividades informais e precárias. Atualmente, as mulheres de melhor escolaridade ganham cada vez mais espaço no mercado, atuam em áreas promissoras e em profissões de prestígio e a própria possibilidade de escolha tem gerado uma melhora em sua saúde mental, o que se confirma neste estudo.

Hoje a mulher deseja realizar-se profissional e pessoalmente e sua independência financeira possibilitou maior autonomia, elevando sua autoestima e conseqüentemente melhorando até sua saúde mental, em função de estabelecer vínculos afetivos positivos e saudáveis. Mas a culpa gerada nas mulheres que continuam trabalhando, por delegar os cuidados dos filhos à outra pessoa, pode persistir apesar da maior realização profissional. Por outro lado se observa que as mães que pararam de trabalhar para priorizar a maternidade, sentem-se realizadas ao nível pessoal, o que acarreta em ganhos pessoais, mas sentem as perdas profissionais e sociais, mesmo sendo temporárias.

Dados atuais do PNAD indicam que é crescente o número de famílias brasileiras chefiadas por mulheres, chegando a mais de terço da população. Uma característica que vem se alterando é que mesmo nas famílias bi parentais em que a mulher possui renda superior a do marido, observa-se um avanço do homem em tomar frente e dividir as tarefas domésticas com sua esposa, principalmente no que diz respeito ao

cuidado com os filhos, com a manutenção da casa e trabalho externos. Ocorre que ainda, na maioria dos casos em que a mulher possui renda superior a do marido, é ela a responsável também pela casa e pelos filhos.

A valorização que a família de origem atribui à maternidade ou à carreira, ou a qualquer outro aspecto referente à realização profissional é significativa para a tomada de decisão da mulher, pois para todas as participantes da pesquisa, a carreira ainda é muito importante e será retomada assim que possível.

Intensas foram as transformações no universo feminino no último século, relativos à carreira, à maternidade, à atribuição de papéis, ao sucesso, às finanças, que merecem atenção e estudo, pois diversos são os dilemas encontrados para conciliar as demandas.

O objetivo dessa pesquisa foi investigar as relações entre maternidade e trabalho por meio dos fatores que levam as mulheres profissionais a priorizarem sua carreira ou sua família tendo a teoria bioecológica como base. A teoria bioecológica entende que a família troca influências com o mundo em que está inserida, modificando valores, cultura e comportamentos. Através desta pesquisa foi possível conhecer características e motivações de cada um dos grupos, favorecendo a identificação de aspectos positivos e negativos referentes a cada uma das decisões.

Através dos resultados confirmaram-se aspectos anteriormente verificados por outros autores, mas um aspecto surpreendente e inovador é o fato de alguns pais optarem por reduzir suas cargas de trabalho para cuidar dos filhos pequenos, o que demonstra um avanço na modificação dos papéis tradicionais e caracteriza a crescente participação dos homens na vida doméstica. Também com referência às alterações nos papéis tradicionais confirmam-se neste estudo casos de mulheres com rendas e escolaridade superiores as de seus maridos, sendo a renda referente ao grupo das mulheres que se mantiveram atuantes e escolaridade em ambos os grupos.

As mulheres demonstraram autonomia em suas decisões, situação bem distante da posição tradicional que ocupavam de não poder nem sair em busca de emprego sem a autorização do marido. Também ficaram claras as variadas possibilidades de realização pessoal e profissional e o quanto os valores são diferentes para cada família.

Verificou-se que as mulheres que interromperam suas carreiras, ao retornarem suas atividades, pretendem ou já fizeram alterações com relação a quantidade de horas trabalhadas, local e forma de trabalho,

visando manter um equilíbrio entre os papéis a elas atribuídos. As mulheres de ambos os grupos participantes demonstraram estar satisfeitas com suas carreiras e com o trabalho desempenhado.

Como já era esperado confirmou-se entre os participantes de ambos os grupos que a responsabilidade pelo serviço doméstico ainda é da mulher, fato que aparece mesmo para as mulheres que possuem renda superior à do marido. O conceito de menor valor ainda lhe é atribuído, provavelmente pela condição de não gerar valores de troca, o que desmerece o bem estar promovido à família.

Foi possível perceber duas diferenças significativas entre os grupos participantes no que diz respeito aos fatores para tomada de decisão. Enquanto a escolha de a mulher interromper sua carreira após a licença maternidade basear-se, em sua maioria, em preocupações com a qualidade de vida, vínculos afetivos, tranquilidade e bem-estar das crianças; as razões pelas quais as mulheres se mantiveram trabalhando basearam-se em necessidades financeiras, mesmo demonstrando preocupações com o cuidado e bem estar dos filhos.

Outra diferença significativa foi que as mulheres que cuidam pessoalmente de seus filhos os caracterizam como crianças calmas e tranquilas, enquanto que as mulheres que trabalham referem aspectos negativos, como agitação, angústia, provavelmente consequências da ausência de um(a) cuidador(a) mais constante.

Pretendeu-se com esta pesquisa conhecer os fatores determinantes no processo de escolha por seguir uma carreira ou interromper temporariamente em função das necessidades que envolvem a maternidade, pois tanto manter-se trabalhando quanto interromper demandam esforços específicos de dedicação, em função de que os papéis são complexos e exigem que a mulher esteja centrada e convicta de seus princípios e valores.

As mulheres que pararam de trabalhar, demonstram mais tranquilidade em relação à educação e ao bem estar dos filhos, mas relatam perdas ou sacrifícios no sentido da carreira e do convívio social. Por outro lado, as que se mantiveram trabalhando citam o sentimento de culpa e atribuem sinais ou comportamentos negativos com relação aos filhos, mas manifestam extrema satisfação com seu trabalho. Este achado impossibilita confirmar as hipóteses levantadas inicialmente, uma vez que há aspectos geradores de satisfação e de insatisfação diante da escolha em ambos os grupos.

Ainda que o presente estudo tenha possibilitado a compreensão de diversos aspectos e especificidades do fenômeno investigado, o reduzido número de participantes não permite a generalização dos

resultados encontrados a toda a população. No entanto, o funcionamento equilibrado de uma família e os investimentos na carreira, não se constituem tarefas simples e tendo em vista a complexidade e a diversidade contemporânea, com inúmeras variáveis e intensas transformações que o contexto atual apresenta, acredita-se que merecem ainda ser melhor estudados e em maior profundidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS

ALBUQUERQUE, E. M. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p. Disponível em <<http://bvssp.icict.fiocruz.br/pdf/Albuquerqueemm.pdf>> Acesso em: 16 de outubro 2013.

ALMEIDA, J. A. G.; NOVAK, F. R. Amamentação: Um híbrido natureza-cultura. **Jornal de Pediatria**. Porto Alegre, v. 80, n. 5, supl. Novembro 2004. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0021-7557200400700002&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 22 de agosto 2013.

ANDERSON, C.W. Attachment in daily separations: Reconceptualizing day care and maternal employment issues. **Child Development**, 51, p. 242-245,1980. Disponível em: < <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1129613?uid=70&uid=2&uid=3&uid=2134&uid=2490110203&uid=60&uid=2490110193&purchase-type=article&accessType=none&sid=21105897466303&showMyJstorPss=false&seq=1&showAccess=false>>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

ANDRADE, S. A. et al . Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.39, n.4, ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000400014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 fevereiro 2015.

ARAÚJO, M. F. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da

família no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 180 – 198, jan/jun. 2011 Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewArticle/2175180303012011180>> Acesso em: 22 de agosto 2013.

ARIÈS, P. As imagens da família. In: Ariès, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, p. 195 - 224.(a)

ARIÈS, P. Da família medieval à família moderna. In: Ariès, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, p. 225 - 271.(b)

AZEVEDO, K.R., e ARRAIS, A.R. O Mito da Mãe Exclusiva e seu Impacto na Depressão Pós-Parto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 19 (2), 269-276. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a13v19n2>>. Acesso em: 17 março 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Editora Edições 70, 2012, 281 p.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1975, 351 p.

BERTOLINI, L. B. A. **Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar**. 1ª edição 2002 São Paulo: Vetor.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v.5, n. 3, dez. 1997. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 fevereiro 2015.

BILAC, E. D. Trabalho e família: Articulações possíveis. **Tempo Social**, Brasil, v. 26, n. 1, p. 129-145, jun. 2014. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84984>>. Acesso em: 07 Janeiro 2015.

BOSSARDI, C. N. **Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: relações com os sistemas parental e conjugal**. 376 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BOWLBY, J. The nature of the child's tie to his mother. **International Journal of Psycho-analysis**, Londres, 1958, 39, 350-373. Disponível em: <<http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/nature%20of%20the%20childs%20tie%20bowlby.pdf>> Acesso em: 12 de setembro 2013.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, 267 p.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2011, 310 p.

BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. Revista **Estudos Feministas**. Florianópolis, Brasil, 2º semestre 1994, Número especial Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16102/14646>> Acesso em: 24 fevereiro 2014.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v.23, n.2, Dec.2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/r/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 02 Janeiro 2015.

BRUSCHINI, C. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v.37, n.132, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 02 Janeiro 2015.

BRUSCHINI, C. LOMBARDI, M. R. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas. **Revista Mulher e Trabalho**, Porto Alegre vol 2 2002. Disponível em <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2681>> Acesso em 09 fevereiro 2015.

CAMPOS, L. F. L. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. Campinas: Alínea, 2008.

CERVENY, C. M. O. Família e Sistema. In: Cerveny, C. M. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2000, p. 19 - 34.

CHANLAT, J-F.; Quais carreiras e para qual sociedade? (I). **RAE - Revista de Adm Empresas**. São Paulo, v.35, n.6, p. 67-75, nov-dez 1995. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/viewFile/38319/37035>>. Acesso em: 19 fevereiro 2015.

DESSEN, M. A. E BRAZ, M. P.A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: Dessen, M. A.; Costa Jr, A. L. & cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 113 - 132. (a)

DESSEN, M. A. E BRAZ, M. P.As relações maritais e sua influência nas relações parentais, implicações para o desenvolvimento da criança. In: Dessen, M. A.; Costa Jr, A. L. & cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 132- 152. (b)

DESSEN, M. A.; GUEDEA, M. T. D. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, abr. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-863x2005000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 novembro 2013.

DINIZ NETO, O. E FERES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estud. Psicol.** Campinas, v.22, n.2, jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000200003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 18 de julho 2013.

ENGELS, F. **A Origem da Família**, da Propriedade Privada e do Estado, Ed. Lafonte, 1884.

FERREIRA, E.A.; VARGAS, I.M.; ROCHA, S.M.M. Um estudo bibliográfico sobre o apego mãe e filho: bases para a assistência de enfermagem pediátrica e neonatal. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 4, p. 111-116, outubro 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n4/13882.pdf>>. Acesso em: 15 fevereiro 2015.

FREIRE FILHO, J. (org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010. 296 p

FREITAS, H. OLIVEIRA, M. SACCOL, A. MOSCAROLA, J. O método de pesquisa *survey*. **Revista de Administração**, São Paulo, v.35, n.3, p. 105-112, julho/setembro 2000. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2000/2000_092_RAUSP.PDF> Acesso em 05 setembro 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2002, 176 p.

GOETZ, E. R., E VIEIRA, M. L. (2009) Pai real, pai ideal: O papel paterno no desenvolvimento infantil. Curitiba: Juruá.

HALL, D. T., ARTHUR, M. B., LAURENCE, B.S. (Eds.) **Handbook of career theory**. New York: Cambridge University, 1989. Disponível em: <http://ebooks.cambridge.org/pdf_viewer.jsf?cid=CBO9780511625459A006&ref=false&pubCode=CUP&urlPrefix=cambridge&productCode=cbo>. Acesso em: 19 fevereiro 2015.

HOFFMAN, LW. (1977). Changes in family roles, socialization, and sex differences. **American Psychologist**, 32, 644-657. Disponível em: <http://www.ric-fish.com/strengthenamerica/wp-content/uploads/2014/03/A1_changes-in-family-roles-socialization-and-sex-differences.pdf>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

HOFFMANN, R.; LEONE, E. T. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. **Revista Nova Economia** Belo Horizonte 14 (2)_35-58_mai-agosto de 2004. Disponível em: <http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v14n2/140202.pdf?origin=publication_detail> Acesso em: 06 janeiro 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-2,-3,128&ind=4721>>. Acesso em: 18 março 2015.

KANAN, L. A. Poder e liderança de mulheres nas organizações de

trabalho. **Organ. Soc.**, Salvador , v. 17, n. 53, June 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302010000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Janeiro 2015.

LANGER, M. **Maternidade e Sexo**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981

LOMBARDI, M. R. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 36, n. 127, Abril 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Fevereiro 2015.

MAGNUSSON, D. e CAIRNS, R. Developmental science: toward a unified framework. In: R.B. Cairns, G.H. Elder e E.J. Costello (orgs), **Developmental science**, New York: Cambridge University Press, 1996, p. 7 - 30

MALDONADO, M. T. **Psicologia da Gravidez: Parto e Puerpério**. 16ª edição, São Paulo: Ed. Saraiva, 2002, 229 p.

MARRI, I. G.; WAJNMAN, S. Esposas como principais provedoras de renda familiar. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo , v. 24, n. 1, Junho 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Fevereiro 2015.

MARSHALL, D. B., ENGLISH, D. J., & STEWART, A. J. The effect of fathers or father figures on child behavioral problems in families referred to child protective services. **Child Maltreatment**, 2001, 6, 290-299. Disponível em < file:///D:/Bakup/ Downloads/2850_11cmt01.pdf%23page=14.pdf>. Acesso em: 16 fevereiro 2015.

MONTALI, Lilia. Provedoras e co-provedoras: mulheres-cônjuge e mulheres-chefe de família sob a precarização do trabalho e o desemprego. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo , v. 23, n. 2, dez. 2006 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 março 2015

MONTEIRO L., FERNANDES, M., VERISSIMO, M., COSTA, I. P., TORRES, N., & VAUGHN, B. E (2010). Perspectiva do pai acerca do

seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 1-11.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em:<http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>Acesso em: 06 de setembro 2013.

NARVAZ, M; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, abr. 2006. Disponível em:<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312004000100021&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 21 de agosto 2013.

NASCIMENTO, A. M. População e família brasileira: ontem e hoje. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú, **Anais eletrônicos...** MG. Disponível em:<http://143.107.236.240/disciplinas/SAP5846/populacao_familia_nascimento_abep06.pdf> Acesso em: 06 janeiro 2015.

NOGUEIRA, C. M. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Revista Aurora**. Vol.3 n. 2 2010. Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/viewArticle/1231>>. Acesso em: 15 fevereiro 2015.

PAZ, M. G. T. e ALENCAR, M. L. S. Relações familiares e aspectos da socialização infantil em famílias de mães profissionais e não profissionais. **Psic: Teor. e Pesq.** Brasília, V. 4 n.º.1, p. 69-811987Brasília. Disponível em < <https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1289/330>>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. e SILVA, N. L. P.O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: Dessen, M. A.; Costa Jr, A. L.& cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 71 - 89.

PEIXOTO, F. Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento acadêmico. **Análise Psicológica**, Lisboa, v.

22, n. 1, mar. 2004. Disponível em:<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312004000100021&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 21 agosto 2013.

SAMARA, E. A Família no Brasil: História e Historiografia. **História Revista**, 2(2): 07-21. Jul./dez. 1997. Disponível em:<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10680>> Acesso em: 07 de janeiro 2015.

SILVA, N. L. P.E DESSEN, M. A. Intervenção precoce e família: contribuições do modelo bioecológico de Bronfenbrenner. In: Dessen, M. A.; Costa Jr, A. L.& cols. **A Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 152- 167.

SMEHA, L. N. E CALVANO, L. O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não maternidade e vida profissional. **Psicologia Argumento**. Porto Alegre v. 27 n. 58 Jun/Set 2009. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=3248&dd99=view>>. Acesso em: 13 fevereiro 2015.

SOIFER, R. **Psicologia da Gravidez, parto e puerpério**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, 124 p.

SUTTER, C. E BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **PSICO**. Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 1, pp. 74-82, jan./mar. 2008. Disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1488/2799>> Acesso em: 11 fevereiro 2015.

TERUYA, M. T. A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 12., Caxambú, 23-27 out. 2000. **Anais...** s.l.: s.n. Disponível em:<<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%20C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>> acesso em 23 de março 2014.

VAITSMAN, J. Pluralidade de Mundos entre Mulheres Urbanas de Baixa Renda. **Revista Estudos Feministas**. 1997, v. 5, n. 2. Disponível em<<https://journal.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12139/11413>> Acesso em: 22 de agosto 2013.

VIANA, V. E ALMEIDA, J. P. Psicologia pediátrica: Do comportamento à saúde infantil. **Análise Psicológica**, 1998, 1 (XVI): 29-40. Disponível em <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v16n1/v16n1a04.pdf>> Acesso em 21 de agosto 2013.

WEBER, L. N. D.; SANTOS, C. S. D.; BECKER, C.; SANTOS, T. P. Filhos em creches no século XXI e os sentimentos das mães. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 24, n. 44 p. 45-54, jan./mar. 2006. Disponível em < <http://lidiaweber.com.br/Artigos/2006/2006FilhoemcrechesnoseculoXXIeossentimentosdasmaes.PDF>>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A**TCLE*****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
– TCLE***

Você está sendo convidado a participar em uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável pela pesquisa. Obrigado (a) pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, _____, residente e domiciliado _____, portador da Carteira de Identidade, RG _____ nascido(a) em ___/___/___, concordo de livre e espontânea vontade *em participar como voluntário* da pesquisa Maternidade e Trabalho: Percursos e Dilemas. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1. O estudo se refere à pesquisa de mestrado da psicóloga Cleide Denise Waskiewicz CRP 12/02582, que abordará o tema "MATERNIDADE E TRABALHO: PERCURSOS E DILEMAS"

2. A pesquisa é importante ser realizada porque estudará sobre os aspectos emocionais e sociais da família, cuja mulher opta por deixar, ou não, sua vida profissional em função dos cuidados com a família.

3. Participarão da pesquisa famílias cujas mulheres deixaram de trabalhar após a licença maternidade e outras, cujas mulheres continuaram trabalhando após esta.

4. Para conseguir os resultados desejados, a pesquisa será realizada através de questionários e aplicação de uma escala de desenvolvimento nos filhos.

5. A pesquisa é importante, pois deve trazer como benefícios maior conhecimento científico acerca do tema e de como as famílias pós modernas estão se estruturando em torno do nascimento dos filhos, podendo tornar-se, futuramente, objeto de mais estudos para a criação de grupos de apoio às mulheres na comunidade de Lages-SC.

6. A pesquisa será feita através de um questionário, respondido pelo próprio participante, cuja identificação será resguardada no caso da divulgação das suas respostas.

7. Se houver algum problema ou necessidade, decorrentes da pesquisa você pode buscar assistência no Serviço Escola de Psicologia, entrando em contato com a Profa. Dra. Lilia Kanan (UNIPLAC), para ser avaliado e receber acompanhamento psicológico se necessário.

8. Se, no transcorrer da pesquisa, você tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar pode procurar pela Profa. Dra. Lilia Kanan, responsável pela pesquisa ou no endereço Serviço Escola de Psicologia, CCS, UNIPLAC.

9. Você tem a liberdade de não participar ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo a sua saúde ou bem estar físico.

10. As informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e, em caso de divulgação em publicações científicas, seus dados pessoais não serão mencionados.

11. Caso desejar, poderá pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa na UNIPLAC.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto

voluntariamente em participar desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Lages, _____ de _____ de _____

(nome e assinatura do sujeito da pesquisa)

Responsável pelo projeto: Lilia Kanan
Av. Castelo branco, 170 – Bairro Universitário Cep 88 509-900
Fone (49) 3251 1022 - Fax (49) 3251 1051
E-mail: "lilia.kanan@gmail.com"
Cleide Denise Waskievicz
Endereço para contato: Rua: Germano Magaldi, 202 Lages-SC
Telefone para contato: 3225-0802 ou 9912-9977
E-mail: cleidew@hotmail.com

CEP – UNIPLAC: Av. Castelo Branco, 170 – PROPEG - Telefone para contato: (49) 3251-1078

APÊNDICE B

Questionário com a mulher GRUPO A

Questionário com a Mãe - Cuida exclusivamente dos filhos e família

Este trabalho tem como objetivo conhecer as razões que levaram as mulheres a optar por manterem-se atuantes profissionalmente ou em cuidar exclusivamente dos filhos.

1. Iniciais do Nome: _____
2. Idade: _____ anos _____ meses
3. Profissão: _____
4. Escolaridade: _____
5. Idade dos filhos: _____ a _____ m _____ a _____ m
6. Algum deles frequenta escola? Qual? Desde que idade? _____
7. Renda da mãe: R\$ _____ De onde provêm? _____
8. Você desempenha algum tipo de atividade remunerada?
Não () Sim ()
9. Conte-me a sua história como filha:
10. O que você acha que mudou “no ser mãe”, desde sua avó, passando por sua mãe, até você?
11. Como foi sua gestação? Teve alguma intercorrência? E o parto?
12. Gravidez foi planejada? Não () Sim ()
13. Gravidez foi desejada? Não () Sim ()
14. Amamentou no peito? Não () Sim () Quanto tempo?
15. Após a licença maternidade do nascimento de seu filho, por que você optou por interromper sua carreira?
16. Há pontos positivos de ficar em casa? Quais?
17. Há pontos negativos de ficar em casa? Quais?
18. Você acredita que sua relação com seus filhos é influenciada pela sua presença em casa? Explique:
19. Como você descreve o seu antigo trabalho formal?
20. Como o casal administra a renda? Explique:
21. Você pretende retomar sua vida profissional? Não () Sim ()
Quando? _____ Pra mesma área? _____ Por que? _____

APÊNDICE C

Questionário com o homem GRUPO A

Este trabalho tem como objetivo conhecer as razões que levaram as mulheres a optar por manterem-se atuantes profissionalmente ou em cuidar exclusivamente dos filhos.

1. Iniciais do Nome: _____
2. Idade: _____ anos _____ meses
3. Profissão: _____
4. Escolaridade: _____
5. Renda do pai: R\$ _____ De onde provêm? _____
6. Conte-me a sua história como filho:
7. O que você acha que mudou “no ser pai”, desde seu avô, passando por seu pai, até você?
8. Como foi a gestação da sua esposa?
9. Gravidez foi planejada? Não () Sim ()
10. Gravidez foi desejada? Não () Sim ()
11. Após a licença maternidade do nascimento de seu filho, você opinou sobre a opção de sua esposa retornar ao trabalho ou ficar em casa para cuidar dele? Não () Sim ()
12. Caso positivo, quais foram seus argumentos?
13. Há pontos positivos dela ficar em casa? Quais?
14. Há pontos negativos de ficar em casa? Quais?
15. Você acredita que a relação de sua esposa com seus filhos é influenciada pela presença dela em casa? Explique:
16. Como você utiliza seu tempo livre? Explique:
17. Você pensa que sua esposa deve retomar sua vida profissional?
 Não () Sim () Quando? _____ Por que? _____

APÊNDICE D

Questionário com a mulher GRUPO B

Este trabalho tem como objetivo conhecer as razões que levaram as mulheres a optar por manterem-se atuantes profissionalmente ou em cuidar exclusivamente dos filhos.

1. Iniciais do Nome: _____
2. Idade: _____ anos _____ meses
3. Profissão: _____
4. Escolaridade: _____
5. Idade dos filhos: _____ a _____ m _____ a _____ m
6. Algum deles frequenta escola? Qual? Desde que idade? _____
7. Quem cuida do seu filho enquanto você trabalha? _____
8. Renda da mãe: R\$ _____ Possui alguma renda além do trabalho? _____
9. Conte-me a sua história como filha:
10. O que você acha que mudou “no ser mãe”, desde sua avó, passando por sua mãe, até você?
11. Como foi sua gestação? E o parto? Teve alguma intercorrência? _____
12. Gravidez foi planejada? Não () Sim ()
13. Gravidez foi desejada? Não () Sim ()
14. Neste período você apresentou: Desejo () Náusea () Outro _____
15. Amamentou no peito? Não () Sim () Quanto tempo?
16. Após a licença maternidade do nascimento de seu filho, por que você optou por retornar ao trabalho?
17. Teve vontade de abandonar a carreira? Por que?
18. Há pontos positivos de ter retornado ao trabalho? Quais?
19. Há pontos negativos de ter retornado ao trabalho? Quais?
20. O que você acredita que a sua ausência em casa promove/provoca nos seus filhos? Explique:
21. Como você descreve o seu trabalho? _____
22. Como o casal administra a renda? Explique:
 - () reúne as rendas e pagam as contas juntos
 - () divide as despesas e não juntam as rendas
 - () o marido paga as contas e a renda da mulher é exclusiva para gastos dela
 - () outro _____

APÊNDICE E**Questionário com o homem GRUPO B**

Este trabalho tem como objetivo conhecer as razões que levaram as mulheres a optar por manterem-se atuantes profissionalmente ou em cuidar exclusivamente dos filhos.

1. Iniciais do Nome: _____
2. Idade: _____ anos _____ meses
3. Profissão: _____
4. Escolaridade: _____
5. Renda do pai: R\$ _____ De onde provêm? _____
6. Conte-me a sua história como filho:
7. O que você acha que mudou “no ser pai”, desde seu avô, passando por seu pai, até você?
8. Como foi a gestação da sua esposa?
9. Gravidez foi planejada? Não () Sim ()
10. Gravidez foi desejada? Não () Sim ()
11. Após a licença maternidade do nascimento de seu filho, você opinou sobre a opção de sua esposa retornar ao trabalho ou ficar em casa para cuidar dele? Não () Sim ()
Caso positivo, quais foram seus argumentos?
12. Há pontos positivos dela ter retornado ao trabalho? Quais?
13. Há pontos negativos dela ter retornado ao trabalho? Quais?
14. Você acredita que a relação de sua esposa com seus filhos é influenciada pela ausência dela em casa? Em que?
15. Como você utiliza seu tempo livre? Explique:

APÊNDICE F

Transcrição Questionários Mulheres GRUPO A

Questionário realizado com as mulheres que interromperam ou adaptaram suas carreiras em função dos filhos:

Idade dos filhos: **Desde** **quando**
frequenta escola:

3 anos e 1 mês	1 ano e 8 meses
3 anos e 1 mês	1 ano e 3 meses
6 anos e 3 meses e 4 anos e 2 meses	Ambos com 2 anos e 9 meses
3 anos e 8 meses	3 anos
2 anos e 3 meses	Não frequenta
2 anos e 3 meses	1 ano e 11 meses
4 anos	1 ano e 6 meses
5 anos e 7 meses e 3 meses	O mais velho desde 2 anos
1 ano e 10 meses	Não respondeu
1 ano e 2 meses	Não frequenta
7 anos e 9 meses e 4 anos e 10 meses	Ambos com 3 anos
6 anos e 5 meses e 3 anos e 3 meses	Mais velho com 10 meses, mais novo com 8 meses
12 anos e 3 anos e 3 meses	O mais velho desde 2 anos e 8 meses, mais novo não frequenta
9 anos e 10 meses e 2 anos e 1 mês	Não respondeu
1 ano e 3 meses	Não frequenta

Conte-me a sua história como filha:

“Sou a caçula, tenho 3 irmãos e só uma menina. Era bem esperada pelos meus pais. A mãe me conta que não fez ultrassom e quando eu nasci meu pai caiu no choro. Foi muito emocionante. Mas resolvi fazer um curso muito longe, meus pais me deram todo apoio. E eu sempre quando posso vou visitá-los e vice versa.” (Mãe 1A)

“Filha mais velha de 3 irmãs, sempre tive que ser a mais responsável, dar exemplos. Família estruturada, sem muitos "problemas". Sempre fui muito dependente dos meus pais emocionalmente, financeiramente. Mas com muita vontade de casar cedo e ter minha família. Casei-me com 22 anos.”(Mãe 2A)

“Sou uma filha normal que tem bom relacionamento com os pais. Admiro meu pai por ter trabalhado muito e ter nos dado a melhor educação que podia e minha mãe por estar sempre presente enquanto estávamos em casa. Ela é o meu modelo.”(Mãe 3A)

“Primeira filha, tive um irmão aos 3 anos de idade, aos 8 anos mudamos de cidade por motivo de trabalho dos pais. Boa adaptação, bom convívio em família. Aos 17 anos fui estudar fora, morei sozinha 4 anos. Relacionamento com os pais e irmão sempre ótimo.”(Mãe 4A)

“Sou a terceira filha, temporária, de uma família unida onde procuramos nos reunir e estarmos sempre reunidos.”(Mãe 5A)

“Sempre procurei ser uma filha exemplar, procurando dar somente alegrias e orgulhos aos meus pais. Acredito que na grande parte das ocasiões atingi esse objetivo. Fui a segunda filha, sendo a caçula, acredito que por isso sempre fui um pouco mais mimada e ao mesmo tempo mais cobrada por meus pais. Fui sempre muito amada, tenho uma relação de respeito e amor muito grande por eles.”(Mãe 6A)

“Sempre fui uma filha muito independente. Sou filha mais nova, morava em Anita Garibaldi e vim embora com 9 anos. Minha mãe veio com nos (minhas outras 2 irmãs) para estudarmos em colégios melhores. Meu pai ficou no município devido a ser funcionário da prefeitura. Ele foi um pai muito ausente. Com 18 anos fui morar fora para fazer faculdade. Me formei e voltei para casa morar com a mãe. Sempre fui ligada a minha mãe e irmãs.” (Mãe 7A)

“Primeira filha. Diz mamãe que sempre tudo era para mim. Mudávamos muito de cidade pela profissão de papai. Mãe deixou de trabalhar para cuidar de mim e do meu irmão. Quando eu tinha 14 anos meus pais se separaram e voltamos à Lages com a mamãe. Meu pai desde então vem sempre me visitar, mora em outra cidade” (Mãe 8A)

“Fui adotada com 1,5 anos. Tive uma mãe que me transmitia segurança, um pai carinhoso e brincalhão. Outro pai, o biológico, que vinha me visitar em vez por ano. Meus pais me incentivavam, me davam liberdade para algumas coisas e eram rígidos em outras.”(Mãe 9A)

“Sou filha caçula (tenho 01 irmão e 01 irmã mais velhos) de um casal que possui uma família grande (cada um tem 10 irmãos) de uma cidade do interior. Sempre tive liberdade para conversar e optar pelo que queria, porém sempre com os conselhos e apoio dos meus pais, com quem morei até os 16 anos.” (Mãe 10A)

“Como filha, sempre tive meus pais muito presentes. Minha mãe não trabalha fora de casa, apenas em casa, apenas não, muito... Sempre com muita dedicação muito carinho e muita firmeza. Meu pai também, muito presente, muito carinhoso... Sempre firme na educação dos 5 filhos, priorizando sempre que todos estudassem.” (Mãe 11A)

“Sou a caçula, com 3 anos de diferença da minha irmã. Meus pais são casados, As 2 gestações foram panejadas, meu pai queria ter 4 filhas! Minha mãe fez laqueadura após um aborto espontâneo numa 3ª gestação. Ela não queria mais filhos, Duas eram o seu plano e o que julgava possível financiar com a realidade financeira que viviam.” (Mãe 12A)

“Filha, acredito ter sido uma benção na vida dos meus pais, gostaria que meus pais fossem eternos para eu conseguir cuidar deles. Pois passei muito pouco tempo no convívio com eles. Tenho muito orgulho de ser filha.”(Mãe 13A)

“Meus pais se casaram e após um ano de matrimônio eu nasci. Minha mãe não trabalhava, pois tem uma deficiência auditiva que a trinta anos atrás era motivo de preconceito nas entrevistas de emprego. Sempre foi dona de casa, o que lhe tornava uma mãe super dedicada e presente. Iniciei minha vida profissional com 16 anos, por opção e só interrompi após o nascimento da primeira filha” (Mãe 16A)

“Fui criada desde quando sai da maternidade pelas meus avós com todo carinho e tudo que era necessário para o meu desenvolvimento como ser humano, principalmente os valores morais, que hoje me ajudam e muito no meu dia a dia.” (Mãe 17A)

“Minha mãe sempre cuidou de mim e fui a 1ª vez para a escola com quase 6 anos de idade, sou filha única de pais casados, tive convivência com os avós e não conheci as avós que já eram falecidas quando nasci. Sempre tive uma ótima convivência em família.” (Mãe 20A)

O que você acha que mudou “no ser mãe”, desde sua avó, passando por sua mãe, até você?

“Mudou bastante. Aprendi a dar mais valor nas pequenas coisas. A ter mais paciência e ver que nem tudo é do nosso jeito. Aprendi a respeitar o tempo das pessoas, principalmente do meu filho. E também de ficar 100% quando estou com ele, abaixar para conversar, brincar bastante, virar criança novamente. Pois isto eu não me lembro da mãe ter feito.” (Mãe 1A)

“No meu caso não mudou muito, pois como minha mãe, parei de trabalhar para desfrutar do ser mãe em tempo integral. Em relação a quantidade de filhos que mudou, minhas avós tiveram 6 e 8 filhos, minha mãe teve 3 filhas e eu não sei se terei mais.”(Mãe 2A)

“Acho que antigamente eram muitos filhos e os mais velhos cuidavam dos mais novos. Agora temos menos filhos, nos preocupamos desde a gestação e temos mais tempo para lidar de forma única com cada um deles, pois eles exigem e nos cobram de formas diferentes.”(Mãe 3A)

“Mães que se dedicavam exclusivamente à família deixando a carreira profissional de lado. Hoje, acredito que o ser mãe é um equilíbrio em estar em casa e trabalhar fora, muito bem administrado.”(Mãe 4A)

“Acredito que houveram muitas mudanças desde minha avó, passando por minha mãe. Como a liberdade antes pouco permitida. Porém acredito que o exemplo e a educação precisam ser mantidas, havendo o respeito seguindo uma certa hierarquia.”(Mãe 5A)

“Acredito que houveram diversas mudanças, mas a que mais me chama a atenção é a maneira de demonstrações de carinho e afeto na época da minha avó e até mesmo de minha mãe não haviam muito beijos, palavras que demonstravam sentimentos. O amor certamente era o mesmo, mas havia um certo bloqueio na hora de demonstrar o

sentimento. A liberdade entre os pais e filhos também mudou bastante, hoje falamos sobre tudo com nossos filhos.”(Mãe 6A)

“Mudou a forma de criar os filhos/a mulher hoje está muito mais independente/tem seu trabalho/ sua renda.”(Mãe 7A)

“Ah, mudou bastante coisas. Como por exemplo a participação do papai nos cuidados diários com as crianças e com os afazeres de casa também. Compartilhamos todas as obrigações possíveis sejam elas pessoais ou financeiras.”(Mãe 8A)

“Creio que hoje nos cobramos mais na formação dos filhos e também nos divertimos mais. Meus pais com certeza eram mais democráticos que meus avós.”(Mãe 9A)

“Acho que mudou a dificuldade (ou facilidade) no auxílio da criação: como escola, atividades extra escolares, etc. A própria questão tecnológica (veículos, vacinas) também auxilia nas "facilidades". O que fica é a criação através do diálogo, do contato, do amor, e do cuidado. Morei com minha mãe e minha avó até os 16 anos, me espelho nas 2 para criar meu filho.”(Mãe 10A)

“Acredito que na sociedade muitas e muitas coisas mudaram, porém tento trazer para educar meus filhos o que testemunhei na educação da minha mãe e na presença da minha avó. Sendo firme com meus filhos, carinhosa e simplesmente, sendo mãe. E principalmente sendo mais presente do que as tecnologias de hoje (tv, celular, jogos).”(Mãe 11A)

“Acho que a maior diferença aconteceu na geração de minha mãe. Minha avó foi mãe de muitos filhos, morava no interior e sua vida era ser mãe/dona de casa. Já minha mãe, filha mais velha, saiu de casa aos 12 anos para entrar na vida religiosa e assim poder estudar e ter uma vida diferente de sua mãe. Neste momento minha vida parece uma mistura da vida da minha avó (maternidade e casa) com a da minha mãe (número reduzido de filhos, qualidade de vida e trabalho/vida profissional).”(Mãe 12A)

“Ser mãe é uma dádiva de Deus, pois o papel de mãe é uma seqüência de paciência, persistência e professora em todos os sentidos. A evolução de ser mãe na minha vida, foi perfeita estou tentando corrigir imperfeições que precisamos evoluir com nossos filhos.”(Mãe 13A)

“As mulheres se tornaram cada vez mais independentes, entretanto não deixaram de realizar suas tarefas e tratar esus filhos com dedicação. Buscam condições e capacitação para dar aos seus filhos condições melhores de lazer e educação.” (Mãe 16A)

“Trabalho muito a questão da moral: respeito pelos mais velhos, valorização pelas coisas conquistadas, essa questão tento não mudar, pois vejo uma necessidade para sermos melhores cidadãos. A situação citada acima mudou muito e faz uma enorme diferença na sociedade.”(Mãe 17A)

“Ser intensamente mãe durante a licença maternidade e em seguida continuar minha vida profissional sendo mãe e do lar.”(Mãe 20A)

Como foi sua gestação? Teve alguma intercorrência? E o parto?

“Foi ótima! Consegui trabalhar até quase o oitavo mês. Aproveitei bastante a gestação, tirei bastante fotos, conversei bastante com ele na minha barriga, senti todos os movimentos do "L", foi uma sensação maravilhosa.” (Mãe 1A)

“Foi muito tranquila, muito planejada e esperada, nada de anormal. O parto foi cesárea, optei por cesárea com hora marcada e dia marcado, não estava encaixado.”(Mãe 2A)

“A primeira foi tranquila ate a 37ª semana onde teve diminuição de líquido amniótico e fui submetida à cirurgia de urgência. A segunda tudo certo, sem intercorrências. Parto cesárea também.”(Mãe 3A)

“Gestação de risco, repouso absoluto toda gestação. Parto prematuro com 35 semanas, tudo correu bem após o parto.”(Mãe 4A)

“A gestação foi tranquila e de muita expectativa. Não havendo nenhuma intercorrência, o parto optei por cesariana” (Mãe 5A)

“A minha gestação foi excelente, não tive nenhum tipo de problema, não precisei tomar nenhum remédio durante a gestação toda. Foi um período muito feliz, o mais feliz da minha vida, estava me sentindo linda,

completa, realizada. O parto foi um momento mágico, estava muito tranquila e feliz. Meu marido esteve comigo o tempo todo me apoiando. Sem dúvida alguma, foi o momento mais bonito e feliz da minha vida.”(Mãe 6A)

“Foi uma gestação programada. Correu tudo em tempo normal. O parto foi programado para dar certo (cesariana).”(Mãe 7A)

“A primeira tudo de bom, gestação muito tranquila,. Parto dolorido, mas tudo dentro da normalidade. No segundo, já é tudo mais corrido, você já tem um filho que depende de todos os cuidados e atenção. O parto foi bem mais fácil que o primeiro, inclusive na recuperação.”(Mãe 8A)

“Minha gestação foi ótima, nenhuma intercorrência. E o parto foi gostoso, cercado de amigos e familiares.”(Mãe 9A)

“Sempre tranquila em relação à saúde. Quanto aos aspectos emocionais foi um pouco difícil. Assimilar a mudança no trabalho e nos planos profissionais a curto prazo é um pouco assustador. No começo! Depois é bom! E o parto foi super tranquilo também. Foi cesárea (estava pélvico) e a recuperação foi rápida.”(Mãe 10A)

“Ambas gestações ocorreram dentro do normal, graças a Deus. Trabalhei até o dia em que os meninos nasceram, sentindo-me muito bem, porém, curti e aproveitei muito cada momento, interagindo muito com o filho que ali estava. Ambos nasceram de parto normal. Foi uma bênção para minha vida desde o dia do resultado positivo do exame.”(Mãe 11A)

“A gestação foi muito tranquila. Não entrei em trabalho de parto e a cesárea foi feita com 40 semanas e 1 dia. Já estava com mecônio, então meu filho foi para o respirador por uns 40 minutos. Depois foi tudo certo.”(Mãe 12A)

“A gestação foi tranquila, pois trabalhei até na semana do parto. O parto foi cesariana agendada previamente, realizada com toda a tranquilidade.”(Mãe 13A)

“Foi planejada e muito festejada” (Mãe 16A)

“Tive uma boa gestação e um parto tranquilo.”(Mãe 17A)

“Gestação normal, sem risco, mas conturbada emocionalmente (pai com TU renal e mãe com transplante marcado) Parto cesareana, por medo de ganhar PN no mais sem intercorrências.”(Mãe 20A)

Gravidez Planejada	16
Gravidez não planejada	0
Gravidez Desejada	16
Gravidez não desejada	0

Desejo durante a gestação	0
Náusea durante a gestação	1
Outro sintoma físico	1

Amamentou menos de 3 meses	3
Amamentou de 3 meses a 1 ano	9
Amamentou mais de 1 ano	4

Após a licença maternidade do nascimento de seu filho, por que você optou por interromper/adaptar sua carreira?

“Para eu cuidar exclusivamente dele, pois eu sabia que iria exigir bastante tempo e pelo meu trabalho me proporcionar essa opção.” (Mãe 1A)

“Por ser autônoma e a provável mudança de cidade, mas foi uma escolha minha, para curtir, aproveitar e desfrutar deste maior sonho que é ser mãe.”(Mãe 2A)

“Para dar atenção, carinho e cuidados a eles em tempo integral. Para poder observar seus desenvolvimentos, orientá-los e educá-los sempre que necessário.”(Mãe 3A)

“Para me dedicar exclusivamente ao bebê, nos primeiros 2 anos, o qual acredito ser fundamental a presença da mãe em tempo integral.”(Mãe 4A)

“Optei parar de trabalhar por um tempo, pois chegamos à conclusão que seria um momento único para ambas as partes. E achei que seria mais

proveitoso cuidar dele em tempo integral. Tive também muito incentivo por parte do meu marido.”(Mãe 5A)

“Desde que comecei a planejar minha gravidez, já tinha optado por não voltar mais para o trabalho, assim que a licença terminasse. E foi o que realmente ocorreu. Não podia imaginar deixar minha filha o dia todo longe de mim e de meus cuidados. Acho muito importante o convívio com a mãe em tempo integral durante o primeiro ano de vida da criança, principalmente.”(Mãe 6A)

“Um dos motivos foi a amamentação (não tinha muita regra quanto a horário). Também optei em parar para cuidar dela e curtir esta fase que passa rápido. Foi uma opção de ambas as partes tanto minha quanto meu marido. Dificuldade com a sócia no trabalho.”(Mãe 7A)

“Não foi interrompida totalmente pelo fato da minha profissão poder ter um escritório em casa consigo dentro do possível me organizar com todas as atividades. Caso contrário minha dedicação seria total a família.”(Mãe 8A)

“Havíamos nos mudado de cidade e eu me desligara da escola. Aproveitamos a oportunidade para que eu me dedicasse exclusivamente à tarefa de ser mãe.”(Mãe 9A)

“Eu trabalhava em turnos (sem dia fixo) e no período noturno. Isso fazia com que eu ficasse mais irritada (por dormir pouco) e não aproveitava bem o tempo com meu filho (cansada). Além disso, meu trabalho me expunha a situações de risco, que optei por abrir mão.”(Mãe 10A)

“Na verdade eu não interrompi, mas adaptei meus horários de trabalho. Trabalhava das 6 às 12h. Meu esposo ficava com eles em casa neste período, levando-os para mamar às 10h. Almoçávamos juntos e no período da tarde e noite podia ficar com os meninos.”(Mãe 11A)

“Eu já estava insatisfeita com meu trabalho, então o nascimento do segundo filho me pareceu com o momento certo para mudar de rumo.”(Mãe 12A)

“Para dar mais atenção ao filho, cuidado integral.”(Mãe 13A)

“Como o parto e os primeiros dias de vida do bebê foram difíceis, optei

por me dedicar em tempo integral.” (Mãe 16A)

“Por motivos profissionais, desmotivação.”(Mãe 17A)

“Queria cuidar dela, mas não podia parar por necessidade financeira e porque sempre fui independente, então mudei o turno.”(Mãe 20A)

Há pontos positivos de ficar em casa? Quais?

“Bastante. Por exemplo de poder fazer a comida do filho com muito carinho, De poder estar presente na vida dele principalmente no primeiro passinho, primeira palavra, tudo isso podemos acompanhar de perto quando estamos em casa.” (Mãe 1A)

“Sim, acompanho de perto todo o desenvolvimento do meu filho, todas as etapas de transição e aprendizado.”(Mãe 2A)

“Sim, ficar com os filhos o maior tempo possível, acompanhar seu desenvolvimento psicomotor e na escola, cuidar enfermidades, orientá-los e educá-los da melhor forma possível.”(Mãe 3A)

“Educação do filho, segurança na questão do aprendizado, saúde, desenvolvimento psicomotor e maior vínculo.”(Mãe 4A)

“Sim, essa experiência faz com que eu consiga cuidar, entender e curtir todas as fases do meu filho.”(Mãe 5A)

“Sim. O convívio com meu marido e com a minha filha são priorizados, o cuidado com a casa, consigo me dedicar exclusivamente a família o que pra mim é qualidade de vida.”(Mãe 6A)

“Sim. Poder dar mais atenção, poder brincar com a criança, cuidar mais na alimentação.”(Mãe 7A)

“Claro. Minha prioridade são meus filhos. Consigo acompanhar o crescimento deles, dando carinho e atenção, conciliando alguma atividade profissional dentro da minha área.”(Mãe 8A)

“Sim! O contato tranquilo respeitando as necessidades da criança,

oferecendo alimentos variados, transmitindo segurança e carinho são alguns aspectos interessantes.”(Mãe 9A)

“Ver cada conquista dos filhos a cada dia. Conhecer mais e melhor suas atitudes. Aprender a ter mais paciência com eles e ser mais tolerante com tudo!!”(Mãe 10A)

“Sim, muitos. Ao escolhermos ser mãe, ser pai, assumimos um compromisso e uma responsabilidade nossa, a qual nunca devemos repassa-la a terceiros, somente nossa presença pode ensinar a eles os principais princípios da vida, amor, respeito...”(Mãe 11A)

“Sim. Tenho tempo para brincar, ajudar com a tarefa, levar em atividade extra escola.”(Mãe 12A)

“Qualidade de vida: filhos, cuidar de sua alimentação, acompanhar todos os passos, desenvolvimento psicológico.”(Mãe 13A)

“Participar do crescimento e desenvolvimento. Acompanhar as dificuldades e alegrias de seus filhos. Proteger e acolher.” (Mãe 16A)

“Sim, A oportunidade de ser o seu desenvolvimento dia a dia é maravilhoso. As chances de moldar a personalidade dele é boa.”(Mãe 17A)

“Sim, sair um pouco da realidade de mãe e do lar me sentindo útil profissionalmente.”(Mãe 20A)

Há pontos negativos de ficar em casa? Quais?

“Nos dois primeiros anos não vejo problema, mas a partir daí já acho que o profissional precisa ser retomado.” (Mãe 1A)

“Sim, o não reconhecimento das pessoas, o preconceito que quem fica em casa não faz nada.”(Mãe 2A)

“Diminuir relacionamento com as pessoas, perda do convívio social.”(Mãe 3A)

“Diminuição do convívio social, dependência financeira, vínculo mãe e

filho com muita dependência.”(Mãe 4A)

“Sim, há momentos também de esgotamento pela fase que ele se encontra e porque concilio trabalhar nos horários disponíveis que tenho em casa.”(Mãe 5A)

“Talvez a falta de convívio com outras pessoas. Enfim, ouvir pessoas de fora, que não estão 24 horas com você, as vezes sinto falta desse contato.”(Mãe 6A)

“Sim. Ficar deslocada do que acontece fora. Como atendia muitos pacientes e tinha contato com várias pessoas, senti muito a falta disso.”(Mãe 7A)

“Não vejo, talvez como aspecto negativo, mas como uma sobrecarga num mesmo ambiente. Não saio e volto para casa (aff respirada). São afazeres domésticos e profissionais andando sempre juntos.”(Mãe 8A)

“Sim! A mãe se sente desatualizada profissionalmente mas para a criança não vejo nenhum negativo.”(Mãe 9A)

“Não vejo pontos negativos.”(Mãe 10A)

“Até os 4 anos creio que não há pontos negativos. A presença dos pais é fundamental, essencial, na formação de nossos filhos, de toda criança.”(Mãe 11A)

“Sim. Muitas vezes me sinto sozinha e cansada (trabalho doméstico parece que não aparece, logo tem que refazer tudo). Sinto falta de ter outra ocupação/outros compromissos além de mãe/esposa/dona de casa.”(Mãe 12A)

“Rotina do lar (lavar, cozinhar, passar...)”(Mãe 13A)

“Rede de relacionamento, independência financeira, capacitação profissional e atualização.” (Mãe 16A)

“Não.”(Mãe 17A)

“Sim, cansaço por conciliar tantas funções e responsabilidades, até

medo por falhar com os cuidados com minha filha.”(Mãe 20A)

Você acredita que sua relação com seus filhos é influenciada pela sua presença em casa? Explique:

“Com certeza. Da pra ver pelo seu desenvolvimento, pelas suas atitudes e pela sua educação.” (Mãe 1A)

“Sim. Porque temos muito tempo juntos e o exemplo dos pais (mãe) no caso, é muito importante na formação da personalidade e no aprendizado da idade que meu filho está.”(Mãe 2A)

“Muito. Acredito que posso passar a eles valores éticos, ensinar o certo e o errado e orientá-los a seguir melhor caminho. Acredito que minha relação com eles é muito mais sentimental em virtude da proximidade que tenho com eles. Por isso acredito que sim, minha presença em casa influencia.”(Mãe 3A)

“Não, minha relação é influenciada pela maneira como lidamos com as situações, transmitindo segurança, afeto, não com o tempo que estamos em casa.”(Mãe 4A)

“Acredito que sim, pois estou presente poderei educar e dar mais atenção ao meu filho.”(Mãe 5A)

“Com toda certeza, estando em casa, consigo cuidar pessoalmente da educação da minha filha. Percebo que ela tendo comigo uma rotina, desde que nasceu, estando sempre ao meu lado, torna-se uma criança mais calma e tranquila.”(Mãe 6A)

“Sim. Nos primeiros anos de vida a criança é muito dependente da mãe e a mãe estando em casa cria um vínculo maior entre mãe e criança.”(Mãe 7A)

“Com certeza. Procuramos ter uma rotina diária. Tentamos uma organização familiar para que tudo ocorra bem, para o desenvolvimento das crianças e também o meu profissional.”(Mãe 8A)

“Sim. Somos muito próximos e companheiros, ao mesmo tempo que o sinto seguro com estar com outras pessoas sem a minha presença.”(Mãe

9A)

“Acredito que sim. Porém acho que saberei explicar isso daqui a alguns anos! Hoje posso dizer que ele é uma criança calma e doce.”(Mãe 10A)

“Sim, é muito perceptível em nossas relações. No diálogo, no respeito, no carinho, na parceria, em todo o nosso dia a dia colhemos estes frutos.”(Mãe 11A)

“De certa forma, sim. Porque eles sabem que podem contar comigo. Mas por outro lado, acho que quando eu trabalhava isso também era possível porque não era um trabalho que eu passasse o dia todo fora, sem vê-los, ou almoçar juntos, ou vestir para a escola. Mesmo trabalhando, eu sempre estive muito presente.”(Mãe 12A)

“Com certeza, pois sou professora e educadora em todos os sentidos.”(Mãe 13A)

“Sim, eles se sentem mais protegidos.” (Mãe 16A)

“Sim. O dia a dia nos aproxima e nos faz amarmos cada vez mais.”(Mãe 17A)

“Um tempo disponível para amadurecimento e certa independência.”(Mãe 20A)

Como você descreve o seu antigo trabalho formal?

“Trabalho autônomo, bem tranquilo e agradável.” (Mãe 1A)

“Muito corrido, sem horário fixo, nem local. Fazia atendimento domiciliar e clínica, em horários diversos das 7h às 21h, normalmente não tinha horário de almoço.”(Mãe 2A)

“Era fisioterapeuta e trabalhava em tempo integral.”(Mãe 3A)

“Trabalho cansativo fisicamente, mas com retorno positivo, que me traria realização profissional e pessoal.”(Mãe 4A)

“Sou funcionária pública concursada, tinha muitas responsabilidades e cobranças. Porém era um ambiente ótimo e um trabalho satisfatório.”(Mãe 5A)

“Estressante, trabalhava num banco no qual era extremamente cobrada. Por esse motivo também optei por interromper minha carreira, acredito que com um bebe não conseguiria conciliar as duas coisas.”(Mãe 6A)

“Tinha um nível de stress com a parceira de trabalho.”(Mãe 7A)

“Um trabalho com remuneração mensal, o qual hoje é bem mais difícil e sinto falta do contato diário com pessoas da minha área profissional. Apesar de que como autônoma posso desenvolver mais atividades do que se estivesse empregada.”(Mãe 8A)

“Professora de português para crianças de 10 a 17 anos.”(Mãe 9A)

“É maravilhoso! Porém exigia o trabalho de risco frente a agentes biológicos e físicos.”(Mãe 10A)

“Era bolsista, enquanto fazia doutorado.”(Mãe 11A)

“Trabalhava como psicóloga clínica, atendia adolescentes e adultos.”(Mãe 12A)

“Tudo que eu adorava desempenhar.”(Mãe 13A)

“Ambiente agradável, atividades correspondentes com a minha formação, salario não satisfatório.” (Mãe 16A)

“Como uma forma de renda para a sobrevivência da minha família, e a minha realização profissional.”(Mãe 17A)

“Importante para o meu desenvolvimento humano e social, apesar de conturbado às vezes é ate relaxante.”(Mãe 20A)

Como o casal administra a renda? Explique:

“Marido pagava tudo”(Mãe 1A)

“Meu marido administra. Temos um orçamento mensal para diversas áreas e tento manter estes gastos.” (Mãe 2A)

“A renda vem única e exclusivamente do trabalho do meu marido.”(Mãe 3A)

“Renda administrada pelo marido.”(Mãe 4A)

“Meu marido assumiu as despesas da casa e do nosso filho, minha renda ajuda em minhas despesas pessoais.”(Mãe 5A)

“Desde que nos casamos tudo que ganhamos entra no nosso orçamento e é utilizado para o pagamento das despesas da casa, mesmo quando eu também trabalhava. Não temos o costume de diviso de despesas. Tudo que entra é dos três.”(Mãe 6A)

“Fui mantida pelo marido”(Mãe 7A)

“A renda certa que temos mensal hoje é do meu marido, pois a minha é instável. Porém todas as despesas são compartilhadas.”(Mãe 8A)

“O marido trabalha e a mãe economiza em gastos supérfluos.”(Mãe 9A)

“Conforme a necessidade e a disponibilidade. Porém a renda do esposo é maior (sendo que trabalha em período integral).”(Mãe 10A)

“Ambos trabalhavam, porém meu esposo trabalha apenas no turno da tarde, para ficar com os meninos no turno da manhã. Nossas rendas são comuns à família.”(Mãe 11A)

“Sempre consideramos como ‘nosso’ dinheiro. Tudo que entrava, de um lado e de outro, ia para a mesma conta. Atualmente, só ele tem salário, mas continua sendo "nosso" (Mãe 12A)

“em comum acordo”(Mãe 13A)

“marido me entrega todo seu salario e eu administro”(Mãe 16A)

“Cada um cuida do seu salário, ocorrendo ajuda mútua quando a necessidade.”(Mãe 17A)

“Reúne as rendas e pagam as contas juntos.”(Mãe 20A)

Você pretende retomar sua vida profissional? Quando? Pra mesma área? Por que?

“Sim, em 2 anos no máximo, para a mesma área. Pois como já disse, depois dos dois primeiros anos do filho acho importante ele entrar na escola, ficar em contato com as crianças e a mãe poder ter esse tempo pra trabalhar.” (Mãe 1A)

“Sim, após o próximo filho, não necessariamente para a mesma área por falta de uma rotina fixa.”(Mãe 2A)

“Sim, voltei quando o mais novo foi pra escola. Para a mesma área, pois é minha profissão, gosto do que faço, porém trabalho somente meio período (o mesmo que os filhos estão na escola). No turno que eles estão em casa estou também para continuar cuidando e orientando os pequenos.”(Mãe 3A)

“Sim, voltei quando a criança fez 2 anos. Voltei para a mesma área mas com algumas mudanças, diminuindo a carga horária, trabalhar meio período enquanto o filho estiver na escola e no outro permanecer em casa, acredito que é o equilíbrio de trabalhar e ficar em casa que nos torna mulheres mais realizadas e felizes.”(Mãe 4A)

“Sim, quando a criança fizer 3 anos. Voltarei pra mesma área porque gosto do meu antigo local de trabalho onde me sinto satisfeita.”(Mãe 5A)

“Sim, quando a filha estiver com 4 anos. Voltarei para a mesma área, apesar de ser uma área de muita cobrança, é o que eu gosto de fazer e acredito que com a minha filha maior será mais fácil administrar a vida profissional, sem diminuir a qualidade do convívio com a minha família.”(Mãe 6A)

“Sim, retornei quando ela tinha 1 ano e meio. Surgiu a oportunidade de comprar um estabelecimento comercial e junto a ele tinha uma sala que montei meu consultório. Voltei também devido aos pacientes estarem precisando do meu serviço.”(Mãe 7A)

“Sim, quando eles estiverem menos dependentes. Quero retomar meu escritório de arquitetura fora de casa. Afazeres domésticos independentes do profissional e ter uma estabilidade maior financeira para uma melhor qualidade de vida.”(Mãe 8A)

“Sim, voltei quando ele completou 2 anos. Para a mesma área porque gosto de lecionar e poderei ter um horário flexível e continuar presente na educação do “B”.”(Mãe 9A)

“Sim, Daqui a algum tempo, quando os filhos não dependerem tanto de nós, me dedicarei ao campo profissional novamente, retomando mestrado. Hoje sou mãe!!!”(Mãe 10A)

“Sim, retornei quando o mais novo fez 3 anos, pois passei no concurso e com trabalho de 40 horas meu marido fica em casa 20 horas.”(Mãe 11A)

“Sim, em breve, mas não pra mesma área, pois na minha área, o que eu gosto, tem um retorno financeiro que não me satisfaz. Estou em busca de um trabalho que me satisfaça profissionalmente, inclusive financeiramente.”(Mãe 12A)

“Sim, em breve e para a mesma área porque adoro trabalhar em grupo.”(Mãe 13A)

“Sim, em 1 ano” (Mãe 16A)

“Sim, já voltei em janeiro desse ano. Pra mesma área porque é onde me identifico e sinto prazer.”(Mãe 17A)

“Sim, não parei além da licença maternidade, mas alterei o turno de trabalho para o noturno, quando ela fica com o pai.”(Mãe 20A)

APÊNDICE G

Transcrição Questionários Homens GRUPO A

Conte-me a sua história como filho:

“Sou o 2º de quatro filhos, nascido em Blumenau SC, tendo como pai AJM e mãe BSM. Meu irmão mais velho chama L (homem) e os dois mais novos são R (homem) e S (mulher). Minha relação com todos sempre foi normal, em especial com meu pai e mãe, que sempre tentei fazer o melhor e também escutá-los nos seus conselhos.” (Pai 1A)

“Sou o filho mais velho, tendo um irmão 02 anos mais novo. Morei com meus pais até os 26 anos, quando me casei e saí da casa deles. Meus pais ainda moram juntos em Curitiba. Cresci no interior do Paraná e me mudei para Curitiba aos 16 anos. Meu pai sempre trabalhou fora e minha mãe sempre ficou em casa para cuidar dos filhos.”(Pai 2A)

“Filho mais velho com muitas responsabilidades, rebelde na adolescência, dedicado aos estudos e ao esporte. Sai de casa com 14 anos para estudar.”(Pai 3A)

“Segundo filho, aos 7 anos os pais se separaram, fui morar com a mãe, aos 14 anos fui morar com o pai.”(Pai 4A)

“Eu tenho 2 irmãos, somos 3 filhos eu sou o segundo filho. O mais velho nasceu em 1973, eu em 1974 e o mais novo em 1982. Meus pais foram casados até 1992, ano em que meu pai faleceu. Tive uma infância bem tranquila, tenho uma boa relação com minha mãe e também me relacionava bem com meu pai.”(Pai 5A)

“Resumo com uma palavra ‘feliz’, sempre tive meus pais ao meu lado me auxiliando. Tenho mais três irmãos e nosso convívio foi sempre sadio.”(Pai 6A)

“Filho mais novo de 3 irmãos, pai sempre trabalhou em empresa privada e mãe era do lar. Fui muito ligado aos familiares (tios, tias, primos, avós) até a adolescência com poucos amigos fora deste grupo. Perdi pai há 20 anos quando tinha 18 anos de idade e aos 25 anos interrompi a faculdade para morar fora do país. Casei com 28 anos e trabalho desde quando completei a faculdade.”(Pai 7A)

“Criado até os 7 anos pelos pais, posteriormente pelos avós paternos.”(Pai 8A)

“Filho mais novo de família com poucos recursos financeiros.”(Pai 9A)

“Historia família: sou o terceiro filho, tenho duas irmãs mais velhas, intervalo de 7 e 8 anos, meu pai tinha 38 e minha mãe 28 anos, quando nasci, são casados até hoje. Irmãs também casadas, avós conheci pouco, mas formavam famílias com muitos filhos.”(Pai 10A)

“Meus pais foram muito presentes. Tenho 4 irmãs e como "filho" único, muito firme foi meu pai em sua criação, porém, muito carinhoso.”(Pai 11A)

“Primeiro de dois filhos, diferença de três anos. Pais separaram quando tinha 14 nos. Pais trabalhavam ambos fora de casa. Durante período final do casamento minha mãe tinha renda superior a do meu pai.”(Pai 12A)

“Acredito ter sido um bom filho, não dando decepção ou tristezas aos pais.”(Pai 13A)

“Família estruturada, pais sempre trabalharam, rígidos porem compreensivos, presentes em todas as horas para orientar e quando necessário repreender. Cresci numa família sem muitos altos e baixos, responsabilidade e honestidade, sempre foram pontos batidos a exaustão em família.” (Pai 16A)

“Uma infância tranquila com pais.”(Pai 17A)

“Filho de pais jovens de renda baixa, recém casados. Tenho um irmão mais novo, pais assalariados e apesar da baixa renda sempre estudei em escola particular, muito apegado aos pais comecei a trabalhar depois de ingressar na faculdade, me formei, casei, tive meu primeiro filho e estou muito feliz com minha família.”(Pai 20A)

O que você acha que mudou “no ser pai”, desde seu avô, passando por seu pai, até você?

“Acredito que a principal mudança neste assunto é a crescente capacidade que os pais estão adquirindo na educação e criação dos filhos, isto é, estão a cada geração mais participativos, auxiliando em todos os assuntos relacionados ao filho.” (Pai 1A)

“Acho que hoje há mais preocupação em dividir as tarefas envolvidas com o cuidado dos filhos, ajudando a mãe. Nas gerações anteriores a preocupação era ser o provedor somente.”(Pai 2A)

“Houve mudança estrutural da família em número e hierarquia. Hoje as obrigações são divididas com a esposa, educação e rendas... Com o acesso as informações mais fácil agora aumenta a responsabilidade em orientar qual moral ser aprendida.”(Pai 3A)

“As gerações passadas priorizavam a mãe em casa.”(Pai 4A)

“A principal mudança em minha opinião foi o envolvimento maior e de maior qualidade entre pai e filho. Outra diferença foi referente a tarefas que antes eram apenas da mãe e hoje são divididas, na criação do filho.”(Pai 5A)

“Acredito que a maior mudança ocorre com as tecnologias que não existiam tanto na época do genitor quanto na do avo. Alimentação, medicação, babá eletrônica, etc.”(Pai 6A)

“Pais mais atentos e participativos na criança dos filhos, ajudando nas atividades do dia a dia.”(Pai 7A)

“Mudou bastante com relação a interação e participação não só na criação em si, mas no dia a dia, nos cuidados diários com o bebe.”(Pai 8A)

“Atualmente mais pais tem mais abertura para diálogo com os filhos. Meu pai já havia se livrado de alguns costumes tratados como sinônimo de respeito em relação a meu avô.”(Pai 9A)

“Meus avôs aparentemente não cuidavam, nem davam muita atenção para os filhos, eram cuidados pelas avós. Meu pai me estimulava nas tarefas do colégio e esportes, porém não "cuidava", me sinto mais atuante que eles, pois gosto de participar de todo o cuidado do bebê e

pretendo o estimular também.”(Pai 10A)

“Acredito que por cultura, o afeto que tenho com os meus filhos são maiores. Passamos mais tempo juntos, brincamos juntos, o afeto e carinho é maior, embora, meu pai tenha sido sempre muito presente.”(Pai 11A)

“Meu avô e meu pai sempre participaram ativamente nas tarefas domésticas e na educação e cuidados dos filhos. Eu tento fazer o mesmo. A única diferença que percebo é que a minha relação com meus filhos é mais horizontal que a minha com o meu pai, que por sua vez era mais horizontal que a dele com o meu avô.”(Pai 12A)

“Aumentou a responsabilidade, amizade e felicidade.”(Pai 13A)

“O mundo mudou, o acesso a informação tornou-se necessário e fácil. Internet, televisão com múltiplos canais, celular foram essenciais para essa mudança. O fato de não poder repreender os filhos com palmadas a meu ver agride o direito de ser pai, contato que não haja abuso (spancamento) meus filhos com certeza, caso haja necessidade, serão repreendidos por palmadas de amor, para seu próprio bem.” (Pai 16A)

“Tudo, principalmente a educação.”(Pai 17A)

“Não conheci meus avôs, mas creio que puxei os dois em algo, acredito que puxei muito meu pai, temos pensamentos parecidos, modo de agir semelhantes, porem assim como os tempos evolui com relação a ele em alguns aspectos. Eu pai, hoje tenho a exata dimensão do amor do meu pai comigo, pois amo minha filha como jamais achei que amaria.”(Pai 20A)

Como foi a gestação da sua esposa?

“Foi uma gestação tranquila, sem ocorrência de nenhum problema.” (Pai 1A)

“Sem nenhum problema de saúde, com ela ou com o bebê, poucos problemas com humor ou hormonais em geral foi bem tranquila.”(Pai 2A)

“Normal. Um susto no final da primeira gestação, duas gestações programadas de parto cesáreo.”(Pai 3A)

“Terrível, problemas gestacionais, incapacitando física e psicologicamente.”(Pai 4A)

“Foi uma gestação bem tranquila, percebi que durante essa fase ela se manteve fisicamente e psicologicamente bem equilibrada.”(Pai 5A)

“Tudo perfeito, ocorreu tudo conforme o planejado. Tínhamos tudo previsto e controlado.”(Pai 6A)

“Tranquila, sem problemas. Tivemos dificuldades para engravidar, mais ou menos 11 meses de espera.”(Pai 7A)

“foram gestações tranquilas, sem problemas ou complicações é com os devidos acompanhamentos que se fazem necessários.”(Pai 8A)

“Normal e tranquila.”(Pai 9A)

“Gestação tranquila, muitas alegrias conforme evoluía, ela se cuidou e a gente se preparou juntos para a chegada do bebê.”(Pai 10A)

“Foi tudo bem, curtimos juntos cada momento.”(Pai 11A)

“Ambas foram tranquilas.”(Pai 12A)

“tranquila, sem problemas e com muita expectativa.”(Pai 13A)

“Desejada, planejada, após estarmos estruturados financeiramente.” (Pai 16A)

“Normal.”(Pai 17A)

“Muito boa, tranquila, com bastante expectativa e muito curtida.”(Pai 20A)

GRAVIDEZ PLANEJADA	16
GRAVIDEZ DESEJADA	16

Após a licença maternidade do nascimento de seu filho, você opinou sobre a opção de sua esposa retornar ao trabalho ou ficar em casa para cuidar dele?

“Não”(Pai 1A)

“Sim. Não queria que ele fosse criado por outra pessoa, que não a mãe, principalmente nos primeiros anos de vida. O rendimento do trabalho dela na época não justificava a volta o trabalho, considerando os custos com o filho.”(Pai 2A)

“A maior necessidade foi de ensinar o moral e costumes de nossas famílias.”(Pai 3A)

“Não.”(Pai 4A)

“Sim. Tempo maior disponível para a criação e educação do nosso filho.”(Pai 5A)

“Sim. O fato da mãe estar presente ao lado do bebe em muito me acalmaria. A figura da mãe nesses primeiros momento é, ao meu ver, fundamental.”(Pai 6A)

“Opinei por deixar a opção dela valer (ficar em casa e parar de trabalhar) por receio de deixar a filha com outra pessoa (insegurança).”(Pai 7A)

“Sim. O de manter sempre o equilíbrio entre o tempo mínimo para ficar com os filhos, e o de retomar a carreira profissional, até porque esses filhos necessitarão de bastante recurso para que os coloque em situação ideal de competitividade na selva que os espera futuramente.”(Pai 8A)

“Sim. A falta de participação financeira caso optasse por parar de trabalhar não traria consequências negativas para a vida familiar, desta forma, havia a possibilidade de escolha com maior tranquilidade para avaliação dos prós e contras.”(Pai 9A)

“Não.” (Pai 10A)

“Sim. Alterei meu horário de trabalho, passei a trabalhar apenas no período da tarde, podendo ficar com os guris no período da manhã, desde os 4 meses de idade fico com eles neste período.” (Pai 11A)

“Não.”(Pai 12A)

“Não” (mas a esposa falou que era tudo que ele queria).(Pai 13A)

“Sim. Necessidade do amor de mãe próximo dos filhos. Optou de não deixar seus filhos na mão de quem não conhecemos totalmente. Não termos família próxima. Não necessitarmos de apoio financeiro da mãe para sobrevivência.” (Pai 16A)

“Sim. Curtir um pouco mais o bebê.”(Pai 17A)

“Sim. Uma pessoa jovem e formada não pode abrir mais dos seus desejos dos seus sonhos, das suas vontades para ser uma mãe do lar. Acredito que pode sim dar atenção, amor, carinho, educação e cuidar do lar, mesmo trabalhando com a ajuda do marido.”(Pai 20A)

Há pontos positivos dela ficar em casa? Quais?

“Existem vários em especial o desenvolvimento do carinho, amor, educação e relação afetiva entre mãe e filho.”(Pai 1A)

“O fato de ela mesma educar o filho, não ficar emocionalmente culpada por deixa-lo para trabalhar, ela o envolve em atividades, diminuindo o tempo dele na TV.”(Pai 2A)

“Tranquilidade para trabalhar e saber que meus filhos estavam cuidados e orientados da melhor forma possível.”(Pai 3A)

“Sim, permanecer mais tempo com o filho.”(Pai 4A)

“Disponibilidades maior com nosso filho, podendo dispensar maior atenção a ele e também acompanhar de perto seu desenvolvimento no dia a dia.”(Pai 5A)

“A educação e os ensinamentos que são passados, além dos constantes cuidados.”(Pai 6A)

“Sim. Cuidar das coisas do dia a dia, manter o lar organizado e sempre aconchegante, menos preocupada ou estressada com problemas fora de casa/trabalho.”(Pai 7A)

“Há sim, os cuidados de mãe, uma maior aproximação e reforço dos laços afetivos.”(Pai 8A)

“Sim. Acredito que a proximidade dela com a criança deixa ambos mais tranquilos. Como a interação de mãe e criança é uma novidade total, o trabalho pode ser desenvolvido com menos dedicação e trazer sentimentos de culpa, bem como a maternidade "menos horas por dia" pode trazer o mesmo sentimento.”(Pai 9A)

“Sim. O cuidado, a intimidade, a segurança, acompanhar a evolução.”(Pai 10A)

“Sim, é muito importante na educação deles, nos princípios que eles aprendem e o exemplo que eles tem.”(Pai 11A)

“Ela pode assumir mais do que eu as tarefas domésticas.”(Pai 12A)

“Sim, mais atenção e cuidados com os filhos.”(Pai 13A)

“Necessidade do amor de mãe próximo dos filhos. Não deixar seus filhos na mão de quem não conhecemos totalmente.” (Pai 16A)

“Sim. Com ela eu me sinto mais seguro.”(Pai 17A)

“Sim. Independência salarial, contato e troca de informações com outras mães, e a vontade de voltar com mais amor para casa, ficar com a família. Acho que evita o estresse de mãe e dona de casa que acaba se tornando exaustivo” (Pai 20A)

Há pontos negativos de ficar em casa? Quais?

“Não.” (Pai 1A)

“As vezes ela fica saturada com as atividades repetitivas demais, por

ficar sozinha, pode ser cansativo emocionalmente se não for associado com outras atividades.”(Pai 2A)

“Sim, perda do convívio social e trabalho.”(Pai 3A)

“Sim, dependência maior da criança com a mãe.”(Pai 4A)

“Em alguns momentos ela reflete que a rotina diaria, dentro de casa, acabar cansando um pouco, e isso esporadicamente reflete em irritabilidade.”(Pai 5A)

“Acredito que a questão ficaria por conta do lado profissional. Sinto por ela ter se qualificado colando grau e fazendo pós graduação, mas seu que é uma opção dela.”(Pai 6A)

“Sim. A rotina pode levar a depressão, preocupar-se com coisas pequenas e transformar pequenos problemas em grandes. Pouca ocupação para a cabeça e traz a necessidade de muita atenção para ser vista e ouvida.”(Pai 7A)

“Como já citado antes, somente esse ficar em casa, acabe se estendendo por um longo período que venha a causar prejuízo a carreira profissional da mãe.”(Pai 8A)

“Muito tempo em casa pode significar menor atividade intelectual com consequente sensação de diminuição de conteúdo para interação social.”(Pai 9A)

“Sim, pouco contato com outras pessoas, se sentir útil e produtiva com o trabalho, renda.”(Pai 10A)

“Não.”(Pai 11A)

“Percebo que ela gostaria de ter uma profissão/trabalho na qual pudesse desenvolver suas outras habilidades/capacidades que não são exigidas pelas tarefas domésticas cotidianas.”(Pai 12A)

“Não.”(Pai 13A)

“Até certo ponto não há pontos negativos, no entanto quando os filhos ganham um determinado grau de independência a mãe deve voltar ao

trabalho para melhorar a auto estima.” (Pai 16A)

“Não.”(Pai 17A)

“Falta de tempo às vezes, correria, nem sempre é possível fazer tudo que se quer.”(Pai 20A)

Você acredita que a relação de sua esposa com seus filhos é influenciada pela presença dela em casa? Explique:

“Sim, pois assim ela pode participar de forma mais ativa e presente no desenvolvimento do filho, estando presente nestes primeiros anos de vida.”(Pai 1A)

“Sim, ela passa muito tempo com ele, e acompanha melhor seu desenvolvimento. Ela não sente culpa por deixá-lo para trabalhar, por isso acho que a relação entre os dois fica mais saudável.”(Pai 2A)

“Sim. A semelhança das atitudes só se consegue com uma maior aproximação.”(Pai 3A)

“Não, não depende da quantidade e sim da qualidade do tempo quando estão juntos.”(Pai 4A)

“Eu acredito que por ela ter o tempo disponível para ela, e com isso pode acompanhá-lo por um tempo maior, ela consegue observar detalhes no seu desenvolvimento que facilitam a educação dele e também sua relação com a mãe.”(Pai 5A)

“Sim. Dividimos tudo na criação de nossa filha, educamos, conversamos dos horários, alimentação, escola, etc... Participamos de tudo, mas ela tem a palavra final por este fato.”(Pai 6A)

“Sim, vejo que pode haver uma super proteção e também fazer da filha um espelho da mãe. Existe um apego mais intenso com a mãe.”(Pai 7A)

“Sim!. Essa ligação sempre existira, mas não se discute que essa proximidade aumenta essa influencia.”(Pai 8A)

“Certamente. A presença propicia maior interação e facilita a comunicação deles, por permitir maior tempo de observação mútua.”(Pai 9A)

“Sim, bebês precisam se sentir seguros e amados por pelo menos uma pessoa, nada melhor que seja a mãe, quem teoricamente mais o ama”(Pai 10A)

“Sim, ela é muito presente, os meninos são apaixonados pela mãe, são carinhosos e respeitosos.”(Pai 11A)

“Não necessariamente. Acredito que a influência se dá não pela presença simplesmente, mas pela disponibilidade de cuidar, brincar e nutrir”(Pai 12A)

“Sim, porque o contato é permanente.”(Pai 13A)

“Obviamente a proximidade da mãe com os filhos é determinante para criar laços de amor entre a família. A mãe é o esteio de qualquer família estruturada.” (Pai 16A)

“Sim. Uma mãe presente a educação corresponde com aquilo que queremos.”(Pai 17A)

“Acredito que não.”(Pai 20A)

Como você utiliza seu tempo livre? Explique:

“Atualmente dedico todo tempo livre com meu filho, participando de suas brincadeiras, assim como, em sua criação.”(Pai 1A)

“Faço musculação e luta normalmente a noite, e durante a semana, ouço música a noite em casa.”(Pai 2A)

“Divido meu tempo livre entre exercícios físicos, automodelismo e repouso.”(Pai 3A)

“Em casa com a família.”(Pai 4A)

“Disponibilizo uma grande parte do meu tempo livre a minha família.

Pratico exercícios físicos 2 x por semana (3 horas total). Convivo pouco com meus amigos, deveria aumentar esse tempo. São encontros esporádicos. Acredito que 80% do tempo livre estou com minha esposa e filho.”(Pai 5A)

“Gosto de fazer programas em família, sempre encaixo em nossas atividades algo diferente e divertido.”(Pai 6A)

“Descansar, ficar com a família (filha, esposa) preparar comidas e assistir filmes, jornais, jogos.”(Pai 7A)

Não respondeu – (Pai 8A)

“Leio, ouço música, pratico alguma atividade de interesse (hobby) e passeio com a família.”(Pai 9A)

“Descansando, vendo TV, visitando amigos e parentes, caminhada, esporte, geralmente com a esposa e o bebê juntos.”(Pai 10A)

“Na verdade, nossos tempos livres são dedicados em aproveitarmos em família, passeando, arrumando as coisas em casa, brincando com os gurus.”(Pai 11A)

“Leitura. Filmes, séries de tv, reunião com amigos, todos os dias, procuramos também colocar as crianças cedo na cama para termos tempo livre para o casal.”(Pai 12A)

“Brincando e dando mais atenção a filha caçula.”(Pai 13A)

“Passo a maior parte do tempo livre com os filhos ou estudando.” (Pai 16A)

“Eu utilizo para ir no sítio e acabo não ficando com a família.”(Pai 17A)

“Dando atenção a minha filha, brincando com ela, jogando bola, escutando musica, passeando, no momento com ela com 1 ano e 3 meses a maioria do tempo é com ela, porem não deixo de sair jantar e fazer festa com minha esposa.”(Pai 20A)

Você pensa que sua esposa deve retomar sua vida profissional? Quando? Por quê?

“Sim, quando ela achar que deve.”(Pai 1A)

“Sim, quando os filhos estiverem em casa por menos horas por dia. Para que ela possa manter outros objetivos, que não sejam diretamente ligadas aos filhos, como desenvolver um estudo, ter uma renda própria, ou qualquer objetivo pessoal.”(Pai 2A)

“Sim, quando o filho mais novo tiver 3 anos. A neurociência orienta que a principal idade para ensinar ética e moral é até os 3 anos. Dos 3 aos 12 é a fase de fixar essa educação.”(Pai 3A)

“Sim, daqui há 6 meses. Pela independência da mãe e da criança.”(Pai 4A)

“Não. Diante do compromisso que o trabalho exige, como horário integral, acordar bem cedo diariamente, salário recebido... Não vejo vantagens, levando em consideração que o acompanhamento do nosso filho, criação e educação acompanhados de perto por ela, são bem mais importantes.”(Pai 5A)

“Sim, com 3 anos do bebê. Acredito que profissionalmente a pessoa se completa. E em relação a nossa filha ela já estará menos dependente de sua presença o tempo todo.”(Pai 6A)

“Sim, ela já retornou. Percebi que ela precisava voltar a trabalhar, então a apoiei e resolvemos investir em um negócio próprio, utilizando recursos que haviam sido acumulados com este propósito e mais um pouco ainda. Argumentei que faria bem para ela uma vez que sempre foi ativa profissionalmente.”(Pai 7A)

Não respondeu (Pai 8A)

“Sim, quando se sentir tranquila para fazê-lo. Porque a atividade profissional pode trazer satisfação e pode ser benéfica ao equilíbrio emocional, principalmente se a atividade já era exercida previamente a gravidez.”(Pai 9A)

“Sim, 6 meses a 1 ano. Pode conciliar o trabalho com o cuidado do

filho, desde que tenha 1 período do dia para cada, tentando adaptar o horário do trabalho.”(Pai 10A)

“Sim, já retornou. Conciliando o trabalho com a sua prioridade: a família.”(Pai 11A)

“Sim, a qualquer momento. Porque ela assim deseja.”(Pai 12A)

“Não. Não há necessidade financeira e sim a necessidade de contato com a família.”(Pai 16A)

“Sim, já retornou. Porque ela deve ser independente profissionalmente.”(Pai 17A)

“Sim, manter como esta seria bom. Adaptar a carreira à maternidade.”(Pai 20A)

APÊNDICE H

Transcrição Questionários Mulheres GRUPO B

Idade filhos	Desde quando frequenta escola	Quem cuida
2 anos e 11 meses e 3 meses	Mais velhos desde 5 meses	Pai e escola
2 anos e 7 meses	1 ano	Escola
4 anos e 9 meses	4 meses	Babá
9 anos e 7 meses e 1 ano e 5 meses	Ambos desde 8 meses	Escola e babá
5 anos e 6 meses e 1 ano	Mais velho desde 7 meses, mais novo desde 4 meses	Escola integral
3 anos e 5 meses	5 meses	Escola integral
2 anos e 1 mês	8 meses	Escola integral
4 anos e 6 meses e 1 ano e 4 meses	O mais velho desde 2 anos, mais novo não frequenta	Empregada com mesma idade da mãe
3 anos e 5 meses e 1 ano	Mais velha desde 1 ano e 5 meses e mais nova não frequenta.	Pai, avó e babá
5 anos e 10 meses e 11 meses	Mais velha com 1 ano e 7 meses, mais novo não frequenta	Empregada e babá
10 anos e 9 meses e 5 anos e 11 meses	Ambos desde 1 ano	Escola e empregada
4 anos e 1 mês	1 ano	Escola, pai e avó
4 anos e 1 mês e 1 ano e 8 meses	Mais velha desde 2 anos e 6 meses e mais novo não vai.	Babá
12 anos e 3 meses e 5 anos e 8 meses	Ambos desde 1 ano	Escola, empregada e nas férias avó

3 anos e 6 meses e 10 meses	Não respondeu.	Escola
4 anos e 10 meses	4 meses	Escola
4 anos e 2 meses	7 meses	Avó
3 anos e 11 meses e 1 ano e 7 meses	Ambos desde 1 ano	Pai e babá
16 anos e 11 meses e 4 anos e 5 meses	Mais nova desde 4 meses	Babá
1 ano e 7 meses	1 ano	Babá

Conte-me a sua história como filha:

“Sou a 3ª filha, distante 10 anos do meu irmão mais próximo e ainda 14 anos de minha irmã mais velha. Meu pai faleceu de acidente de trânsito nos meus 8 anos, é minha referência masculina ainda que tenhamos tido pouco contato. Minha mãe muito próxima até hoje, é uma mãe zona/paizão/avó zona minha.” (Mãe 1B)

“Filha única de um relacionamento onde o casamento durou 2 meses. Meus pais sempre foram separados, quando eu estava convivendo com um, não podia conviver com o outro, isso só mudou quando resolvi sair de casa. Hoje me dou super bem com meu pai e tenho um relacionamento difícil com a mãe.” (Mãe 2B)

“Sou filha de dona de casa e caminhoneiro. A presença da mãe foi muito superior a do pai. Fui ótima aluna, nunca tive problemas de comportamento. Fui morar aos 17 anos sozinha e desde então tive independência financeira. Sou filha do meio de 3 mulheres.” (Mãe 3B)

“Muito tranquila, curiosa, responsável, impertinente às vezes, gostava de inteirar-se com as ações da casa, colaborativa.” (Mãe 4B)

“Segunda filha, num total de 5 filhos. Sai de casa para estudar aos 18 anos, sempre tive apoio para estudar.”(Mãe 5B)

“Sou a segunda filha de três irmãos, única filha mulher. O primeiro é 3 anos mais velho, o mais novo tem 10 anos a menos. Meus pais vivem juntos. Ele é aposentado como mecânico industrial e minha mãe nunca trabalhou fora. Na minha adolescência ela costurava para fora.”(Mãe 6B)

“Como filha não dei muito trabalho à minha mãe, no geral era obediente, apanhei muito pouco, só me lembro de ter apanhado uma vez e foi de tamanco. Gostava muito de brincar de boneca.”(Mãe 7B)

“Somos três irmãos, um homem, uma mulher e eu a mais nova. Minha mãe era professora e trabalhava de manhã e a tarde e a noite. Meu pai é veterinário, os dois trabalhavam fora e quando em casa estávamos com uma empregada.”(Mãe 8B)

“Sou a segunda filha de uma família de 4 irmãos. Minha mãe ficou grávida de mim aos 21 anos e meu pai tinha 32 anos. Sempre tivemos a família por perto e unida, meus pais estão casados e se dão bem há 34 anos. Tenho uma irmã 1 ano e 6 meses mais velha do que eu, então sempre fomos muito unidas, brincando juntas, saindo e viajando juntas.”(Mãe 9B)

“Sempre fui boa filha, obediente, responsável e tranquila, não dei trabalho! Sempre fui, e continuo sendo, a conselheira da minha mãe e da minha irmã, temos uma relação de muito amor e carinho, minha mãe é muito carinhosa e embora sempre tenha trabalhado muito, esteve presente em todos os momentos.”(Mãe 10B)

“Pai que trabalhou como autônomo e nos últimos 10 anos de vida profissional foi funcionário público. Mãe professora, sempre trabalhou em escolas públicas, aposentou-se em função burocrática. Tiveram 6 filhos com intervalo máximo de 3 anos. Mudaram de estado. Após 9 anos, última filha, eu nasci.”(Mãe 11B)

“Sou a filha do meio, tenho um irmão mais novo e uma irmã mais velha. Minha mãe também era professora e ficou comigo somente até os 4 meses, depois contratou uma babá até os 6 anos quando fui pra escola.”(Mãe 13B)

“Sou a caçula de 4 irmãos, sempre fui muito mimada e protegida. Muitos privilégios sempre foram me dedicados, mas também retribui sendo uma boa filha, dedicada aos estudos e ao trabalho.”(Mãe 14B)

“Sempre tive um ótimo relacionamento familiar, com pai e mãe sempre presentes na educação. Muitas atividades eram familiares (acampamentos, rodeios, viagens). Criação foi em uma cidade do interior, portanto com muita diferença da atual. Aos 15 anos passei a morar sozinha para estudar, mas sempre mantive o contato diário, como filha o respeito aos pais é uma das coisas mais marcantes.”(Mãe15 B)

“A minha mãe foi MARAVILHOSA. Minha mãe teria 85 anos, nasci quando ela tinha 45 anos. Era uma mulher a frente de seu tempo. Incentivou todos os 8 filhos a estudar.”(Mãe 16B)

“Sou a primeira filha, sempre me senti desejada e amada pelos meus pais, tenho 03 irmãos mais novos. Almoço durante a semana na casa dos meus pais.”(Mãe 17B)

“Sou filha mais nova de minha mãe, e filha do meio do meu pai (novo casamento), tive uma infância tranquila, minha mãe sempre trabalhando fora sempre esteve muito presente e tenho ótimas recordações dela, meus pais se separaram quando eu tinha 12 anos, continuei morando com minha mãe.”(Mãe 18B)

“Fui uma filha muito obediente, tranquila na infância e depois rebelde, pois sempre lutei pelos seus sonhos. A minha mãe pretendia que eu ficasse em Inhacorá atuando como professora e fui morar na Alemanha por 5 anos pra fazer doutorado.”(Mãe 19B)

“Família tradicional, sou a mais velha de 2 filhos, meu irmão é 3 anos mais novo.”(Mãe 20B)

“Somos em duas irmãs, eu sou a caçula. Minha irmã sempre me cuidou como filha também. Até hoje depois de ser mãe elas (mãe e irmã) tem esse cuidado comigo. Sempre fomos muito apegadas, amigas e confidentes. Trabalhamos juntas e ainda assim a noite ligamos uma para as outras para saber se está tudo bem.”(Mãe 21B)

O que você acha que mudou “no ser mãe”, desde sua avó, passando por sua mãe, até você?

“Vejo uma maior proximidade, minha avó teve 14 filhos eram irmãos cuidando irmãos menores, minha mãe já conseguiu um intervalo para cuidar de cada um, mas pela nossa grande diferença, também fui cuidada por meus irmãos. Hoje sinto que sou quem cuida, quem brinca, quem conseguiu ser mais presente das 3 gerações.”(Mãe 1B)

“Penso que a dedicação, o carinho, o tempo de brincadeiras, a disponibilidade. Minha avó materna teve 8 filhos, a paterna 2, minha mãe teve só eu, mas morei sempre com a avó. Tudo era mais difícil, ela não tinha tempo pra quase nada, a casa estava sempre cheia. Comigo é tudo mais tranquilo.”(Mãe 2B)

“Minha avó sempre foi dona de casa e ser mãe, acredito, que foi mais uma consequência natural da vida, sem se "tocar" se havia desejo ou não de ser mãe. Com relação a minha mãe, acredito que ela já decidiu se queria ser mãe ou não, mas também dona de casa. E com relação a mim, a maternidade me deu um nosso sentido de vida e inclusive, de me conhecer melhor.”(Mãe 3B)

“A mulher conquistou muito espaço na sociedade desde minha avó, ela era trabalhadora rural e teve 7 filhos, se dedicou exclusivamente à família. Minha mãe já estudou, trabalhou mas quando teve as filhas parou de trabalhar para cuidá-las e comigo foi diferente, tive minhas filhas e conciliei o retorno ao trabalho.”(Mãe 4B)

“A disponibilidade de estudar, conhecer novos lugares e países, aperfeiçoamento pessoal.”(Mãe 5B)

“Minha mãe e seus irmãos eram cuidadas pela irmã mais velha enquanto meus avós trabalhavam na roça. Desde muito cedo começaram a trabalhar. Já minha mãe se dedicou apenas a nós e a casa. Agora parece que há um retorno novamente, como os pais trabalhando e não se dedicando apenas aos filhos.”(Mãe 6B)

“A preocupação acredito que é a mesma, o que mudou foi em relação a alguns tabus como: usar roupa amarela contra amarelão, fazer simpatias, balançar o nenê para dormir. Outra coisa é dar remédio pra qualquer dor, isso eu não faço.”(Mãe 7B)

“Não mudou muita coisa, pois nós três sempre trabalhamos. A minha avó trabalhava em uma colchoaria nos fundos da casa e podia ficar mais tempo cuidando dos filhos. Quando eu e minha mãe a grande diferença é que tenho uma condição financeira bem melhor que a dela o que me dá mais conforto. Mas procuro educar meus filhos da maneira que ela me criou.”(Mãe 8B)

“Acredito que entendi as preocupações intermináveis tanto da minha mãe quanto das minhas avós. Valorizei ainda mais essas pessoas que tanto se dedicaram para eu ter um bom desenvolvimento e me tornar um adulto responsável e respeitoso. Hoje sou capaz de entender todas as atitudes dessas mulheres que me rodearam por todos esses anos, enxergo elas de uma forma mais carinhosa e sem julgamentos.”(Mãe 9B)

“A consciência de como nossos atos e palavras influenciam a vida de nossos filhos, a atenção ao desenvolvimento psicológico, moral e social dos nossos filhos. O amor, o carinho, a atenção e a vontade de fazê-los felizes continuam os mesmos, mas hoje com mais conhecimento sobre as formas corretas de agir.”(Mãe 10B)

“O que mudou foi a preocupação com o acertar na educação, o se preocupar com a felicidade e a saúde emocional dos filhos, o impacto do "educar" na psique deles, a noção da consequência do ser mãe.”(Mãe 11B)

“No tempo da minha avó as mulheres serviam apenas para cuidar da casa e dos filhos. Já minha mãe foi como eu, ela saiu depois da licença para trabalhar e no meu ponto de vista nossa criação foi muito melhor que várias já vistas.”(Mãe 13B)

“As crendices, lenda, formas de cuidar dos bebês desde como dar banho, medicação, alimentação, vestimentas.”(Mãe 14B)

“Vejo que os relacionamentos foram se transformando, o grau de rigor com que a educação foi imposta aos filhos alterou bastante, por exemplo, lembro que sabia o que minha mãe queria dizer apenas com seu olhar. Hoje acredito que somos mais flexíveis em relação as personalidades e individualidade de cada filho.”(Mãe 15B)

“Mudou os locais de trabalho, mas não o volume de trabalho. Nível de autoridade da mãe em relação aos filhos, as mães e avós tinham mais

autoridade.”(Mãe 16B)

“Acho que mudou muito, minha avó teve 16 filhos e nunca trabalhou fora, mas os filhos assim que conseguiram desenvolver algum tipo de trabalho, trabalhavam para ajudar em casa. Minha mãe ficou em casa com os filhos e passou a trabalhar quando éramos maiores e eu só parei de trabalhar durante a licença, mas no "ser mãe" acho que muitas características são as mesmas.”(Mãe 17B)

“Em relação a sentimentos penso que nada mudou, amamos igual, sofremos igual, mas inúmeras facilidades existem hoje creches, fraldas descartáveis, acesso a informações e outras.”(Mãe 18B)

“As minhas avós tiveram mais de 6 filhos e praticamente nunca cuidaram dos filhos, pois a filha mais velha em cada família assumia as tarefas domésticas e o cuidado com os irmãos menores. Minhas avós trabalhavam muito e pouco se dedicaram a brincar com seus filhos.”(Mãe 19B)

“Acho que houve um aumento no diálogo entre pais e filhos. Aumentamos as demonstrações de afeto.”(Mãe 20B)

“Antigamente as mães tinham mais tempo para os filhos, ficavam em casa. Hoje a realidade é bem diferente, são poucas as mães que podem ficar o dia todo em casa. Quanto mais trabalhamos, mais queremos nossa independência profissional, mas isso tudo em função do filho poder dar uma boa escola, brinquedos...”(Mãe 21B)

Como foi sua gestação? E o parto? Teve alguma intercorrência?

“Gestação tranquila, muito medo do parto pelas vivências prévias profissionais. Medo da dor, basicamente. Sem qualquer intercorrência, graças a Deus.”(Mãe 1B)

“A gestação foi ótima, tranquila, aproveitei todas as fases. O parto foi melhor ainda, natural, super rápido, emocionante e muito divertido.”(Mãe 2B)

“Tive uma gestação tranquila. Fiz cesariana e nenhuma intercorrência.”(Mãe 3B)

“Gestação muito tranquila, trabalhei durante a gestação toda, o parto foi planejado, tranquilo e sem intercorrências.”(Mãe 4B)

“Gestação e parto tranquilas, sem problemas.”(Mãe 5B)

“A gestação foi tranquila, trabalhei normalmente até o final. O parto foi normal humanizado no hospital e na água. Dificuldades com a descida do leite, precisei de medicação.”(Mãe 6B)

“A gestação foi muito tranquila e o parto também.”(Mãe 7B)

“As duas gestações foram muito tranquilas. Trabalhei ate 5 horas antes do parto na 1ª e 12 horas antes do segundo. Tive problemas de saúde após o segundo parto.”(Mãe 8B)

“Minha primeira gestação foi um pouco agitada, tive alguns desentendimentos com o pai dela, estávamos em obra no apartamento e ficamos a gestação toda na casa da minha mãe, só nos mudamos quando ela tinha 3 meses. Fiz cesárea por opção pessoal, sem nenhuma intercorrência.”(Mãe 9B)

“A 1ª foi muito tranquila, na 2ª precisei de repouso de 1 mês, em ambas trabalhei muito e me senti muito bem física e psicologicamente. Fiz cesárea em ambas, a 1ª foi ótima e 2ª melhor ainda, teria outros filhos se tivesse idade para isso!”(Mãe 10B)

“Não, filho planejado. Após 4 meses sem contraceptivo engravidei, foi mais rápido que 1ª gestação. Gravidez saudável, parto normal, sem anestesia. O anestésico aplicado para diminuir a dor, interferiu nos reflexos da criança, baixo apgar, foi pra incubadora para auxilio respiratório por 8 horas.”(Mãe 11B)

“Eu engravidei com 16 anos, então meu problema foi com a aceitação dos meus pais. Meu parto foi normal, tranquilo.”(Mãe 13B)

“Nas duas gestações ocorreu tudo bem. Não tive intercorrências, foram cesáreas pelo fato de não apresentar dilatação.”(Mãe 14B)

“As duas gestações foram tranquilas, sem qualquer intercorrência. Na última gestação trabalhei até o dia anterior ao parto. Os dois nasceram de cesariana com data marcada.”(Mãe 15B)

“Gestação ótima, saúde perfeita, parto normal e tranquilo.”(Mãe 16B)

“Foi boa. Foi uma gestação saudável, sem intercorrências, foi um período muito bom para mim. O parto foi através de cesárea pois não tinha dilatação, não tive contrações porque agendei a cesárea.” (Mãe 17B)

“Descobri a gravidez com 6 semanas de gestação, ate o 3º ou 4º mês enjoei do pai do bebê, após melhorou, devido ao trabalho iniciei contrações no 6º mês fiquei afastada e após retornei readaptada.”(Mãe 18B)

“Foi tranquila as duas gestações. O 1º parto foi cesáreo e a recuperação foi lenta. Na 2ª gravidez contratamos uma doula desde o 3º mês e o médico que acompanhou a gestação é da linha do parto natural.”(Mãe 19B)

“Gestação normal, pré-natal com consultas mensais. Parto com cesariana e após o nascimento do bebê foi realizada ligadura.”(Mãe 20B)

“Minha gestação foi ótima, não tive enjoos, só cresceu a barriga (assim pude ter certeza que estava grávida... kkk) foi cesárea, ocorreu tudo bem.”(Mãe 21B)

Gravidez Planejada	12
Gravidez não planejada	8
Gravidez Desejada	20
Gravidez não desejada	0

Desejo durante a gestação	5
Náusea durante a gestação	9
Outro sintoma físico	6

Não amamentou	1
Amamentou menos de 3 meses	3
Amamentou de 3 meses a 1 ano	8
Amamentou mais de 1 ano	8

Após a licença maternidade do nascimento de seu filho, por que você optou por retornar ao trabalho?

“Estava cursando uma pós que para minha realização pessoal precisava ser concluída naquele momento para no futuro abrir espaço para ser mãe em maior tempo, mas a renda também dependia de mim.”(Mãe 1B)

“Pra não perder o salário, porque era no início somente duas aulas por tarde, bem perto da minha casa e o “E” ficava com a avó paterna.”(Mãe 2B)

“Retornei porque gosto de trabalhar, por necessidade financeira e pelo planejamento de vida, pois a ruptura profissional significaria um recomeço por completo (concurso público).”(Mãe 3B)

“Amo muito minhas filhas, mas também amo meu trabalho e os filhos crescem e vão pro mundo e no futuro precisarei de uma ocupação.”(Mãe 4B)

“Gosto muito da minha profissão, independência financeira, sair da rotina da casa.”(Mãe 5B)

“Não considerei a sério não retornar ao trabalho. Foram muitos anos de investimento na carreira os quais inclusive, retardaram a maternidade.”(Mãe 6B)

“Optei por ser concursada e ter um bom salário, além de gostar muito do que eu faço.”(Mãe 7B)

“Pelas finanças. Pelo futuro porque mais cedo ou mais tarde eles vão embora e preciso ser eu. Porque gosto do meu trabalho e por mim mesma pois eu me tornar-me-ia insuportável se ficasse somente em casa.”(Mãe 8B)

“Fui criada vendo minha mãe trabalhar muito, não consigo me enxergar sem trabalhar. Também acredito que para oferecer um futuro para as minhas filhas preciso da renda do meu trabalho para contribuir na construção desse futuro.”(Mãe 9B)

“Não optei, pois nunca cogitei não retornar ao trabalho, e acredito que não seria uma mãe melhor caso me dedicasse exclusivamente as minhas filhas.”(Mãe 10B)

“Pelo compromisso com os pacientes, que esperavam meu retorno.”(Mãe 11B)

“Pela dificuldade financeira que passávamos e porque era muito nova para ficar em casa.”(Mãe 13B)

“Nunca pensei ao contrário. Sempre fio o plano de retornar ao trabalho, conciliando casa, filhos e carreira profissional.”(Mãe 14B)

“Na segunda gestação, como profissional liberal, voltei ao trabalho 20 dias após o parto, por iniciativa e necessidade própria. Acredito que o desempenho de qualquer profissão vai de encontro ao que podemos oferecer de melhor aos nossos filhos, seja emocional ou materialmente.”(Mãe 15B)

“Porque preciso, questões financeiras, estabilidade (instituição pública). Gosto de trabalhar.”(Mãe 16B)

“Devido à necessidade financeira, pois dividimos as despesas em casa.”(Mãe 17B)

“Por gostar do meu trabalho e também por não estar satisfeita só em casa durante a licença, o trabalho doméstico apenas ele me deixa muito irritada.”(Mãe 18B)

“Não estava trabalhando na 1ª gestação e na 2ª optei a iniciar a minha carreira acadêmica, pois tinha sido recentemente contratada pela uniplac.”(Mãe 19B)

“Por questões profissionais e financeiras.”(Mãe 20B)

“Porque trabalho desde os 11 anos. Não consigo ficar em casa.”(Mãe 21B)

Teve vontade de abandonar a carreira? Por que?

“Sim, quando ao invés de receber 6 meses de licença prometida, me deram apenas 4 meses. Abandonaria a pós, mas não a carreira médica.”(Mãe 1B)

“Não, porque sempre soube que precisava de uma carreira para ajudar no sustento do meu filho e por gostar também.”(Mãe 2B)

“Não. Talvez pelo que ela signifique em termos de estabilidade, em especial financeira.”(Mãe 3B)

“Não.”(Mãe 4B)

“Nunca, sou realizada na minha profissão e sempre consegui equilíbrio entre trabalho e família”(Mãe 5B)

“Não, mas tive vontade de ficar em casa mais tempo com ela. Por 1 ano pelo menos.(Mãe 6B)

“Não tive porque gosto do que faço, mas eu ia trabalhar com o coração partido no início, agora já acostumei.”(Mãe 7B)

“Não queria abandonar a carreira, mas queria ter mais tempo com as crianças.”(Mãe 8B)

“Nunca, apenas algumas vezes pensei em reduzir a carga horária de trabalho, porém não posso pelo motivo financeiro.”(Mãe 9B)

“Não, pois a minha carreira foi um projeto de vida planejado e conquistado com muito esforço.”(Mãe 10B)

“Sim, por cansaço físico e emocional, por não precisar mais provar nada profissionalmente. Para curtir o bebe.”(Mãe 11B)

“Não, na verdade quando voltei a trabalhar fui para o comércio não era a carreira que eu queria a de professor. Então fui realmente pelo salário.”(Mãe 13B)

“Não. Apesar de na 2ª filha a alimentação materna ter sido

complementada com a mamadeira, mas ficou tudo bem.”(Mãe 14B)

“Não, em momento algum.”(Mãe 15B)

“Não.”(Mãe 16B)

Não respondeu - Mãe 17B

“Não.”(Mãe 18B)

“Não, porque temos uma estrutura de apoio (marido que fica em casa) babá 44 horas e os filhos frequentam escolinha no período da tarde.”(Mãe 19B)

“Não.”(Mãe 20B)

“Não, nunca.”(Mãe 21B)

Há pontos positivos de ter retornado ao trabalho? Quais?

“Sim, o trabalho também me realiza e conseguir entregar meu filho aos cuidados do pai e da escola me fizeram crescer, relaxando com algumas coisas.”(Mãe 1B)

“Sim, contato com pessoas diferentes, continuidade dos meus afazeres, conversa com as colegas de trabalho que também eram mães para dividir as experiências.”(Mãe 2B)

“Sim. Em relação à maternidade, meu amadurecimento como mãe e até um desligamento saudável em relação a prole. Com relação profissional, acredito que me tornei uma profissional melhor que, inclusive, rendeu uma ascensão profissional. Com relação a vida pessoal, apesar de ter engordado me sinto mais bonita.”(Mãe 3B)

“Sim, acredito que a mãe como mulher precisa se desligar um pouco dos filhos.”(Mãe 4B)

“Sim, melhora auto estima e desenvolvimento pessoal.”(Mãe 5B)

“Sim, como a satisfação pessoal, o aumento na renda familiar e a

independência financeira.”(Mãe 6B)

“Estar fazendo o que eu gosto, estar ganhando meu salário, ter minha independência profissional.”(Mãe 7B)

“Ter minha própria vida, ter minha independência financeira, sentir-me útil.”(Mãe 8B)

“Sinto-me bem trabalhando, não sei se só em casa seria completamente feliz. A renda que ganho com meu trabalho é prioritária nas nossas despesas mensais e planejamento para o futuro.”(Mãe 9B)

“Sim, voltei a minha vida profissional, que me realiza, não me importo com pequenas coisas da casa, como um chão mal varrido ou um vidro sujo, descanso do papel de mãe, que nos primeiros anos é bastante exaustivo, embora muito prazeroso, além da independência financeira que me proporciona.”(Mãe 10B)

“Sim, era um momento meu como pessoa, diferente de mãe. Conectava com uma parte minha conhecida, tranquila, segura.”(Mãe 11B)

“Sim, consegui superar as dificuldades, e minha filha foi para a creche, onde foi estimulada desde pequena, o que a tornou uma criança muito inteligente.”(Mãe 13B)

“Renda, carreira, novos desafios, gosto do que faço.”(Mãe 14B)

“Sim, estar profissionalmente ativa, proporciona contato com pessoas, valorização profissional. Não consigo imaginar a possibilidade de não trabalhar.”(Mãe 15B)

“Sim, atualização, diversificação de atividades, exercício cerebral, auto estima.”(Mãe 16B)

“Sim, trabalhava na época como nível médio e no ano seguinte fui promovida a nível superior.”(Mãe 17B)

“Sim.”(Mãe 18B)

“Sim, gosto do meu trabalho e sei que meus filhos estão sendo bem

cuidados na casa e na escola.”(Mãe 19B)

“Sim, voltar as minhas atividades, as quais me dediquei durante toda minha formação científica.”(Mãe 20B)

“Sim. Dinamismo, sair rotina do mama, coco, nanar... Não consigo ficar só em casa, 24h exclusivamente.”(Mãe 21B)

Há pontos negativos de ter retornado ao trabalho? Quais?

“A carga horaria, trabalhar 40-60 horas semanais, não dormir a noite nunca e amamentar por 2 anos acabam fazendo da tarefa um fardo.”(Mãe 1B)

“Sim, ficar longe do meu filho, ter que deixá-lo na casa de madrinhas, avós, ter tido que parar de amamentar antes do que eu queria.”(Mãe 2B)

“Sim. Principalmente o desenvolvimento de culpas pessoais, medos quanto à cuidadores dos filhos, ingresso precoce na escola, aumento no número de virose e doenças infantis, atrasos no controle de esfíncter e desenvolvimento gerais.”(Mãe 3B)

“Também, num primeiro momento a distância por passar tanto tempo de licença mas o trabalho é importante e com o passar do tempo tudo vai se encaixando.”(Mãe 4B)

“Não.”(Mãe 5B)

“Pouco tempo para tudo: para mim, para minha filha, para meu marido, para minha casa, para o próprio trabalho. Gostaria de dedicar mais tempo para minha família e isso não é possível.”(Mãe 6B)

“Ficar pouco tempo com a “A”, ter que tirá-la muito cedo da cama, principalmente no inverno.”(Mãe 7B)

“Não poder cuidar integralmente da educação dos filhos. Carregar a culpa de não fazer tudo que pode: cuidar menos dos filhos que necessário e fazer menos do que pode no trabalho.”(Mãe 8B)

“Sim, não fico tanto tempo com minhas filhas como gostaria. Tento compensar em todos os momentos fora do trabalho, abro mão de

qualquer momento só meu para estar com elas, mesmo com 3 empregos, levo e busco minha filha na escola diariamente, levo e busco na nataçãõ e no balé 2 vezes na semana.”(Mãe 9B)

“Sim, passar menos tempo com minhas filhas, não ser uma dona de casa exemplar, não ter tempo para fazer tudo o que eu queria fazer.”(Mãe 10B)

“Deixar os filhos, muitas vezes eles ficavam chorando e me chamando quando eu sai. Optei por então diminuir o ritmo do trabalho. Sobrecarga de trabalho, tripla jornada: mãe, esposa, profissional.”(Mãe 11B)

“Sim, o tempo com minha filha é escasso, mas faço com que seja proveitoso.”(Mãe 13B)

“A correria do dia a dia.”(Mãe 14B)

“Muitas vezes encontrei dificuldade em conciliar o trabalho, tarefas domésticas e atenção e educação dos filhos, quando o "eu" fiquei em um segundo plano, portanto muitas vezes falta tempo para você mesma.”(Mãe 15B)

“Sobrecarga de trabalho, aumento cansaço.”(Mãe 16B)

“Sim. Acho que o bebê veio muito cedo pra escolinha e com 6 meses já apresentava infecções de garganta, também há momentos em que ele faz birra para chamar minha atenção.”(Mãe 17B)

“Não.”(Mãe 18B)

“Não gosto de participar de eventos, congressos fora de Lages neste momento em que os filhos são pequenos.”(Mãe 19B)

“Não.”(Mãe 20B)

“Sim. Quando o bebe fica doente me culpo bastante. Penso que se estivesse mais presente talvez não adoecesse.”(Mãe 21B)

O que você acredita que a sua ausência em casa promove/provoca nos seus filhos? Explique:

“Saudade. Sempre no nosso reencontro temos o habito de falar da nossa saudade. Meu filho me provou que gostava da escola e do cuidado do pai, diferente do meu, mas suficiente para ele.”(Mãe 1B)

“Ele ficou mais independente, não precisa tanto de nos para fazer suas atividades, ficou mais manhoso, talvez por sentir nossa falta, as mesmo tempo ficou mais irritado também.”(Mãe 2B)

“Acredito que já provocou inseguranças de um modo geral. Atualmente minha ausência provoca desejo ou necessidade que o faz expressar que quer que eu fique em casa.”(Mãe 3B)

“Por vezes, revolta pela ausência, por outras vezes penso que apura a responsabilidade pela falta também, mas a alegria ao reencontro no fim do dia vale muito a pena.”(Mãe 4B)

“Acredito que não provoca problemas com os filhos, pois o tempo com eles é muito bem aproveitado. Isso funciona não levando trabalho para casa.”(Mãe 5B)

“Minha filha não gosta de ficar sozinha e não gosta de fazer nada sozinha. Isso é um reflexo por estar sempre acompanhada na escola. Ela também tem uma grande necessidade de nossa companhia em casa.”(Mãe 6B)

“Acho que ela sente muito a minha falta durante o dia, porque quando chego em casa com ela e não me larga nem por um segundo, fica muito grudada.”(Mãe 7B)

“Saudade e insegurança. A saudade é desnecessário explicar. Quanto a segurança é difícil. Meu filho maior é ligadíssimo ao pai, mas se ele gritar "mãe" corra que ele realmente se machucou. Ele viaja fica 3, 4 a 7 dias fora, quando retorna é só mãe, mãe e mãe. Depois de 2 semanas é que retorna a vida normal.”(Mãe 8B)

“Acho que minha ausência promova uma independência em relação as suas escolhas e decisões de forma geral. Talvez promova a responsabilidade de cumprir com os compromissos - trabalho. Acho que provoca um pouco de frustração, insatisfação e saudade durante o dia, por não estar por perto.”(Mãe 9B)

“Apenas saudades, pois sou uma mãe muito presente, acompanho as tarefas da escola, invento brincadeiras, faço programinhas de mãe e filha, converso, educo e dou muito, muito carinho.”(Mãe 10B)

“Com eles maiores, como atualmente, eles já estão acostumados. Quando menores provoca saudades, carência, mas os tranquiliza para lidar com ausências.”(Mãe 11B)

“Ela é independente desde pequena, faz suas escolhas, mas quando estou em casa sabe respeitar os limites, às vezes com certa dificuldade que acredito que seja por esta falta de acompanhamento.”(Mãe 13B)

“Penso que até o momento conseguimos fazer uma organização de forma a participar de todas as atividades delas e quando estamos presentes priorizamos atenção, cuidado e educação.”(Mãe 14B)

“Para o mais velho provoca senso de responsabilidade, agindo positivamente. Para o mais novo não acredito que interfira negativamente como ausência, pois mesmo trabalhando estou a disposição em qualquer horário, seja para levar ao médico, dentista, atividade esportiva, etc.”(Mãe 15B)

“Positivo: desenvolvimento social e intelectual na escola e negativo: menos tempo para atividades conjuntas – brincar.”(Mãe 16B)

“Sim. Sinto que muitas vezes ele faz coisas para chamar minha atenção, já teve fases (quando tinha entre 2 e 3 anos) que me chamava o tempo todo quando estávamos juntos, também os hábitos e a linguagem que aprende com outras pessoas é diferente (negativo).”(Mãe 17B)

“Minha filha vai para a creche desde os 7 meses de idade, posso dizer que esta acostumada mas se trabalho mais além do habitual percebo que ela fica mais agitada.”(Mãe 18B)

“Percebi que os meninos não ficaram muito bem quando sai para um evento científico por 6 dias.”(Mãe 19B)

“Acho que minha ausência em casa para trabalhar não provoca nada em meus filhos. Acho que sirvo de modelo para que saibam da importância

e tenham responsabilidades.”(Mãe 20B)

“Quando chego ele só quer colo da mamãe. Penso que muitas vezes pode ser "barda", outras carência mas na maioria "bardinha".”(Mãe 21B)

Como você descreve o seu trabalho?

“Meu trabalho é uma parte da minha vida. Parte que me faz feliz e me alimenta, assim como também me cansa, estressa e enrugaa. É uma dualidade dentro de mim.”(Mãe 1B)

“É bom, ocupa bastante a minha cabeça, me estimula, me sinto bem, me diverte e me estressa simultaneamente. Não me vejo como professora pelo resto da vida, mas de qualquer forma não consigo ficar sem trabalhar.”(Mãe 2B)

“Atividade de altíssimo estresse e cobrança social, além da especificidade de gerir situações de crise, crimes e desajustes sociais. Atualmente exerço atividades de gestão de público interno e gerência, desencadeando também problemas de ordem administrativa.”(Mãe 3B)

“Necessita dedicação plena, mas consigo conciliar plenamente com a maternidade, os horários não são muito flexíveis, mas com uma boa rede de apoio em casa, fica bom também. Amo o que faço e farei o possível para continuar trabalhando e cuidando das minhas filhas.”(Mãe 4B)

“Trabalho que exige dedicação, mas que oferece muita oportunidade. Nos da liberdade de horários o que facilita muito a disponibilidade com os filhos. Com isso, consigo trabalhar e mesmo assim deixar a família em primeiro lugar.”(Mãe 5B)

“Meu trabalho exige bastante de mim, inclusive fora do horário comercial, porém, quando decidi engravidar tomei também a decisão de diminuir a carga e o ritmo de trabalho, Assim, procuro fazer o máximo no período das 8 as 18 e o restante do tempo dedico a família.”(Mãe 6B)

“É um ambiente onde se exige muito trabalho e dedicação dentro da universidade e em casa também se leva trabalho.”(Mãe 7B)

“É bom. Gosto muito de dar aula e de fazer extensão mas é muito

estressante. Vivemos atrás de metas (nº de publicações, nº de orientandos, nº de projetos aprovados, nº nº nº) e atrás de burocracia.”(Mãe 8B)

“Meu trabalho tem uma carga grande de stress e aborrecimentos. Ouço o dia todo pessoas queixando-se de tudo. Trabalho com pessoas doentes, sem conhecimentos de suas situações e reais necessidades e tudo no serviço público.”(Mãe 9B)

“O meu trabalho exige muita dedicação, responsabilidade, tranquilidade, imparcialidade e tempo. E extenuante, mas também gratificante, não me vejo exercendo outra atividade.”(Mãe 10B)

“Por ser autônoma, faço meu horário, o que facilita a organização familiar. Adaptável a uma vida com filhos, horários certos, eu faço minhas férias.”(Mãe 11B)

“Meu trabalho é cansativo, trabalho com crianças e as vezes chego em casa irritada com barulho e manhas e acabo descontando nela. Mas o horário é flexível e caso precise eles me liberam.”(Mãe 13B)

“Tenho 2 profissões que na pratica são diferentes e posso afirmar que me completam. Tenho prazer em trabalhar e me sinto realizada.”(Mãe 14B)

“Trabalho intenso, necessita de muita atenção, estudo e dedicação, porém extremamente gratificante.”(Mãe 15B)

“Gratificante, agitada, sou apaixonada por meu trabalho e profissão.”(Mãe 16B)

“Gosto do meu trabalho, me sinto realizada, mas gostaria de trabalhar numa carga horaria menor.”(Mãe 17B)

“Atualmente meu trabalho é enriquecedor, no sentido de conhecimento.”(Mãe 18B)

“É um trabalho interessante, mas tenho que tomar cuidado para não trabalhar muito além das 40 horas semanais. Sempre há novas coisas, eventos e muitas vezes, deixo pouco tempo para a família.”(Mãe 19B)

“Agradável, recompensador e útil para a sociedade.”(Mãe 20B)

“Rotina diária na qual sinto prazer em estar todos os dias.”(Mãe 21B)

Como o casal administra a renda? Explique:

Reúne as rendas e pagam as contas juntos	12 casais
Divide as despesas e não juntam as rendas	5 casais
O marido paga as contas e a renda da mulher é exclusiva para gastos dela	0 casais
outro	“eu pago todas as contas e meu marido guarda o dinheiro”

APÊNDICE I

Transcrição Questionários Homens GRUPO B

Conte-me a sua história como filho:

“Por ter pai militar e avô muito rígido, sempre fui criado com muita disciplina e respeito a hierarquia. Sempre fui um filho obediente e que gostava de ser assim. Em função do exército nos mudamos constantemente durante a minha infância, reforçando o meu gosto pela leitura e estudos.” (Pai 1B)

“Foi um momento ótimo da minha vida, pois sempre tive a presença dos meus pais em todos os projetos e problemas da minha vida. Venho de uma família classe media, porém muito estruturada, humilde e conservadora.” (Pai 2B)

“Sou filho adotivo, minha mãe era solteira e como sempre quis ser mãe, me adotou. Ela era professora, minha criação foi junto com a avó materna. Nunca tive problemas pela condição de ser adotado. Nunca reagi negativamente por isto. Minha formação foi excelente.”(Pai 3B)

“Fui criado com pai e mãe trabalhando. Meu pai trabalhando em período integral e minha mãe optou por diminuir sua carga de trabalho. Ficava mais tempo com a mãe, porém tive grande aprendizado com meu pai, sempre estando com ele em seus horários vagos. Gostei da minha vida como filho sempre.”(Pai 4B)

“Criado pelos avos maternos, convivendo com uma irmã e primos. Conheci outros irmãos após os 18 anos.”(Pai 5B)

“Primogênito. Tenho mais duas irmãs. Pai e mãe ainda vivos e saudáveis. Infância e adolescência sem grandes turbulências familiares.”(Pai 6B)

“Sempre tive muito carinho dos meus pais, que tentaram me ensinar (educar) da maneira que achavam melhor. Como filho sou fruto desse amor que recebi. Sempre tive o apoio dos meus pais e estes sempre estiveram presentes em todos os momentos, tanto meus quanto dos meus irmãos.”(Pai 7B)

“Meus pais eram trabalhadores rurais, semi-analfabetos. Tenho 5 irmãos, sendo uma irmã a mais velha de todos. Eu sou o terceiro filho. A diferença de idade entre os irmãos são de aproximadamente 2 anos.”(Pai 8B)

“Filho único, meus pais foram casados ate meus 4 anos. Quando minha mãe tinha 24 anos e meu pai 27, eles se divorciaram. Morei com minha mãe e meu avô ate os 12 anos, aos 12 anos. Dos 13 aos 15 anos com meu pai e depois até os 26 anos com minha mãe. Tenho duas irmãs com 10 anos de diferença, uma por parte de pai e outra de mãe. Ha 8 anos descobri um irmão "perdido" que tem 2 anos a menos que eu.”(Pai 9B)

“Bah!!! Acho que fui um bom filho, incomodei um pouco na adolescência, mas tenho convicção que a minha mãe foi muito importante para impor limites e "empurrar" pra frente quando os obstáculos apareciam. Acho que hoje em dia meus pais tem orgulho dos filhos.”(Pai 10B)

“Filho mais velho.”(Pai 11B)

“Sou o filho mais novo de três, minha mãe ficou comigo até os 2 anos, depois fui para creche para ela poder trabalhar.”(Pai 13B)

“Sou o filho mais velho dentre outros três irmãos, de um pai rígido e uma mãe muito amorosa. Sempre tive minhas responsabilidades desde 8 anos. Comecei a trabalhar com meu pai aos 17 anos e sempre tivemos uma relação entre irmãos muito boa e amorosa.”(Pai 14B)

“Desde a infância estimulado ao estudo e prática desportiva, com excelente relacionamento com pai e mãe. Mantemos contato quase que diário, com muitas visitas na casa deles, quando levo toda minha família.”(Pai 15B)

“Minha relação com meus pais sempre foi e é de muito respeito e amizade, desde a infância com meus 2 irmãos mais velhos, como meus pais sempre trabalharam fora, desde cedo minha mae nos ensinou a fazer todas as tarefas diárias de um lar, nunca tivemos problemas com isso. Eu e meus irmãos recebemos uma educação de muito respeito com as pessoas que agradeço ate hoje pela formação do caráter que tive com a educação que recebi.”(Pai 16B)

“Sou filho adotivo, meus pais adotivos já tinham duas meninas e me adotaram, pois meu pai biológico faleceu quando minha mãe estava grávida.”(Pai 17B)

“Sou filho único de meu pai, e tem mais 4 irmãos da parte da minha mãe. Fui criado basicamente pela minha mãe e irmãos, não tinha muita referência de pai, devido a problemas mentais do meu pai, embora sempre me senti amado e recebia carinho sempre (mais do pai do que da mãe).”(Pai 18B)

“O quarto filho de 4, tendo 2 irmãs e 1 irmão pois ainda vivos e casados.”(Pai 19B)

“Nascido em porto alegre sou o mais novo de 3 irmãos. Meu pai era mecânico e minha mãe do lar. Entre os irmãos a idade era de 12 anos das minhas irmãs (mais velhas) para o meu irmão e de 11 anos de meu irmão para mim. Fomos criados de maneira tradicional. os 3 irmãos tem curso superior e família constituída.”(Pai 20B)

“Criado em bairro, na rua, bagunceiro, amado pelos pais, 2º filho de um total de 4.”(Pai 21B)

O que você acha que mudou “no ser pai”, desde seu avô, passando por seu pai, até você?

“Acredito que a minha maior mudança, em relação ao meu pai e ao avô, foi a minha escolha de ser presente na criação dos meus filhos. Como meu pai era médico do exército, pouco ele ficava em casa. Tive pai e avô ausente e que exerciam muita cobrança. Ao ter meus filhos, prometi a mim mesmo ser mais presente na vida dos meus filhos para não me arrependar depois por não ter participado ativamente na criação e educação deles (como meu pai se arrepende hoje em dia).”(Pai 1B)

“Em virtude do momento vivido, em cada época as prioridades mudam de acordo com a complexidade do mundo. O apoio da tecnologia (DVD, TV) tem ajudado muito e tem um papel crucial hoje com meu filho que antes não tinha mais.”(Pai 2B)

“Não tive pai, nem avô. Mas como pai, me realizei intensamente. A

constituição de uma família (esposa e filhos) trouxe um novo norte para mim.”(Pai 3B)

“Com meu avô o número de filhos era bem maior e a responsabilidade financeira recaía sobre o pai, tendo que focar mais nisto. Com meu pai esta tarefa já era dividida, mas com maior foco financeiro para o pai. Hoje vejo essa parte comparada. A atenção aos filhos não mudou, mudou o tempo para eles e as tarefas realizadas com eles.”(Pai 4B)

“A disponibilidade de poder estudar.”(Pai 5B)

“A experiência da paternidade é intransferível. Só depois de ser pai é que eu conheci a importância e a magnitude de todos aqueles valores que como filho eu observava em meu pai e minha mãe, tais como cuidados, responsabilidade e preocupação pelo futuro dos filhos.”(Pai 6B)

“Meu avô teve 10 filhos, era agricultor, morava no interior, numa época em que não havia assistência, partos eram em casa e trabalhavam para colocar a comida na mesa. Meu pai passou mais tempo comigo, brincou, jogou bola, me ensinou mais que ele aprendeu e foi menos rígido que meu avô. Eu estou aprendendo a ser pai.”(Pai 7B)

“Tive pouca convivência com meus avôs. Em relação a meus pais acho que eles não tinham muito tempo para dedicar aos filhos. Eu acho que dedico bastante tempo aos meus filhos e permaneço um bom tempo com eles.”(Pai 8B)

“A mudança mais significativa foi no método de educação. O mundo sofreu alterações que exigem mais atenção e diálogo entre pais e filho. Meu avô provavelmente nunca deu banho no meu pai, o meu pai deve ter dado banho em mim algumas vezes, eu dou banho em meus filhos diariamente. Acredito que o pai assumiu seu papel tarde demais.”(Pai 9B)

“Menos do que se propaga. Hoje em dia tem muitas facilidades, mas no fundo o papel continua parecido. Acho que hoje em dia existem mais desculpas para quem quer fugir de sua responsabilidade.”(Pai 10B)

“Hoje os pais brincam e participam mais da vida do filho. Além disso, assume-se mais o que se sente, pais falam "eu te amo" para os

filhos.”(Pai 11B)

“Temos mais responsabilidade em todos os sentidos, eu como pai tento não cometer os mesmos erros que eles, dando mais prioridade a família do que a outros.”(Pai 13B)

“Severidade, diálogo, castigo, formas de brincar com os filhos.”(Pai 14B)

“Grau de rigidez no relacionamento pais e filhos diminuiu muito, tive pouco relacionamento com meu avô paterno, que faleceu quando eu tinha 6 anos. No entanto, vejo que os relacionamentos entre eu e meu pai tem se tornado mais flexível no que diz respeito as conversas, com menos imposição de vontades e mais liberdade para agir, tanto dos pais quanto dos filhos, e acredito ainda que esta liberdade e respeito à individualidade deve ser respeitada e ampliada, mas nunca deixando de mostrar ao filho seu posicionamento quando necessário.”(Pai 15B)

“O que mudou, foi que hoje, minhas filhas são influenciadas pelas companhias, pela mídia e pelo mundo dinâmico que as cercam. No tempo de meus pais e avós, o mundo deles se restringia ao lar e a própria família sem acesso à informação que hoje nos cercam. Eu penso o seguinte: o filho sempre tem que ser melhor que o pai, em termos de ser humano, de homem, de caráter e boa índole.”(Pai 16B)

“Meu avô era bastante rígido, positivo e sério, meu pai continuou no mesmo ritmo e eu procuro passar para meu filho esse aspecto positivo de seriedade, honestidade, por isso acho que não mudou muito o ser pai.”(Pai 17B)

“Nada.”(Pai 18B)

“Acho que hoje os papéis na família podem ser mais diversos que antes.”(Pai 19B)

“Acho que o que mais mudou foi o tipo de relacionamento entre pais e filhos. Considero que antigamente a relação era mais formal e atualmente existe uma abertura maior, com mais conversa e demonstrações de afeto.”(Pai 20B)

“Presença e participação do pai, divisão das tarefas domésticas.”(Pai 21B)

Como foi a gestação da sua esposa?

“Em termos gerais foi ótima, principalmente nos cuidados com a gestação. Porém, foi uma dificuldade tremenda quanto à organização familiar. A gente se mudou para longe, não conhecíamos quase ninguém, teríamos que permanecer sozinhos aqui depois do nascimento. Não tínhamos planejado nada disso.”(Pai 1B)

“Foi muito tranquila, calma, não tivemos problemas. Foi muito melhor que imaginado em todos os sentidos, mesmo eu tendo sentido mais desejos que minha esposa.”(Pai 2B)

“Nossa vivência foi tranquila, nossa expectativa ótima. A gestação foi saudável e de muito amor.”(Pai 3B)

“Boa.”(Pai 4B)

“Muito tranquila, sem problemas.”(Pai 5B)

“Saudável e regular. Todos os cuidados foram tomados, mas sem exageros.”(Pai 6B)

“Foi um período muito alegre, sem complicações e com todas as famílias, tanto do meu lado, quando dela bastante ansiosos para saberem as novidades, como tinha sido os exames e no dia do parto todos vieram conhecer a nossa filha.”(Pai 7B)

“As gestações da minha esposa de maneira geral foram muito tranquilas.”(Pai 8B)

“Agitadas, porém felizes. Na primeira gestação, se manteve ativa, já na segunda, por conta de uma doença, se afastou do trabalho.”(Pai 9B)

“Ótima, os pequenos imprevistos nós administramos bem.”(Pai 10B)

“Tranquila.”(Pai 11B)

“Foi bem agitada, pois não tínhamos casa própria, morávamos com a

minha mãe, ai não deu certo, fomos morar com a minha sogra que mesmo tendo seus altos e baixos tivemos que aguentar.”(Pai 13B)

“1ª gestação muito tranquila, com relação a saúde, 2ª gestação mais desconfortável por ser verão, mas sempre trabalhando normalmente.”(Pai 14B)

“tranquila, sem passagens marcantes a não ser as normais.”(Pai 15B)

“As duas foram bem tranquilas, tendo como consequência partos tranquilos e normais.”(Pai 16B)

“Foi boa.”(Pai 17B)

“No começo foi um pouco difícil, mas com o tempo melhorou no sentido do relacionamento.”(Pai 18B)

“2 vezes, em geral boa. Ia vez resultar em cesárea não querendo.”(Pai 19B)

“Foi um pouco difícil pois tivemos 2 abortos anteriormente então, desde o início foram tomados cuidados especiais.”(Pai 20B)

“Maravilhosa.”(Pai 21B)

Após a licença maternidade do nascimento de seu filho, você opinou sobre a opção de sua esposa retornar ao trabalho ou ficar em casa para cuidar dele? Caso positivo, quais foram seus argumentos?

“Sim. Na verdade não tínhamos muitas opções. A “L” fazia residência médica e a especialização era um sonho para ela. Morávamos em Lages SC por causa da residência, logo ela voltar a trabalhar era requisito obrigatório para ela obter o título. Além disso, era um jeito dela voltar a exercer a profissão dela.”(Pai 1B)

“Sim. Pela questão financeira, pois tínhamos mais um membro na família e o desejo de ter uma casa própria. Além do que o contrato seria perdido em seu trabalho caso não retornasse.”(Pai 2B)

“Não.”(Pai 3B)

“Sim. Para ela não sacrificar totalmente suas ambições como antigamente. Depois não conseguiria recuperar isso. E por ser um pai ativo no cuidado com os filhos em horários que não estou a trabalhar, há maneiras de conciliar. Também cito a parte financeira.”(Pai 4B)

“Não.”(Pai 5B)

“Acho que o acompanhamento da mãe nos primeiros meses de vida da criança deve ser integral. A condição do recém nascido exige isso.”(Pai 6B)

Não respondeu - Pai 7B

“Não.”(Pai 8B)

“Não.”(Pai 9B)

“Não.”(Pai 10B)

“Não.”(Pai 11B)

“Sim, que precisávamos de mais uma renda.”(Pai 13B)

“Não.”(Pai 14B)

“Sim, todo ser humano se sente valorizado quando produz, quando é útil, melhor a auto estima e também induz ao reconhecimento do trabalho de todos os eu a rodeiam. Ademais, as despesas de um lar dificilmente são capazes de ser suportado por um dos cônjuges devido ao alto custo para manutenção de um lar atualmente. E ainda pelo fato de que ambos querem passar tempo com seus filhos, e se um só tiver que prover o sustento financeiro, demandara muito tempo fora de casa, atrapalhando o convívio familiar.”(Pai 15B)

“Não. O meu incentivo foi para que minha esposa voltasse a trabalhar obviamente, até porque não há motivos para que ela ficasse em casa. Uma ótima mulher, uma ótima profissional, uma mulher moderna tem seu lugar garantido na sua área profissional.”(Pai 16B)

“Não.”(Pai 17B)

Não respondeu - Pai 18B

“Não.” (Pai 19B)

“Sim, que trabalhar seria bom, pois depois de quase 5 meses em casa devido a licença retornar a rotina de trabalho seria bom.”(Pai 20B)

“Sim, Importância do momento passageiro.”(Pai 21B)

Há pontos positivos dela ter retornado ao trabalho? Quais?

“Com certeza sim. Ela voltou a sair mais de casa, voltou a conviver com outras pessoas, saiu da rotina de viver so as coisas de casa. Ela não tem perfil de quem não trabalha. Ela se irrita com isso e precisa dessa saída.”(Pai 1B)

“Estamos conseguindo construir um futuro melhor e mais adequado para nosso filho. Estamos construindo nossa casa própria.”(Pai 2B)

“Nosso trabalho, por sermos funcionários públicos faz com que retornemos ao fim do prazo legal de afastamento.”(Pai 3B)

“Sim. Sua auto estima e vontade de fazer o que gosta. Alem da parte financeira, fica mais independente. E os filhos precisam de auxílio monetários para muitas coisas, como estudo normalmente.”(Pai 4B)

“Sim. O filho iniciou mais cedo a interação com outros (pessoas), pois foi para a escola com 7 meses.”(Pai 5B)

“Sim. A experiência de ir à escolinha sociabiliza a criança”(Pai 6B)

“Pelo fato de manter o emprego e por ser a principal fonte de renda do casal.”(Pai 7B)

“Sim. Em primeiro lugar porque minha renda não é suficiente para prover as necessidades da minha família. Segundo porque todas as pessoas devem exercer uma profissão com remuneração para terem sua independência financeira.”(Pai 8B)

“Rotina e responsabilidades definidas, autonomia junto aos filhos e menor tempo de contato diário, recaindo maior independência para ambos.”(Pai 9B)

“Sim. É vida que segue!!! Basta organizar e inteirar-se da casa e claro, ter condições de delegar as atividades domésticas.”(Pai 10B)

“Quando ela trabalha fica melhor humorada”(Pai 11B)

“Sim, a auto estima dela melhorou por se sentir mais útil e também conseguimos manter nossa filha.”(Pai 13B)

“Sim, aumento da renda, prosseguimento na carreira e nunca cogitamos de parar de trabalhar.”(Pai 14B)

“Sim, como dito anteriormente o fato de os dois trabalharem permite divisões de tarefas tanto familiares como financeiras o que permite o convívio familiar com qualidade.”(Pai 15B)

“Retorno a vida profissional elevando sua auto estima como mulher, mãe, profissional competente”(Pai 16B)

“Sim. Continuar nas suas funções, continuar a estudar, mesmo realizando suas funções de dona de casa e mãe.”(Pai 17B)

“Sim, principalmente a irritabilidade, após começar a trabalhar ela ficou mais tranquila, possivelmente porque ela gostava do trabalho que desempenhava.”(Pai 18B)

“Sim, desenvolvimento pessoal, renda.”(Pai 19B)

“Sim, pois ela foi sempre muito ativa no trabalho e o retorno a fez sentir-se útil e produtiva novamente.”(Pai 20B)

“Sim, ocupação com atividade importante e que ela gosta.”(Pai 21B)

Há pontos negativos dela ter retornado ao trabalho? Quais?

“Apesar de ser uma vantagem o retorno, o estresse inerente da atividade

profissional é um grande ponto negativo. Outro ponto é o fato de se afastar do “L” por 8 horas. Isso é bastante negativo. Por fim, entregar parte da educação para terceiros é muito complicado.”(Pai 1B)

“Pouco tempo para ficar com nosso filho e nos dedicarmos a educação dele.”(Pai 2B)

“Nenhum.”(Pai 3B)

“Sim. Fica menos tempo que gostaria com as crianças no início sente bastante a retomada da atividade.”(Pai 4B)

“Nenhum.”(Pai 5B)

“Não, mas a ausência da mãe deve ser bem compensada, como momentos de presença participativa, educativa e afetiva.”(Pai 6B)

“Sim. O aprendizado na maior parte do tempo vem da professora da escola.”(Pai 7B)

“Não. Talvez se ela não retornasse ao trabalho dedicaria mais tempos às crianças, mas certamente ela seria uma pessoa frustrada profissionalmente o que provavelmente tornaria o casamento muito difícil.”(Pai 8B)

“Aumento do nível de estresse e cansaço, além da saudade dos filhos.”(Pai 9B)

“Somente pequenos transtornos. Nada que justifique ao meu ver, o afastamento de suas atividades.”(Pai 10B)

“Não sei.”(Pai 11B)

“Não vejo pontos negativos.”(Pai 13B)

“Não.”(Pai 14B)

“Sinceramente, não vejo pontos negativos, o trabalho é importante, e no nosso caso específico, nem que pedisse ela se submeteria a ser somente dona de casa, pois é muito ativa e independente.”(Pai 15B)

“Não vejo.”(Pai 16B)

“Não.”(Pai 17B)

“Não.”(Pai 18B)

“Sim, menos tempo pela família, relocação da família.”(Pai 19B)

“Não, pois tínhamos uma pessoa de confiança para cuidar do bebê.”(Pai 20B)

“Nenhum.”(Pai 21B)

Você acredita que a relação de sua esposa com seus filhos é influenciada pela ausência dela em casa? Em que?

“Com certeza. A presença da “L” ameniza o ambiente e reforça a autoridade minha enquanto pai. Além disso, como os familiares moram longe sentimos falta quando alguém se ausenta.”(Pai 1B)

“Sim. Pois um dia cansativo de trabalho influencia no período que fica me casa, diminui a paciência. A cobrança com a criança é maior em virtude de ficar pouco tempo em casa por exemplo na arrumação da casa.”(Pai 2B)

“Não há influência negativa, tentamos mostrar a ele a necessidade de trabalharmos, e que o trabalho engrandece a todos.”(Pai 3B)

“Sim. O filho acaba tendo menos tempo para expor suas ideias aos pais, mas isto é relativo, há de se encontrar um ponto de equilíbrio com a criança.”(Pai 4B)

“Não.”(Pai 5B)

“Não influenciada, mas um pouco modificada pelo fato de trabalhar fora. Se passassem 24 horas juntas todos os dias, a referência do mundo exterior, importante para o desenvolvimento emocional e social de nossa filha, seria reduzida e a mãe teria menos elementos para ensinar a filha sobre a vida em comunidade.”(Pai 6B)

“Não só a relação da esposa, mas a minha também. Tentamos aproveitar o máximo possível de tempo com a filha, com brincadeiras, músicas, no pátio e também com atividades fora de casa.”(Pai 7B)

“Não. A relação dela com as crianças é em função das suas convicções e não pelo trabalho exercido fora do lar.”(Pai 8B)

“Não. O trabalho não afasta-a de suas obrigações, tampouco interfere no relacionamento. Nossos filhos tem pais presentes, mesmo com a carga de trabalho pesada e em turnos variados.”(Pai 9B)

“Acho que sim, mas não vejo o que seja negativo, ao menos por enquanto.”(Pai 10B)

“Não sei responder porque minha esposa sempre trabalhou, não conheço o outro lado, mas não acredito que haja prejuízo.”(Pai 11B)

“Não, pois ela é muito coerente e consegue suprir o tempo fora da forma correta.”(Pai 13B)

“Mesmo trabalhando não perdeu-se o foco, ou seja, a prioridade são os filhos.”(Pai 14B)

“Com bom planejamento de tempo, não entendo que ocorra ausência no caso concreto.”(Pai 15B)

“Não tem nenhuma.”(Pai 16B)

“Sim. Às vezes percebemos que o filho faz coisas para chamar a nossa atenção.”(Pai 17B)

“Não.”(Pai 18B)

“Sim, eles sintam falta dela.”(Pai 19B)

“Acredito que as vezes sim, pois quando ela entra muito fundo em uma atividade de trabalho ela diminui a atenção aos filhos.”(Pai 20B)

“Não.”(Pai 21B)

Como você utiliza seu tempo livre? Explique:

“Utilizo para o trabalho, para planejar as atividades, para ficar com a esposa e jogar jogos (videogame, pocker, cartas, etc). O restante do tempo cuidando das crianças.”(Pai 1B)

“Em primeiro lugar fazer planejamento e atividades de trabalho, e todo tempo restante é dedicado ao filho, passear, brincar, fazer comida, ver filme.”(Pai 2B)

“Faço afazeres domésticos, resolvo coisas pessoais e também relacionadas ao casal, filhos e casa.”(Pai3B)

“Tentando passar com a família e compensando horários que não passo estar presente sempre tentando direcionar para a família. Tento também ficar com as crianças o máximo quando a mãe tem de trabalhar.”(Pai 4B)

“Faço sauna, passeio/viagem com a família. Atividades em casa, churrasco.”(Pai 5B)

“Passatempos diversos, leituras, ócio, passeios familiares.”(Pai 6B)

“Livre? Sempre que estou em casa procuro curtir o tempo com a filha e a esposa. Depois que a filha dorme, tento organizar minhas coisas e preparar as aulas somente quando ela esta na escola.”(Pai 7B)

“Meu tempo livre fico com minha família, brinco muito com meus filhos. Converso muito com eles, conto histórias e fazemos várias coisas juntos.”(Pai 8B)

“Quando posso ficar em família, sempre priorizo a união, mas quando estou sozinho, aproveito para ler e assistir aquilo que me interessa. Coisas simples que fazem toda diferença em minha vida. Me sentar e ter uma hora de silêncio ou só para mim, me faz feliz e conforta.”(Pai 9B)

“Com a família, nunca fazemos refeições separadamente, a cada 10 ou 20 dias viajamos, vemos filmes juntos, mas eu geralmente durmo...”(Pai 10B)

“Brincando com as crianças.”(Pai 11B)

“Normalmente fico em casa assistindo um filme e curtindo a família.”(Pai 13B)

“Sempre com a família.”(Pai 14B)

“Pratica desportiva integrando os filhos no esporte que pratico e buscando participar da prática desportiva de preferência dela, e também viagens e passeios sempre que possível.”(Pai 15B)

“Estudando, passeando com minha família, fazendo brincadeiras para o entretenimento das minhas filhas.”(Pai 16B)

“Aproveito para descansar e para ir para o sítio com a família.”(Pai 17B)

“Descanso e passeios com a família.”(Pai 18B)

“Praticamente não tenho. O que tenho computador e filmes.”(Pai 19B)

“Brincando com os filhos, fazendo consertos na casa (manutenção da casa e jardim) , vendo filmes.”(Pai 20B)

“Leitura, cuidados com a casa, brincar com o filho.”(Pai 21B)

ANEXO

ANEXO A

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
TERMO DE AVALIAÇÃO E APROVAÇÃO**

O projeto de pesquisa, intitulado: “**DIFERENÇAS ENTRE MULHERES PROFISSIONAIS QUE ABANDONARAM SUAS CARREIRAS PARA CUIDAREM DOS FILHOS E AQUELAS QUE CONTINUARAM AS ATIVIDADES PROFISSIONAIS.**”, protocolado no CEP- UNIPLAC sob o número **084-13**, de responsabilidade da pesquisadora **EVERLEY ROSANE GOETZ**, foi avaliado e **APROVADO** junto ao plenário do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIPLAC, na reunião ordinária realizada em dezessete de julho do corrente ano, estando de acordo com as normas vigentes na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde, e em suas complementares (Resoluções 240/97, 251/97, 292/99, 303/00 e 304/00 do CNS/MS) que regulamentam a pesquisa envolvendo seres humanos.

A pesquisadora responsável deverá apresentar relatório até 15/06/2014 a este CEP, informando os resultados finais/parciais do projeto, bem como informar a data de conclusão da pesquisa.

Lages, 19 de dezembro de 2013.

Odila Maria Waldrich
Coordenadora do CEP-UNIPLAC